

REVISTA DA SEMANA

Nº 11

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

15-3-47





SYLVIA SIDNEY

GOSTA DE CUIDAR DO SEU LAR

Sylvia Sidney, a par de ser uma das mais ocupadas estrelas do momento, não descuida dos seus deveres de dona de casa. Não sendo grande apreciadora da vida noturna de Hollywood sempre que não está trabalhando ante as câmeras Sylvia aproveita seu tempo cuidando da arrumação e decoração de seu lar, que é um dos mais interessantes de Hollywood. Nas fotos que ilustram esta página vemos a estrela de "The Sear Ching Wind", examinando um retrato de seu filho Jody, de seis anos, pintado por Fletcher Martin, descansando um pouco após um dia estafante de filmagens, e finalmente escolhendo um volume na sua variada biblioteca, aliás a leitura é um dos mais apreciados passa-tempo de Miss Sidney.





UMA notícia política sensacional nos vem de São Paulo: o senhor Roberto Simonsen, líder da Federação das Indústrias, aparece na apuração final das eleições para senador, naquele Estado, à frente do pintor Candido Portinari, que já era considerado eleito... Mas a votação do interior o deixou para trás... Surpresas do voto secreto! O senhor Roberto Simonsen, que já ganhara de "barbada" uma eleição para a Academia Brasileira de Letras, tem agora um outro "fauteuil" ali bem perto do Petit Trianon, no Palácio Monroe... Ao mesmo tempo, está de parabéns a pintura nacional. Candido Portinari, que poderia ser um péssimo senador, continuará a ser um excelente pintor, agora que se vê politicamente derrotado... Por falar em pintura e em pintor... Excelente, a frase do acadêmico Peregrino Junior, qualificando o senhor Osvaldo Teixeira de Vicente Celestino da pintura nacional. Diz o autor de "Matupá" que o senhor Osvaldo Teixeira dá dois-de-peito nos seus quadros, de resto antiquados e sem personalidade... O senhor Clemente Mariani continua a dirigir o Ministério da Educação e Saúde Pública com certa moleza. Até hoje não foram substituídos o diretor do Museu de Belas Artes e o diretor do Serviço Nacional de Teatro. No ano passado, já não tivemos "Salão Oficial". Este ano, talvez o mesmo aconteça... Quando ao S.N.T. está em plena acefalia... As famosas Goldwyn Girls deram ao Rio um ar de sua graça, servindo como "baliho" para o lançamento do novo filme de Danny Kaye, "Um rapaz do outro mundo". Ninguém discute a excelência da comédia, mas é difícil descobrir em que cena as Goldwyn Girls aparecem nele... Domingo, as Goldwyn Girls foram tomar banho de mar em Copacabana, mas não fizeram sucesso algum, mesmo porque havia por lá dezenas de pequenas brasileiras que não entraram no recente concurso de sereias mas eram muito mais bonitas... Samuel Goldwyn precisa apurar mais um pouco o seu bom gosto... A nota sensacional do "week-end" foi o novo caso do diplomata brasileiro Soares de Pina, que, na Quitandinha, em Petrópolis, repetiu as suas estrepitosas do Hotel Nacional de Moscou, deixando em situação difícil os que o defenderam no rumoroso incidente da Rússia, encerrado de forma tanto esquisita... Vem dos Estados Unidos uma caravana de cientistas, afim de observar no Brasil, em Bocaiuva, no Estado de Minas, um eclipse total do sol que ocorrerá no mês de maio. Chegou ao Rio de Janeiro, em viagem de estudos, o professor norte-americano D. Lee Hamilton, que publicou nos Estados Unidos a antologia "Contos do Brasil", com Ned Carey du Fahs, contendo contos de Monteiro Lobato, Machado de Assis, Marques Rebelo, Gastão Cruls, Ribeiro Couto, R. Magalhães Junior e outros. E' também o autor de "Conversas sul-americanas", para o ensino de espanhol e português nas universidades do seu país. Minas Gerais lançou a candidatura do senhor Virgílio de Melo Franco à presidência da U.D.N., desde que o senador José Américo de Almeida alegou razões plausíveis para não aceitá-la. Empossou-se no governo do Ceará o desembargador Faustino de Albuquerque, que, no prélio das urnas, derrotou o general Onofre Muniz. Foram diplomados os vereadores do Distrito Federal, logo em seguida convocados para a instalação da Câmara Municipal a 14 do corrente. A nota ridícula da semana foi o desafio que o ex-procurador do Tribunal Monstro, — o T.S.N., — senhor Himalaia Virgolino, lançou ao vereador Carlos Lacerda, através dos jornais e do seu "padrinho", senhor Adalberto Correia. O vereador não levou o caso a sério. O senhor Himalaia Virgolino, pelo visto, resolveu passar de acusador a réu, proibido, como é, pelas leis, o duelo em nosso país... O senhor Silvestre Péricles de Góes Monteiro, que vai tomar posse do governo de Alagoas, faz esta declaração apocalíptica: "No meu Estado, se os comunistas puserem a cabeça de fora, eu corto!" E, ao mesmo tempo, se anuncia que ele vai publicar um livro de versos, sob o título de "No tempo das rimas", com prefácio do acadêmico Menotti del Picchia. O governador é um poeta, embora truculento. Foi nomeado interventor na Comissão Central de Preços o coronel Mario Gomes da Silva, por ter o presidente da República começado a desconfiar da inocuidade das providências tomadas pelo ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, senhor Morvan de Figueiredo... O juiz José de Aguiar Dias condenou a 15 dias de prisão o capitão-tenente farmacêutico da Armada, Vicente de Paula Castilho, por se ter recusado a prestar um depoimento, retirando-se da sala de audiências sob a alegação de que não podia esperar pelo juiz. Cumprida a ordem de prisão, pelo ministro da Marinha, o capitão-tenente deu explicações cabais ao juiz, negando que tivesse a intenção de menosprezar a justiça, — e a sentença foi relaxada. Mais uma vez foi preso o conhecido escroque Ernesto Fisher Marins, o homem que já esteve noivo centenas de vezes, acabando sempre por desperdiçar as economias das suas vítimas, depois de captar-lhes a confiança... Dos Estados Unidos, terra dos prodígios, vem-nos este telegrama, que devia ter sido publicado com o título de "Acredite, se quiser": "Um nenê que nasceu três meses fora do tempo normal, pesando pouco mais de meio quilo, foi o herói de um milagre da medicina, sobrevivendo a sua quase fatal condição. As enfermeiras do Manhattan Hospital agora, falando do caso citam-no como o "Caso do Nenê Miraculoso". Para espanto de todos o minúsculo petiz pode mamar, ainda que em mamadeira. Be oleado, foi envolto em cueiros de algodão e colocado numa incubadora e se alimenta de "whisky" de centelo misturado com leite de vaca". E com esta nos despedimos, convencidos de que o mundo marcha para a concepção ultra-rápida e para a maternidade pelo sistema-facilitário...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5º — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias, estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

* * *

CONCURSO DE ROMANÇOS — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal; "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grotta Carreiro.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

Loatheria

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Este, o grande momento da vida do jóquei: a conquista de um Grande Prêmio. Glória fugaz e enganosa como não há outra. Amanhã, se fracassar com um "carne assada" que seja a força do pareo, os mesmos "fans" que hoje ovacionam o seu nome, hão de chamá-lo de ladrão para baixo. A foto mostra um flagrante da vitória de Leguisano, com "Filon", no Grande Prêmio Brasil de 1945.

É PROIBIDO ENGORDAR!

PORQUE OS QUE ENGORDAM PERDEM O EMPREGO...

Jóquei já nasce feito — Cinquenta vitórias aos dezessete anos — De peão nos sertões de Minas Gerais a ganhador do "Grande Prêmio Brasil" — Jóqueis diaristas e mensalistas — Família em que todos os filhos exercem a profissão... — Um que voltou de jóquei a cavalariço — O último posto da carreira: "Entraîneur" — Vida incerta, mas empolgante...

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

A ESCALADA

DENTRO da vasta organização que é o turfe profissional, o jóquei pontifica como um ídolo, embora como ídolo "sur-generis", de frágeis pés de barro, elevado no sábado a herói e destronado vinte e quatro horas depois, no domingo, sob os apupos da assistência e às vezes até de bofetões, do dono do puro-sangue, que quase nunca se conforma com a derrota do cavalo. O reporter, completamente leigo em matéria de corridas, bolos simples e duplos acumulados e "bettings", resolveu mostrar aos não "entendidos" o que é a vida desses heróis intermitentes dentro e fora da pista de corridas. Queremos frisar antes de mais nada que esta reportagem vai olhar o "metier" com os olhos de um dilettante. Os farejadores de "barbadas" e outras especulações do prado não procurem encontrar aqui palpites ou explicações técnicas. O próprio "arrot" profissional fomos aprendê-lo por ocasião das nossas visitas.

JÓQUEI JÁ NASCE FEITO...

Um membro da Comissão de Corridas do Jockey Brasileiro assegurou-nos, com sua autoridade de vinte e sete anos de trabalho no turfe:

— Pode escrever e que lhe digo: jóquei é como jogador de futebol: já nasce feito. O garf traz consigo a habilidade que irá mais tarde aprimorar nos treinos. Não se faz nas cavalariças um profissional de bridão. Apenas estimula-se e aperfeiçoa-se os que têm essa inclinação de nascença. Se você não acredita, veja a história de cada um e veja como começaram.

Seguimos o conselho. Escolhemos ao acaso alguns desses profissionais. Todos desde pequenos demonstraram inclinação pela profissão adotada. Há também os que se julgam capazes de vencer durante anos e nunca passam de cavalariços.

O jóquei, sem exceção, começa de baixo, muito de baixo mesmo. Se o rapaz tem amor aos cavalos e desde bebê sabe galopar num "pingo" e — ainda mais — se acredita que, quando homem, o seu peso não chegará a sessenta quilos, pode procurar qualquer uma das coudelarias que existem anexas ao prado de corridas. Será bem recebido. Ele não verá o conhecido papelão com os dizeres "não há vagas". Há sempre falta de bons profissionais e por isso o tratador da coudelaria ou "stud" se prontificará a pescar suas possibilidades. Para começar receberá o título de "cavalariço" e aprenderá a tratar de um cavalo do focinho à cauda. Aprenderá a montar bem, a conhecer as manhas dos animais, a banhá-los, escová-los, enfim pagará num "batente duro". Como cavalariço passará um ano e se realmente o treinador confirmar as suas esperanças, estreará nas corridas oficiais como aprendiz. Há sempre um pareo especial em que intervêm somente os novatos. O batismo profissional é um dia do qual os jóqueis nunca se esquecem. Nessa primeira corrida mostram tudo o que aprenderam. Os olhos do treinador, do proprietário, do próprio público estão fixos em cada um deles, a ver como se saem da empreitada. Vencida a primeira etapa quando deixam de lado a escova e maniqueira dá água, começa a outra luta.

CINQUENTA VITÓRIAS

É este o número de primeiros lugares que o aprendiz tem de conquistar para poder passar a jóquei. Se ele for desde o início um hábil piloto, conseguirá bons cavaleiros de montaria e, positivamente, dentro de um ano estará promovido. Às vezes a sorte não o ajuda e passam-se dois anos ou mais para que logre o ambicionado número de

vitórias, embora seja ótimo montador. A vida profissional de um futuro bridão deve começar muito cedo, aos treze ou quatorze anos. Com dezesseis já deve estar disputando os páreos como aprendiz, e aos dezessete anos poderá ser um nome conhecido como grande jóquei. Nesse ponto os jóqueis levam grande vantagem sobre os profissionais da pelota, pois estes, à esta idade estarão jogando ainda no time juvenil, quer queiram ou não. Para alguém se tornar um jóquei profissional não há mínimo de idade, mas sim de vitórias, o que dá aos pilotos recém-promovidos uma admiração muito mais justa. Temos em nossa frente um desses pequenos prodígios. Um rapazinho de dezessete anos que começou a montar oficialmente há um ano, possuindo já 44 vitórias e devendo, dentro de um mês talvez, ser promovido a jóquei.

FILHO DE PEIXE...

Seu pai Reduzindo de Freitas, monta há vinte e três anos consecutivos. Começou em 1924, em Porto Alegre, abiscando o prêmio maior, que naquele tempo era de 800\$000. Hoje, pai de três filhos e com bastante idade nas costas, Reduzino mantém ainda o invejável cartaz de ser um dos melhores pilotos nacionais. Mais o velho Reduzino sabe que não pode ficar para semente e quis deixar um continuador das suas glórias nos prados que o viram crescer e o verão morrer. Encontrou no seu filho mais velho, Reduzino de Freitas Filho, o herdeiro ideal. Desde pequeno o rapaz foi dado para dar um ga'operinho sobre o dorso nũ dos "ringos", apostando corrida com o mi-nuano nos pampas. Pai e filho conversam conosco. Saubemos mais tarde que Reduzino Filho é considerado a esperança maior do nosso turfe.

— Quanto já ganhou até agora?

— Tenho tido sorte — diz-nos ele — Com um ano de



Em cima : — Duas gerações que ainda medem suas forças nas provas da Gávea. Reduzindo de Freitas, pai e filho. Ambos são considerados dos nossos melhores "freios" e o garoto, com 17 anos apenas, começa a dar lições ao pai sobre a arte de montar. Em baixo : Celestino Gomes e Gonçalo Feijó, dois ex-jóqueis que foram aposentados, isto é, tornaram-se "entraîneurs".





A família do treinador reside, regra geral, na Vila Hípica, ao lado das coudelarias, onde até as meninas ajudam na faina diária. A filha de Gonçalo Feijó tratando carinhosamente o seu parceiro favorito.

corridas já consegui perto de cem contos para mim, o que representa um total de mil contos ganhos com as minhas montarias. Como deve saber, temos dez por cento dos prêmios. Acho que vou indo bem.

Dirigimo-nos em seguida, ao pai:

— É seu único filho Reduzino?

— Não. Tenho mais dois que estão estudando e não querem saber de corridas.

Nesse momento o cavaleiro vem avisar que os cavalos já estão prontos para o treino. Pai e filho despedem-se de nós e dentro de alguns minutos estão a cavalo, galopando na areia húmida da Gávea. Quando passam, em corrida desabada é difícil acreditar-se que ali estão pai e filho; um com mais de quarenta anos, outro com, apenas, dezessete.

DE PEÃO A GANHADOR DO GRANDE PRÊMIO BRASIL

Geraldo Costa é outro dos veteranos "freies" nacionais. Tem agora trinta e oito anos de idade, mas quem o vê maadugar diariamente no prado, íépido e forte, julga que o mineiro não chegou ainda à casa dos trinta. Geraldo nasceu com vocação para seu ofício. Vocação que veio de longe, como agora nos conta:

— Desde que eu me conheço sempre trabalhei com cavalos e boiadas. Lá em Conceição do Serro, minha cidade natal, ainda rapazinho ganhava a vida como peão. Essa foi a minha profissão durante anos. Com o tempo achei que aquele ambiente não me dava maiores possibilidades e resolvi tentar a sorte na capital federal. Vim procurar emprego e esse só poderia existir aqui no Rio em um único lugar.

— No Jockey Club?...

— Exatamente. No tempo em que aqui cheguei, existiam ainda o Derby e o Jockey. A fusão, como você sabe,

No hipódromo da Gávea é um dos raros lugares do Rio onde não falta água. Dizem mesmo que nem o leite falta...

Na página ao lado: — O trabalho no hipódromo começa de madrugada. As 3 horas da manhã os cavaleiros iniciam o preparo dos animais para os treinos. Jóqueis e tratadores já estão a postos. Firmes como sempre estão também os "olheiros" e "corujas", vendo se "conversam" um aprendiz a respeito de uma "barbada". As seis horas chegam alguns proprietários, "book-makers" e apostadores que iniciam ali mesmo a contravenção do jogo clandestino de vencedor, duplas e acumuladas. O "turf" não é apenas esporte, granfinismo e jogo: pior que tudo isso, é doença. Se você não acredita, leitor, experimente contaminar-se...

foi em maio de 1932. Embora tivesse vinte e um anos e montasse muito bem, tive que começar como cavaleiro. Após um ano passei a aprendiz, situação em que fiquei outro tanto tempo. Depois de obtida as primeiras cinquenta vitórias pude afinal realizar a promessa que havia feito ao pessoal de Conceição do Serro: ser jóquei no Rio de Janeiro.

— E deu por compensado com a nova profissão?

Geraldo Costa solta aquele "hum" característico dos mineiros, para exprimir o seu desgosto. E explica:

— As glórias conquistadas não cobrem os aborrecimentos. A vida do jóquei é sobressaltada. Vivemos preocupados com o público, com o treinador, com o proprietário. Em toda a derrota os culpados sempre somos nós. Se um cavalo é considerado a "força do páreo", isto quer dizer que matematicamente ele não pode perder. Mas às vezes perde. E se isto acontece, colado do jóquei!...

O reporter que andou lendo nesses últimos dias as seções turísticas dos jornais lembra-se um fato recente que ilustra perfeitamente a queixa de Geraldo Costa. A égua "Heliada" deveria ganhar facilmente a corrida. Era, como dizem e'es, "carne assada". Mas isto não aconteceu. E o proprietário não se conforma, "abotca" o bridão logo à saída, diz-lhe vários desaforos, etc. — Faz-se uma gritaria tremenda até que mais tarde o veterinário oficial do jóquei pessoa insuspeita, declara que "Heliada" é um dos muitos animais "baleados" dos "studs" do Rio, quer dizer: um animal de rendimento incerto, portador de osteíte crônica podendo correr bem num domingo e fracassar espetacularmente no seguinte. O proprietário devia saber isso há muito, mas na hora da derrota, como disse Geraldo Costa, quem paga o pato é o montador.

"EU QUERO VER É A PÉ..."

O peão mineiro depois de um ligeiro treino, convida o reporter para sair:

— Vamos dar um passelo a pé à Tijuca?

Ante a incredulidade com que foi recebido o seu convite, ele informa:

— É um dos ossos do ofício. Temos que manter sempre o mesmo peso, o peso leve. Se acontece engordarmos um ou dois quilos entramos imediatamente num regime severo. Cada qual prefere um método. Há os banhos a vapor, na casa de duchas, que fazem o sujeito emagrecer dois quilos em uma hora. Outros pulam corda até fazer buraco no chão. Eu prefiro caminhar.

— Qual foi o seu grande momento na vida profissional?

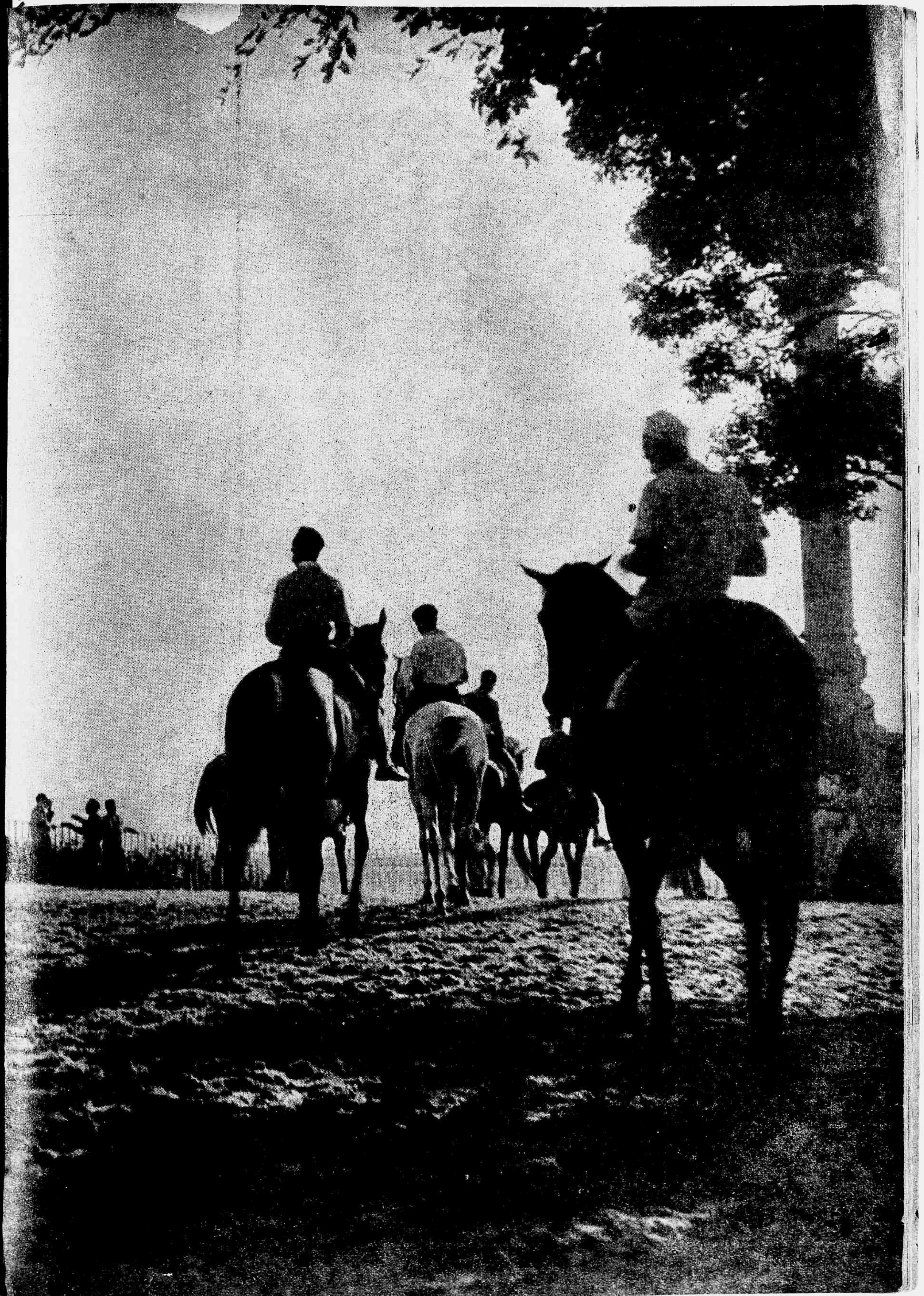
— Os nossos grandes momentos são sempre as nossas vitórias. Foi em 1933 vencendo com "Pêndulo" o Grande Prêmio Brasil. A gratificação que me coube de trinta mil cruzeiros, veio mesmo na hora "H", pois foi essa a época do meu casamento.

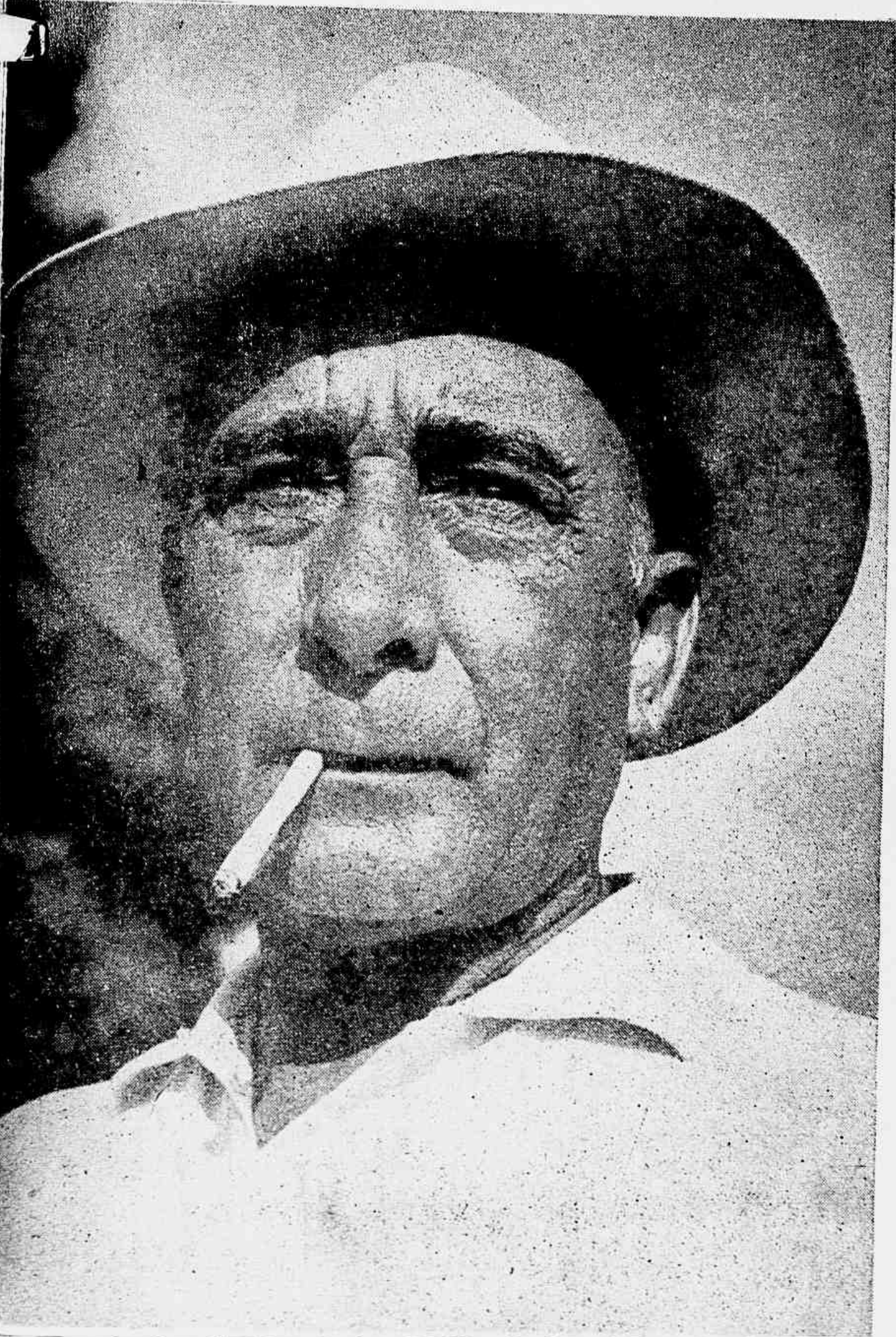
— Quantas vitórias conquistou de 1932 até agora?

— Um pouco mais de seicentas. Mas, como lhe disse, as glórias conquistadas não cobrem os aborrecimentos.

Deixamos Geraldo Costa quando iniciava o seu "passelo" para emagrecer.







Na página à esquerda. Em cima: "A vida do jóquei é montanha russa. Hoje sai do prado entre "corbeilles". Amanhã pode sair a bofetões" — diz Geraldo Costa. A direita: Este caboclo entrou para o Jockey como cavaleirinho, cheio de esperanças de se tornar aprendiz. Em vez disso ficou atleta, engordou, e teve que desistir para sempre daquele sonho. Em baixo, à esquerda: Pablo Zabala, jóquei uruguaio, vestiu a jaqueta de 1909 a 1928, tempo em que a dotação de um "clássico" era de três mil cruzeiros. Aposentou-se em 28 como treinador, profissão que exerce até hoje. A direita: Osvaldo Ulloa tem mais três irmãos no Chile que exercem a mesma profissão sua. Seus dois filhos, o que está no colo e outro de 12 anos, não poderão seguir as tradições da família. Serão, pelo que indicam, altos e fortes, "infelizmente" — diz Ulloa.

OS JÓQUEIS MENSALISTAS

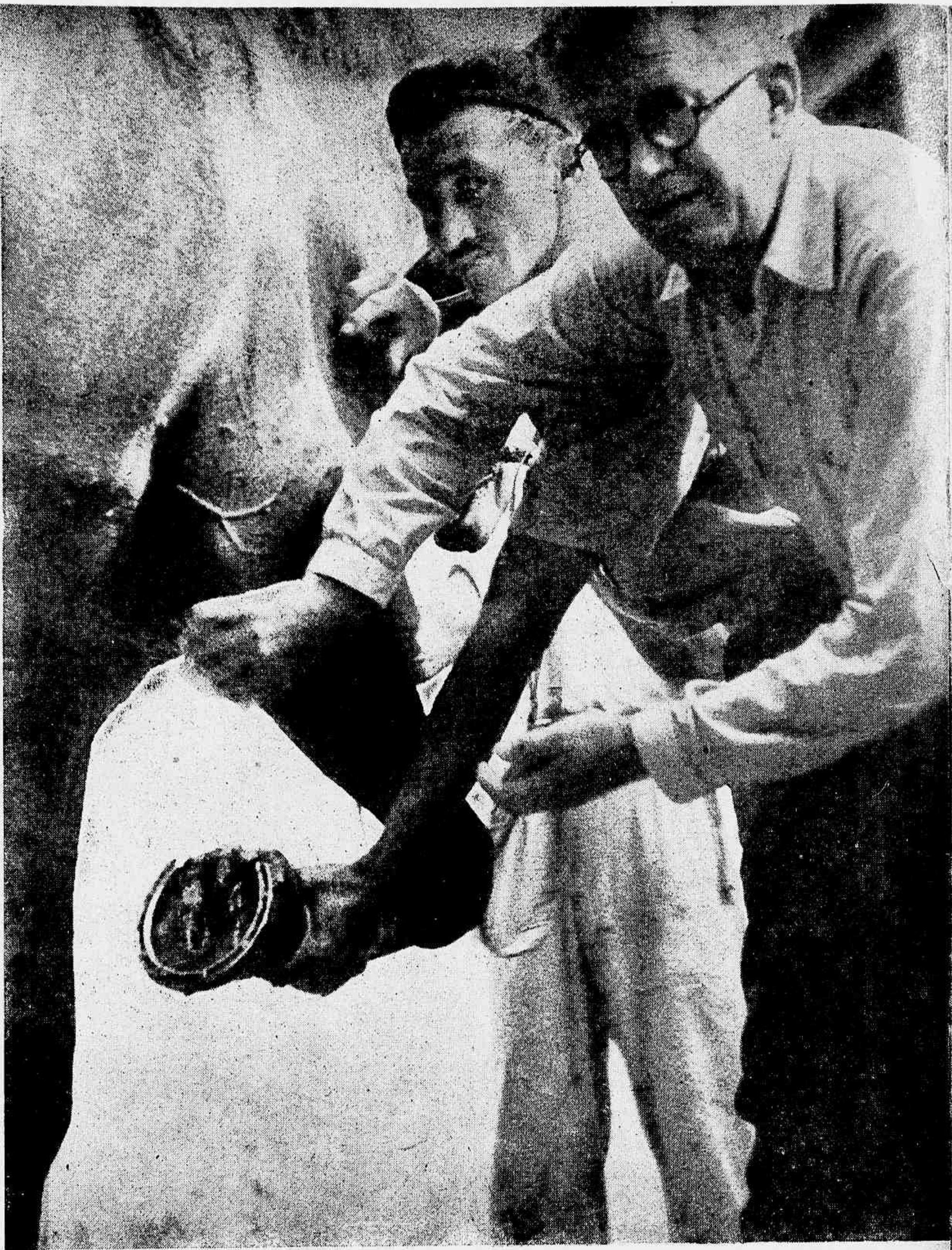
Em geral o jóquei vive das comissões que recebe. Ou recebe dez por cento do prêmio, quando garante o primeiro segundo ou terceiro lugares, ou recebe cem cruzeiros por montaria não colocada nos três primeiros postos. Se for um bom profissional se levar uma vida metódica e, principalmente, se não jogar, pode fazer fortuna. Há casos como exemplo, embora a grande maioria termine a carreira sem tostião, conseguindo apenas se transformar em tratadores, espécie de posto final para os jóqueis aposentados. Até hoje não existe um sindicato, instituto ou montepio que lhes assegure um amparo na velhice ou em caso de invalidez. Surgiu, entretanto, há pouco tempo, uma nova categoria de profissionais: a dos jóqueis mensalistas. São escolhidos pelas grandes coudelarias entre os nossos melhores montadores e levam uma grande vantagem sobre os colegas. Têm um ordenado fixo e recebem integralmente suas dotações dos prêmios que venceram. E têm ainda outra vantagem, podem correr em cavalos que não sejam do seu stud desde que a coudelaria a que pertencem não concorra no mesmo páreo. O jóquei mensalista mais bem pago é Osvaldo Ulloa, da coudelaria Lineu de Paula Machado, que lhe paga dez mil cruzeiros mensais. Com esse ordenado e mais os prêmios que levanta quase todas as semanas, Ulloa pode ser considerado o montador mais bem pago do Brasil. Os outros três mensalistas são: F. Irigoyen, da coudelaria Seabra, recebendo oito mil cruzeiros mensais; L. Rigoni, que defende as cores da coudelaria Buarque de Macedo, recebendo quatro mil cruzeiros, e E. Castilho, da coudelaria Lundgren, também com quatro mil cruzeiros mensais.

O CAMPEÃO: OSVALDO ULLOA

Osvaldo Ulloa é um autêntico campeão na sua arte. Descende, aliás, de uma família quase que inteiramente dedicada ao esporte dos milionários. Seu pai era um grande tratador chileno e desde pequeno Ulloa se ambientou com cavalos puro-sangue. Ulloa tem mais três irmãos. Luis Alberto, o mais velho, com 48 anos de idade, Carlos e Juan, o mais novo com 25, todos três jóqueis, correndo às vezes os três no mesmo páreo em Valparaíso. Ulloa começou a correr com treze anos de idade, na cidade de Valdivia, no sul do Chile. O garoto pesava apenas vinte e cinco quilos e, desde então, se tornou um dos idólos do "turf" chileno. Embora não corra neste país há algum tempo, ainda mantém ali o "record" de vitórias alcançadas, pois ninguém conseguiu superar as suas novecentas e tantas. No Brasil tem setecentas vitórias e no Peru onde correu apenas durante dois meses obteve onze primeiro lugar.

DOIS FILHOS BRASILEIROS

O romance de Ulloa começou há muito tempo, quando, menino ainda, ajudava o pai na coudelaria. Sua es-



O treinador é o homem dos sete-instrumentos das coudelarias. Aplica penicilina, injeções endo-venosas, receita vitamina e arranca dentes dos puros-sangue com a perícia de um cirurgião. Na foto Hernani Freitas curando a anca de um animal do seu "stud".



posa, d. Luz Olivia, filha de um criador de puros-sangue, admirava com entusiasmo juvenil as diabruras que aquele garoto fazia sobre os potros. Quando correu pela primeira vez oficialmente, aos treze anos, Luz Olivia foi a sua primeira "fan".

— Ainda hoje sua maior admiradora — dizem ela enquanto tomamos um cafézinho na sala de jantar do "bungalow" onde reside o bridão chileno. — Embora ele não me permita ir ao prado, fico treçando aqui de casa, através da irradiação da "Jornal do Brasil". Cada vitória de meu marido é comemorada aqui em casa como se fosse sempre a primeira.

Neste momento entra Ulloa, cheio de cuidados com a criança que tem nos braços. Ulloa confessa com orgulho:

— Este é Luis Avellardo, o nosso caçula. Tem três meses, apenas. Veja como pesa! É brasileiro, como o primeiro.

Por coincidência seus dois filhos nasceram no Brasil, embora várias vezes, depois de casado, tivesse feito longas temporadas no Chile. Mas Ulloa se rejubila com isto e confessa:

— Mais tarde, quando pela idade eu tiver que me afastar da profissão, voltarei para o Chile, onde me tornarei criador de puros-sangue. Mas nunca poderemos esquecer o Rio, terra de nossos dois filhos.

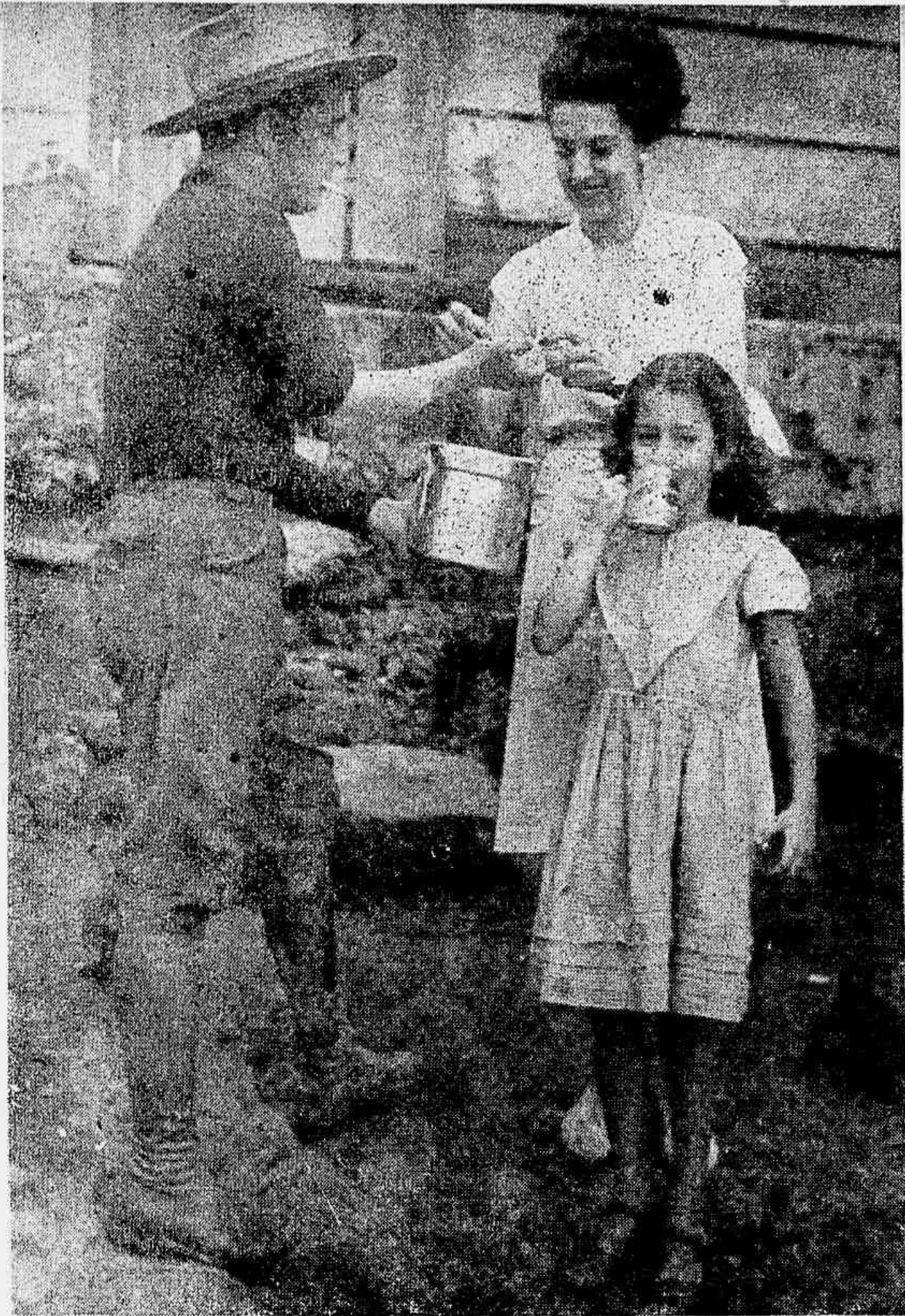
— A criação de cavalos pode dar bons lucros? — perguntamos.

— Não se pode garantir. Eu escolho essa profissão porque não sei fazer mais nada na vida. Estou metido nisso desde que vim ao mundo.

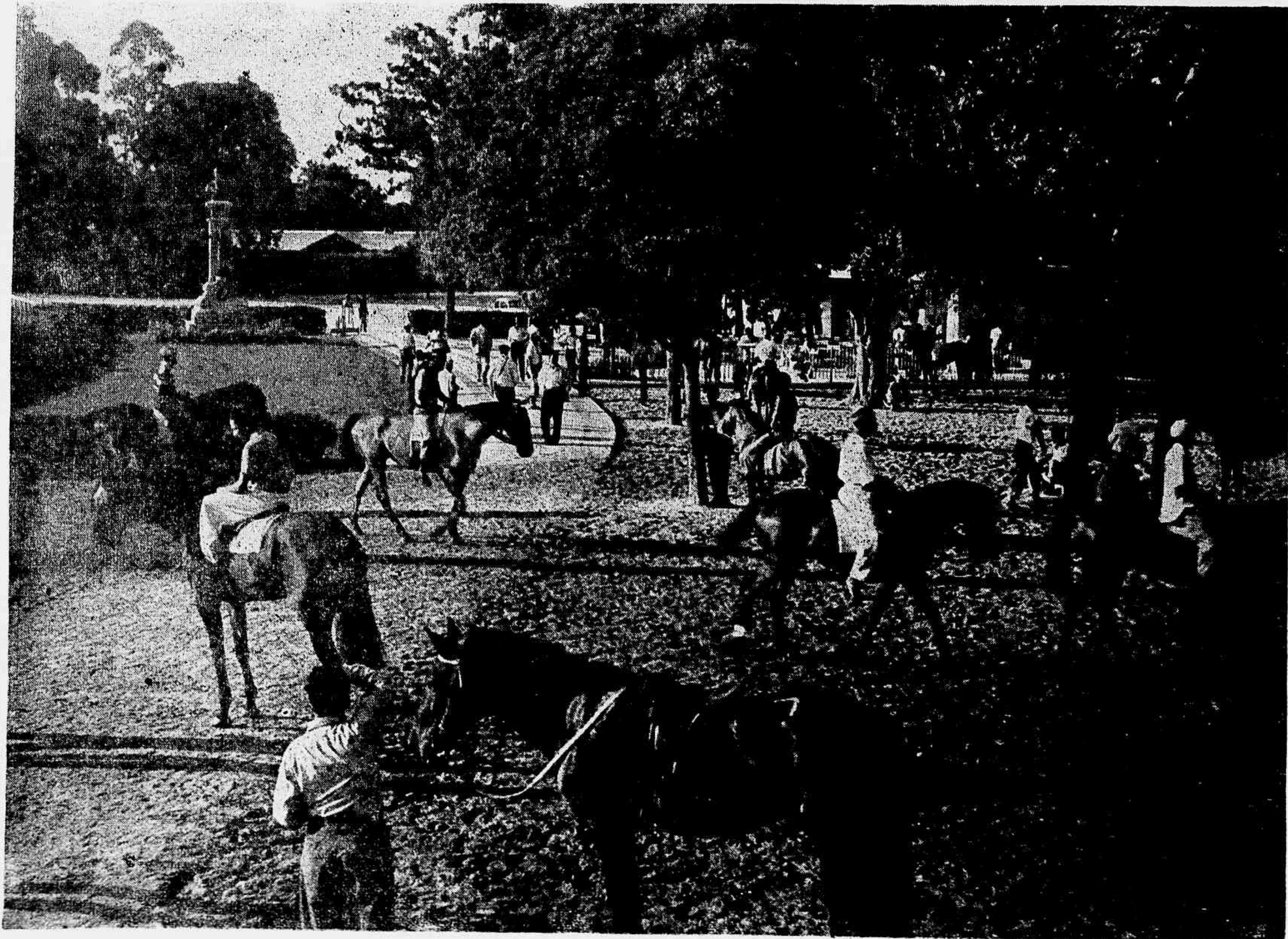
— Está contente com a profissão?

(Continua na pág. 57)

O mesmo "entraîneur" mostra ao repórter um duplo molar e dois incisivos arrancados em menos de um minuto.



Em cima: O jovem Geraldo Costa com sua esposa e seus filhos Geysa e José em dois flagrantes na sua residência. O antigo peão do sertão de Minas Gerais realizou seu grande sonho profissional em 1933 quando venceu com "Pêndulo" o Grande Prêmio Brasil. Geraldo é também um artista, esculpe na madeira maravilhosamente. Em baixo: o ensilhamento na Gávea, às 6 horas da manhã.



CASTRO ALVES

Por MANUEL BANDEIRA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

UM dia, na pequenina cidade mineira de Pouso Alto, em casa de Ribeiro Couto, então promotor da comarca, conversávamos com um bom velhinho de grandes barbas brancas sobre os seus companheiros de geração na Faculdade de Direito de São Paulo. Falou ele de Rodrigues Alves, de Campos Sales em suma de todos os seus colegas académicos que depois se tornariam os grandes políticos da República. Senão quando, com grande pasmo de nossa parte, minha e do Ribeiro Couto, o velhinho rematou as suas reminiscências com estas palavras, que pareciam uma coda insignificante:

— Tinha também um moço, muito inteligente que fazia versos. Como é que se chamava mesmo?... Esse moço, numa caçada, deu um tiro no pé, voltou para a Bahia e morreu por lá...

— Castro Alves?

— Castro Alves, isso mesmo!

Assim, para o contemporâneo sobrevivente do poeta, Castro Alves era apenas um moço que fazia versos, levou um tiro no pé e voltou para a sua província, onde morreu...

Esse tiro no pé está registado numa carta que é, talvez o documento mais impressionante que figurará na próxima exposição comemorativa do nascimento do autor das "Espumas Flutuantes". Principia a carta com estas palavras: "Há vinte dias estou de cama por causa de um tiro que dei no pé por acaso".

Os padecimentos de Castro Alves se foram sempre agravando, o pé foi amputado e depois sobreveio a tuberculose... Mas quem sabe se, como disse Augusto Meyer não teve o poeta "morte oportuna"? Imagino o cantor dos escravos terminando o seu curso, metendo-se na política, eleito deputado, depois senador, chamado talvez para ministro...

Perdemos talvez, com a sua morte, alguns poemas como "O navio negreiro" e as "Vozes d'África", mas ganhámos em compensação um símbolo de genialidade nesse adolescente identificado com os mais vibrantes ideais de sua época. O vulto excepcional que vai adquirindo a comemoração do seu nascimento (nenhum poeta a teve igual no Brasil) está mostrando quanto a sua memória está enraizada no coração do nosso povo.

Dos grandes românticos não há dúvida que os mais populares os mais vivos são Castro Alves e Casimiro de Abreu. Os outros desfrutaram de uma glória particular a este ou aquele aspecto. Gonçalves Dias foi o verdadeiro iniciador do romantismo já que as tentativas de Magalhães e Porto Alegre ficaram na boa intenção: a obra de ambos está definitivamente enterrada, servindo apenas às abonações do bom vernáculo. Alvares de Azevedo ficou como o porta-estandarte nacional de um byronismo provinciano. Junqueira Freire tem que se contentar, e não é pouco, com a predileção de Antero de Quental e a edição, aliás excelente, do sr. H. Mero Pires. Fagundes Varela viverá para sempre no "Cântico do Calvário". Mas Casimiro de Abreu continua lido e relido pela gente simples. Castro Alves por toda a gente. Há uns três anos fiz parte de uma comissão julgadora de um concurso de poesia entre os es-



tudantes de Direito. Pois quase todos revelavam a influência do Condor.

E Castro Alves Beneficía agora de um desses retornos da intenção social na obra literária e artística. De fato, vulgarmente melodramática na desgraça ("Foi desgraça, meu Deus! Não, foi loucura..."), simples e gracioso nos galanteios o que entretanto constituía o seu genuíno clima poético era o entusiasmo da mocidade apaixonada pelas grandes causas da liberdade e da justiça, — as lutas da Independência da Bahia, a Insurreição dos negros de Palmares, o papel civilizador da Imprensa, e acima de todas a campanha contra a escravidão.

Há que levar em conta esse carácter socialmente activo dos seus poemas para os absolver das demarcatas bombásticas. Temos de recordar, os contemporâneos de Gide e Valéry, que "O livro e a América", "Quem dá aos pobres empresta a Deus", as duas odes "Ao Dois de Julho", a "Deusa Incrueña" e tantos outros são poemas comiciais, escritos para serem gritados pelo próprio poeta na praça pública, em teatros e grandes salas, verdadeiros discursos de tribuna. E há que reconhecer neles, mau grado todos os excessos e todo o mau gosto, a sua grande força verbal e a inspiração mais generosa de toda a poesia brasileira.

O que mais aprecio nos versos do baiano é, aqui e ali, o sortilégio musical das palavras:

Vem, formosa mulher, camélia páida,
Que banharam de pranto as alvoradas!

Mesmo quando as imagens caíam pelo redículo, salvar-se o brilho sonoro encantatório.

Manuel Bandeira, ilustre poeta moderno, crítico penetrante e excelente cronista escreveu especialmente para REVISTA DA SEMANA esta página sobre Castro Alves.

O monumento a Castro Alves no Rio de Janeiro. Está localizado no Passeio Público, testemunhando a admiração geral pelo grande poeta dos escravos. Artisticamente, é inexpressivo, mediocre, sem nada que se aproveite. Nem mesmo o retrato apresenta semelhança com a figura de Castro Alves. O autor de "A Cachoeira de Paulo Afonso" merece um monumento mais digno e mais artístico, do que esse pobre busto, perdido entre a vegetação espessa do Passeio Público.

Eras tu, Liberdade peregrina,
Esposa do Porvir, noiva do Sol!

Claro que chamar à Liberdade, ao mesmo tempo, "esposa do Porvir" e "noiva do Sol" é absurdo. Mas que auroras há nesses dois versos!

Quem quiser ver a diferença que existe entre o homem inteligente que sabe fazer versos e um poeta genuíno, compare as estrofes iniciais de "Terribilis Dea" e de "Deusa Incrueña". Pedro Luis começa:

Quando ela apareceu no escuro do horizonte,
O cabelo revoltado... a palidez na fronte...

Agora o baiano:

Quando ela se alteou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lava em luz estranha...

"Alva, grande, ideal..." Três adjetivos, três simples adjetivos. Mas é a personagem de corpo inteiro, e transfigurada, e verdadeiramente "lavada em luz estranha".

Esse, o "prisma fantástico" o valor irredutível no domínio da poesia dessa criança de génio, que em seu tempo encarnou e exprimiu o sentimento de seu povo.





Em cima: Bobby Driscoll e Luana Patten, principais figuras de "Song of the South" (Canção do sul), com "Tio Remus e suas histórias do irmão coelho", numa pose especial para REVISTA DA SEMANA. Em baixo, Walt Disney, realizador do interessante filme e comandante de um batalhão de desenhistas.



UMA NOVA REALIZAÇÃO DE WALT DISNEY

"Canção do Sul", com "Tio Remus e suas histórias do irmão coelho", animadas por um grupo de artistas, entre os quais Bobby Discoll e Luana Patten — Um batalhão de desenhistas

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood).

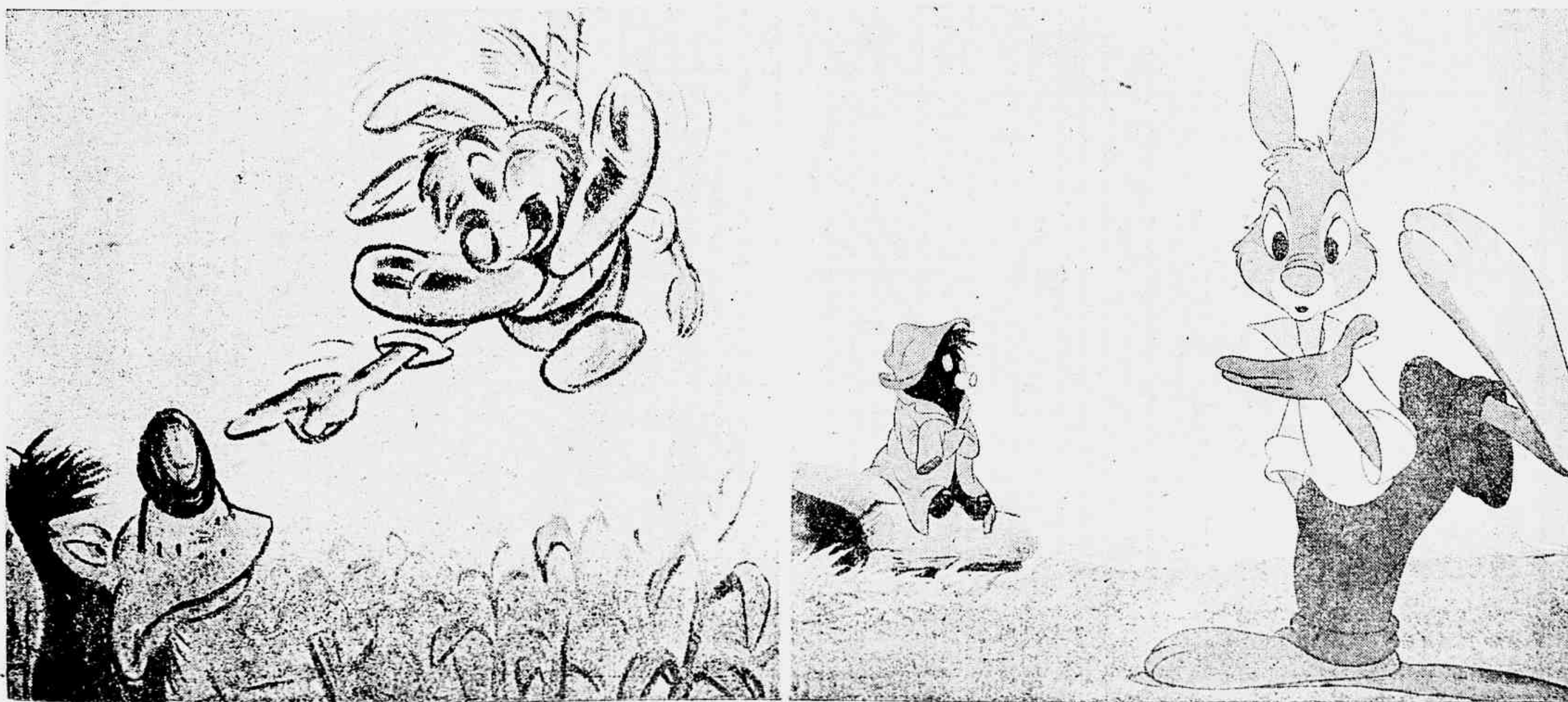
WALT DISNEY acaba de insistir na experiência que realizou, pela primeira vez, em "Você já foi à Bahia?", isto é, na conjugação de desenhos animados com figuras humanas. Como vocês se lembram, Aurora Miranda, Carmen Molina e outras artistas apareciam nesse filme, contracenando com o Pato Donald e seu velho amigo, Joe Carioca. Desta vez, "Canção do sul", com o "Tio Remus e suas histórias do irmão coelho", o personagem central é um negro velho, chelo de bondade e de lindas histórias de bichos para contar. James Baskett, um grande ator negro, é quem personifica Uncle Remus, cujo fabulário foi escrito por uma figura eminente do mundo literário norte-americano, Joel Chandler Harris. Ao lado dele, aparecem os artistas infantis, já celebrizados, que são Bobby Driscoll e Luana Patten, além de Ruth Warrick, Hattie McDaniel, Eric Rolf, Glenn Leedy, George Nokes, Mary

Field, Anita Brown, Gene Holland, Johnny Lee, Lucille Watson, etc. Ao lado desse grupo de atores, figuram em seqüências em technicolor os produtos da fantasia de Disney e dos seus desenhistas, animados por Charles Phillippi, Hugh Hennesy, Harold Doughtyn, Phillip Harber, Claude Coats, Mary Blair, Ralph Hulett, Brice Mack, Ray Huffine, Al Dempster, Milt Kahl, Les Clark, Eric Larson, Marc Davis, Ollie Johnston e John Lounsbery, Don Lusk, Harvey Tombs, Ken O'Brien, Murray McClellan, Jack Campbell, Cliff Nordberg, Tom Massey, Al Coe, Hal Hambro, Hal King, Rudy Lariva, Josh Meador, Brad Case, George Rowley e Blaine Brice, — um verdadeiro batalhão! O filme teve dois diretores, um para a parte representada, Harve Foster, e outro para a parte desenhada, Wilfred Jackson.

(Continua na pág. 57)



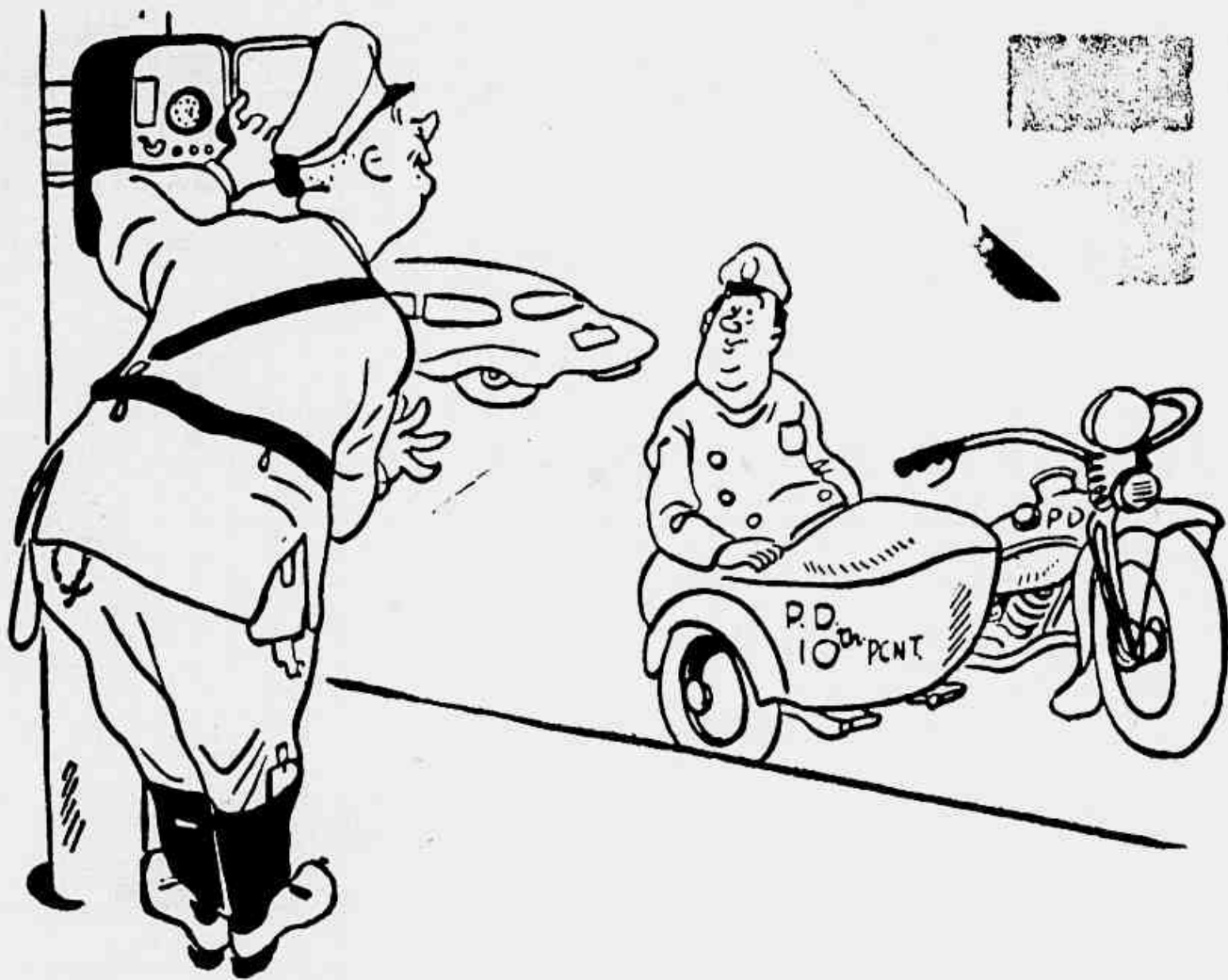
Em cima, o ator James Basket, no papel de "Tio Remus", ao lado do pequeno ator Bobby Driscoll, em uma cena de "Canção do sul", com "Tio Remus e suas histórias do irmão coelho". Em baixo, um esboço do irmão Coelho e luta com a irmã Raposa e um desenho, já acabado, mostrando o irmão Coelho, mas uma simpática criação de Disney, destinada a ficar na galeria dos seus melhores tipos, como o camundongo Mickey, Pluto, o pato Donald e Joe Carioca.



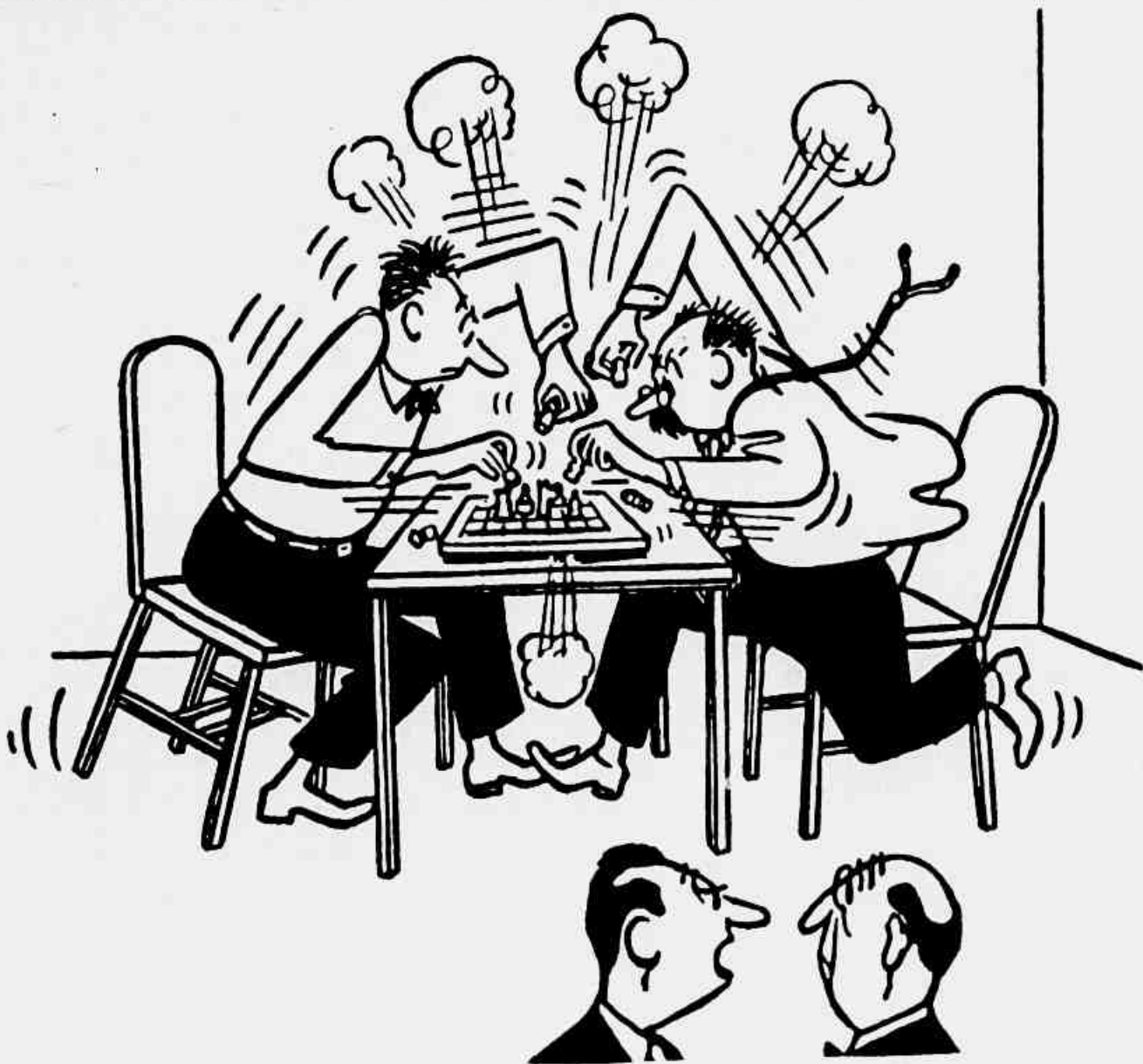




— Ai está uma novidade... Realmente, quase sempre eles tiram cara ou corôa para ver quem paga...

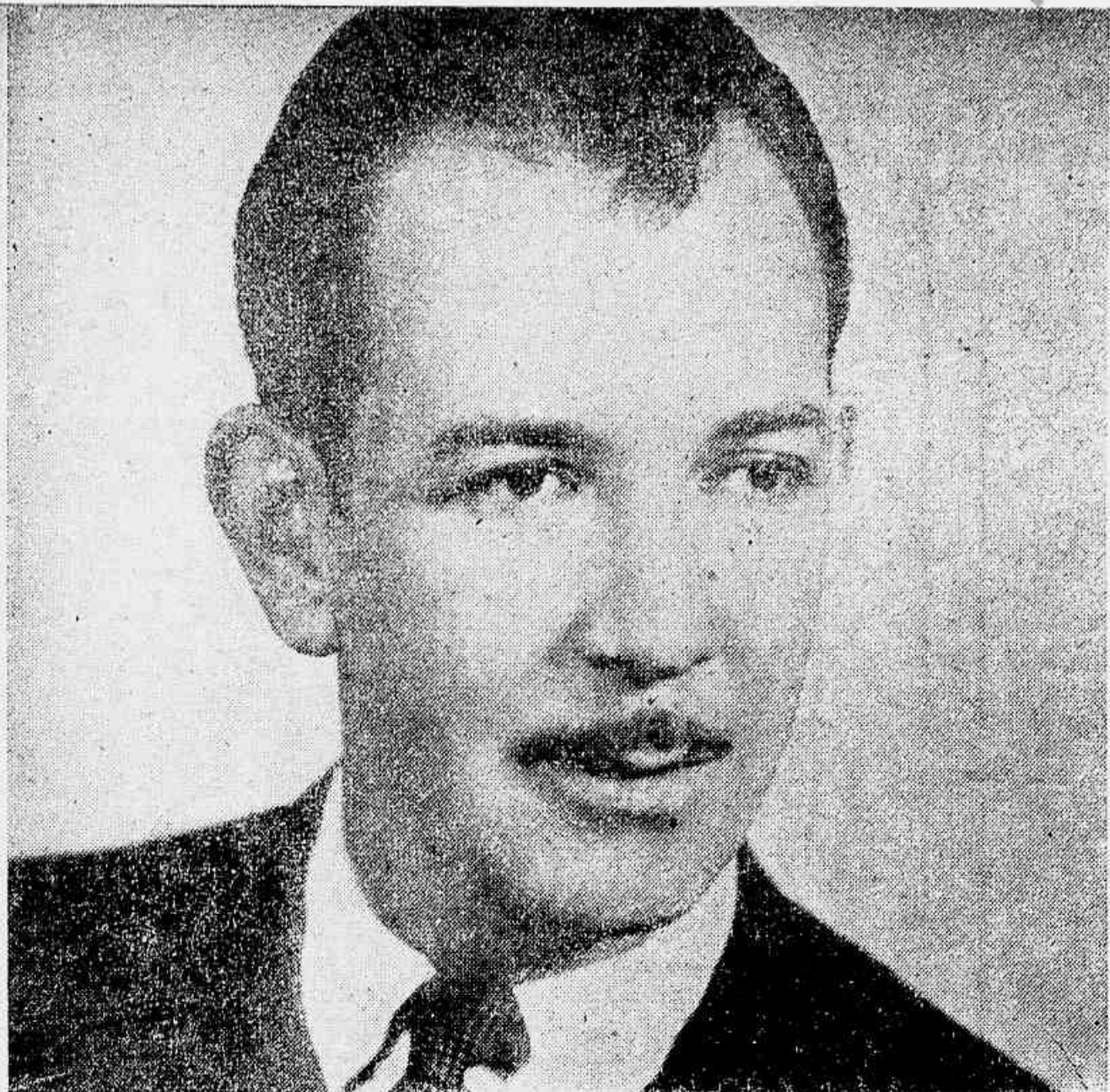


— Eu disse ao chefe que você estava na banheira...



— Vamos piruar outro taboleiro de xadrez... Esses camaradas jogam depressa demais para mim !...





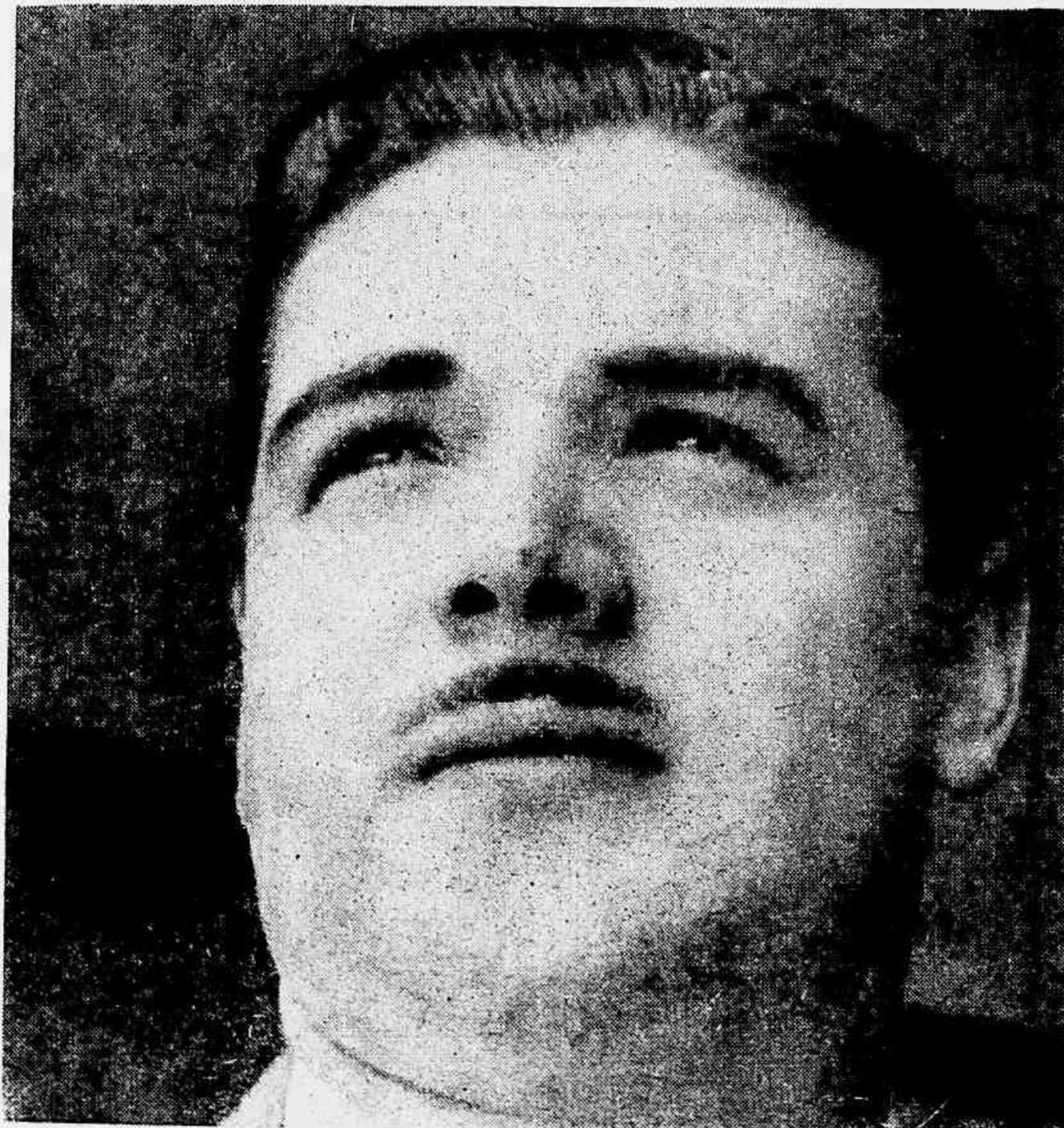
ORANICE FRANCO nasceu em Lima Duarte, no Estado de Minas Gerais, a dois de novembro de 1919. Pesa setenta quilos, tem um metro e setenta e cinco de altura; vai ser acionista da Rádio Nacional, a cujo quadro de redatores pertence, sendo responsável por vários programas, inclusive o célebre "Gato de botas". Para o "cast" de rádio-teatro, tem escrito várias novelas, entre as quais "Clarisse", em parceria com o ator-autor Mario Brasini; "Para toda a vida" e "Quem é essa mulher". No momento, prepara um romance a ser publicado por importante editora carioca. Seu ingresso no rádio foi motivado por um convite de Pedro Anísio e Giuseppe Ghiaroni, hoje seus colegas de redação. Antes de ingressar na PRE-8, Oranice Franco escreveu em diversos jornais e hoje é o responsável pela coluna radiofônica de "A Noite Ilustrada". Como homem de rádio, ele admira o trabalho de Brandão Filho, Ismenia dos Santos, Rodolfo Mayer, Isis de Oliveira e outros. Já no cinema, prefere Ingrid Bergman, Rita Hayworth, Joan Leslie, Spencer Tracy e Paul Muni. É torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas. Aprecia qualquer bom prato da cozinha mineira; é amigo das cores azul e verde; nadador de qualidade e jogador de bola ao cesto. Aprecia Procópio Ferreira, Dulcina e Odilon, Elza Gomes e Maria Sampaio. É leitor das obras de José de Alencar, Jorge Amado e Erico Veríssimo. Oranice está adaptando para o rádio a vida de Castro Alves, além de ter pronta uma novela ainda sem título.

BIDU REIS teve seu sucesso no "broadcasting" nacional em grande parte à música americana, da qual se fez lidima intérprete. Cantando foxes e blues, despertou o interesse das emissoras cariocas, inclusive da Rádio Nacional, que a contratou para uma longa temporada a seu microfone. Tempos depois, a PRE-8 reuniu-a a Marília Batistas e à Regina Célia, formando as "Três Marias", apreciado trio vocal que constituiu uma das grandes atrações da Rádio Nacional e que chegou a gravar os maiores sucessos da música internacional em versões de Haroldo Barbosa. Com o lançamento da Rádio Globo, Bidu Reis deixou aquele trio, passando a integrar o "cast" dessa nova emissora, onde continuou a interpretar músicas americanas e revelou sua vocação para rádio-atriz, tomando parte em "Memórias do Rio", programa histórico de Carmen Nicia de Lemoine. Também cooperou em algumas peças da PRA-2, ao lado dos elementos do "Teatro da Mocidade", no qual legou salientar-se, tão consciã se mostrava nos papéis que lhe foram confiados. Terminado seu contrato com a Globo, a jovem artista recebeu proposta da Rádio Tamoio, para trabalhar nos seus espetáculos de teatro-cego, deixando à margem o canto. Motivos superiores à sua vontade levaram-na a dar por findo seu compromisso com a PRB-7, no decorrer do mês de fevereiro. Bidu Reis é solteira. Conta pouco mais de vinte anos. Não acredita em superstições. É prima do rádio-autor Osvaldo Gouveia. Já excursionou por vários Estados do Brasil. Reside num dos subúrbios da Central, gosta de usar vestidos brancos, aprecia seus companheiros de rádio e sabe sapatear tão bem como Ginger Rogers.



DENTRE os valores do chamado "rádio-teatro", está Olga Nobre, talentosa filha da simpática e brilhante atriz Sarah Nobre, trazida para o "broadcasting" por Valdo de Abreu, quando mantinha o "Esplêndido Programa", na Rádio Mairynk Veiga. Olga Nobre estreou como cantora, interpretando um fox, que, por sinal, redundou num autêntico fracasso. Tal fato levou-a a trocar a música americana pela valsa e pela canção, além de aprimorar seu estudo no gênero clássico e de tornar uma cantora lírica de invejáveis recursos vocais. Em razão disso, logrou abrilhantar as temporadas oficiais do Teatro Municipal, cantando a ópera "Lo Schiavo", de Carlos Gomes, ao lado de Silvío Vieira. Da PRA-9, Olga Nobre foi para o Rádio Club do Brasil, atingindo o "climax" da sua carreira artística, não como cantora mas na qualidade de excelente rádio-atriz, atuando em todos os antigos programas de Renato Murce, como "Papel Carbono", "Piadas do Manduca", em que vivia a dona Cotinha e no "Colégio Lero-lero", este último fechado pelo DIP. Integrou o "Elenco Leopoldo Fróes", da PRA-3, e dirigiu a novela "Mulher sem coração", do derrotado candidato a vereador Edgard Carvalho, despertando a atenção de milhares de ouvintes, com a interpretação segura do papel que lhe coube. No momento, Olga Nobre pertence ao "cast" da Rádio Nacional, na qualidade de rádio-atriz, trabalhando nas diversas novelas irradiadas por essa estação. A talentosa filha de Sarah Nobre é irmã de Nelson Nobre, sonoplasta e novelista da PRE-3.

FOI na Rádio Sociedade Gaúcha, de Porto Alegre, que Heron Domingues começou sua carreira radiofônica. Logo em seguida, ingressou na Rádio Farroupilha, daí passando para a Rádio Difusora Porto-Alegrense, emissora em que lançou a "Crônica da Cidade", comentário leve, ainda hoje solicitado pelos ouvintes sulinos. Em 1944, no dia 4 de novembro, assinou contrato com a Rádio Nacional, tornando-se o locutor oficial do "Reporter Esso", cuja fama é bem conhecida. Antes de travar contacto com o rádio, Heron Domingues era estudante de Direito, sendo um dos principais alunos da Faculdade de Porto Alegre. A atração irresistível do microfone, que o levava a ler as notícias do que faziam Celso Guimarães, Oduvaldo Cozzi e outros, levou-o a mandar o curso jurídico às favas. Nascido a quatro de junho de 1924, na cidade de São Gabriel, Rio Grande do Sul, Heron Domingues pesa noventa quilos; tem um metro e setenta e cinco de altura. Não pratica esportes, embora seja um torcedor fervoroso do Vasco da Gama. Gosta muito de um grosso bife à portuguesa, acompanhado do "petit-pois" e ovos; aprecia a cor azul; não tem predileções por escritores, e sim por bons livros. E, destes, os de História da Civilização, Política e Economia. Estuda, aliás, essas matérias, até altas horas da madrugada. Durante a guerra, chegou a morar na Rádio Nacional. Sua permanência na PRE-8 é frequente, dada a sua obrigação de irradiar as notícias de última hora do "Reporter Esso". Heron Domingues acha que o nosso rádio está com setenta anos de atraso, pelo menos, em relação aos Estados Unidos, no que tem inteira razão. Fala pouco, — poupando a voz para o microfone, e escreve à máquina com muita rapidez.



GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



Monumento à Independência.

VISÃO ATUAL DO MUSEU PAULISTA

COM A REMOÇÃO DAS COLEÇÕES DE ZOOLOGIA, BOTÂNICA, ETNOGRAFIA BRASILEIRA, MINERAIS E OUTRAS COISAS MAIS, FICOU O MUSEU SEMI-VAZIO — QUADROS A ÓLEO, DE SIMPLES AMADORES, QUE DEVEM SER REMOVIDOS — URGE ENTREGAR O ESTABELECIMENTO AOS CUIDADOS DE TÉCNICOS, SE É QUE SE PRETENDE FAZER DAQUILO UM MUSEU E NÃO UMA CASA DE BELCHIOR

Reportagem de NELSON VAINER



Especial para REVISTA DA SEMANA

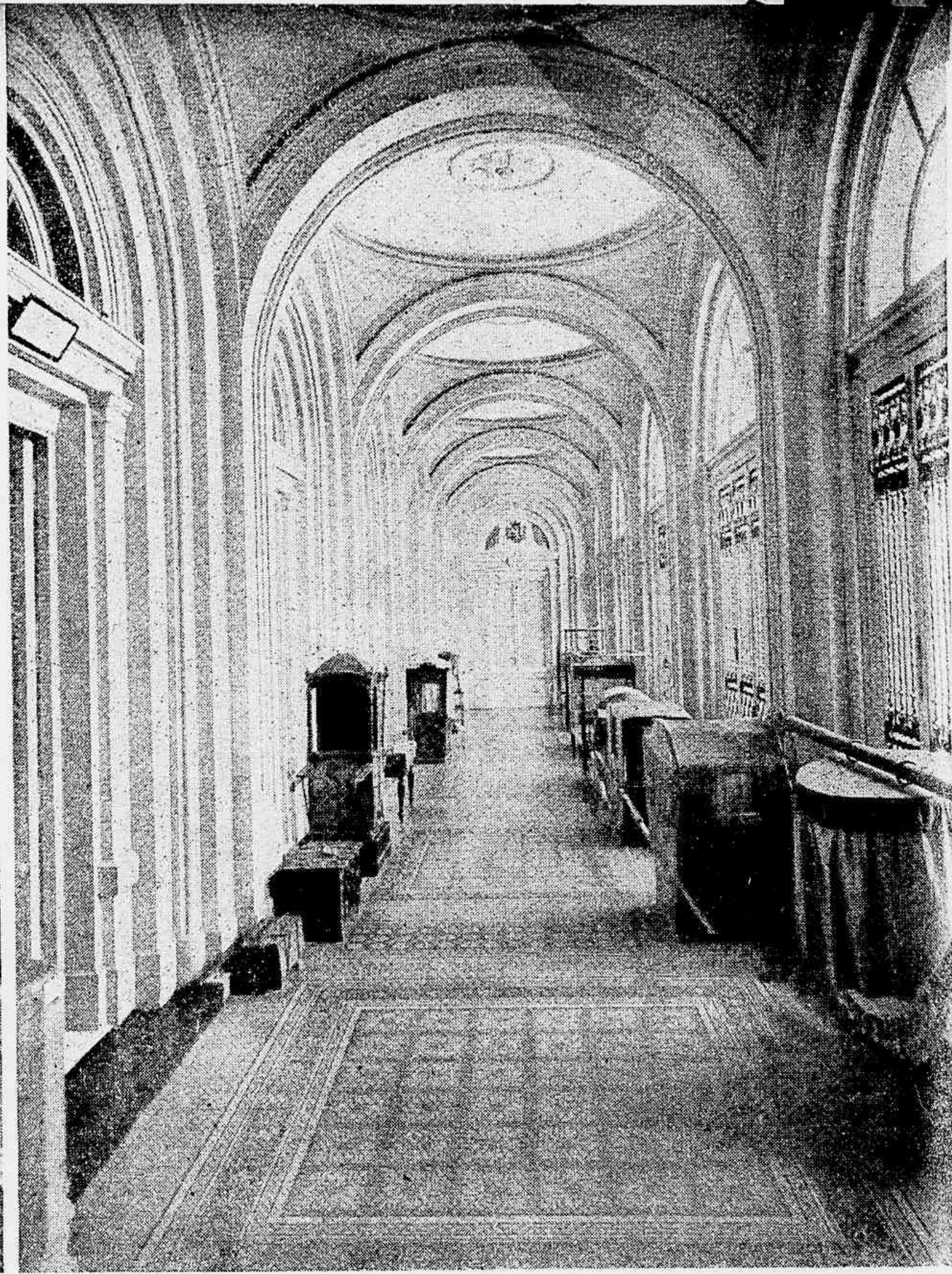
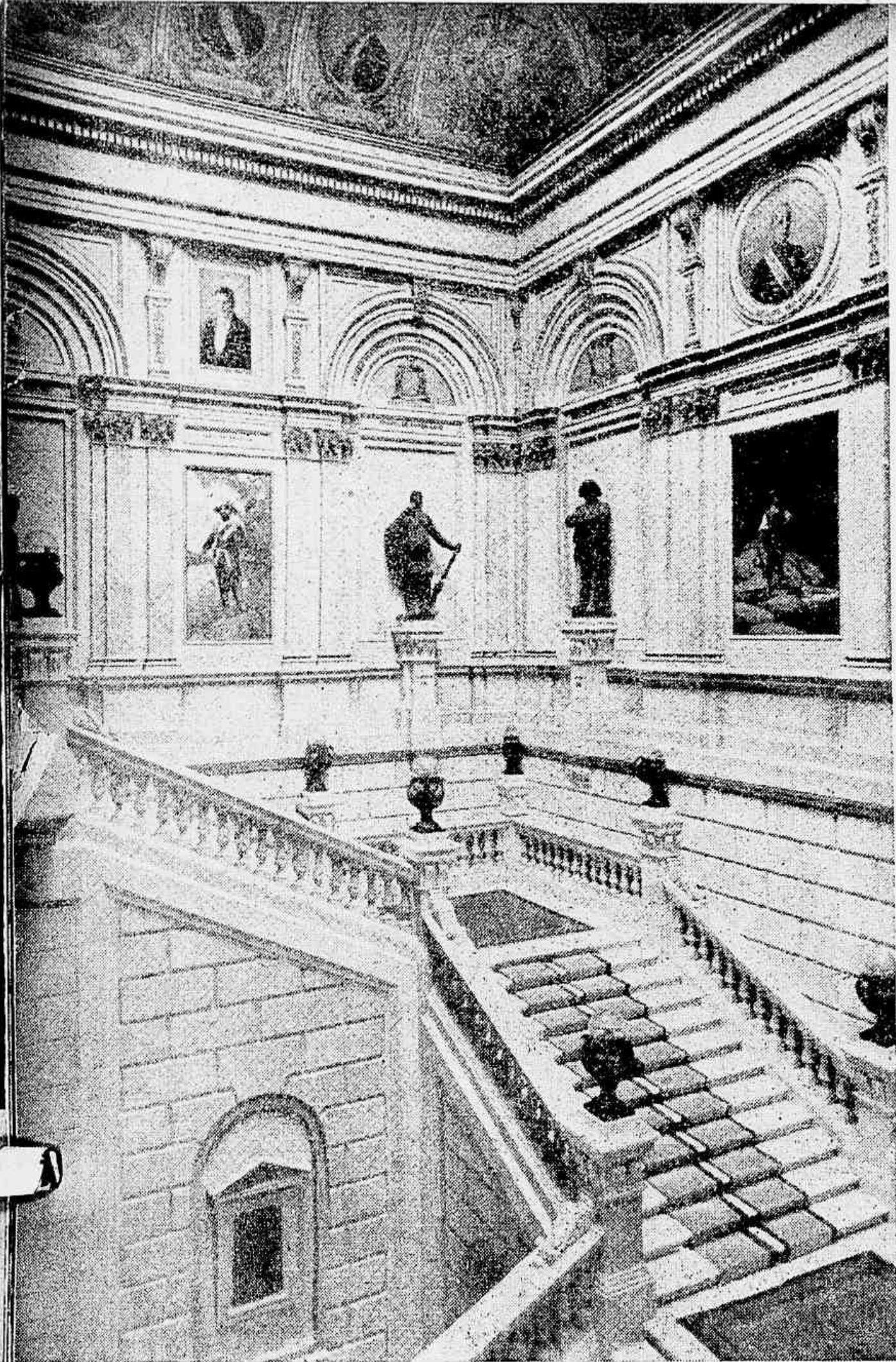
SÃO Paulo não tem nada "para inglês vêr"... Não possui Jardim Zoológico — o de Aclimação já de há muito virou sorvete; o Instituto Butantã, antes tão rico em edifícios, não passa hoje de simples laboratório anti-*ofídico*, que o Prof. Otto Bier transformou, embora não oficialmente, em dependência do Instituto Biológico; o Aquário do Parque de Água Branca, de que São Paulo tanto se orgulhava, está em reforma desde o começo do ano passado; quanto ao Museu Paulista, este, coitado! virou pinacoteca... Dir-se-ia que as picaretas demolidoras com que o ex-prefeito Prestes Maia atacou de rijo São Paulo também atingiram as grandes instituições paulistas que, de pobres que eram, hoje já não passam de sombras de si próprias.

O suntuoso edifício do Museu, o maravilhoso parque que o circunda e o grandioso monumento erigido em comemoração à nossa Independência, extasiavam a vista de todos aqueles que visitam esse lindo recanto, de tão gratas recordações histórica para os paulistas. No entanto, pen-

Andando nesse Palácio e percorrendo as inúmeras salas de exposição pública, o visitante começa a sentir uma tremenda desilusão. Quem se lembra do que foi o nosso Museu há poucos anos, fica perplexo ao vê-lo hoje. Quem o viu e quem o vê!...

Em matéria de interesse histórico, ainda se pode ver ali muita coisa interessante. No peristilo do edifício, o visitante tem à sua direita e à esquerda dois grandes monumentos de mármore, que simbolizam a grande epopéia bandeirante: Antonio Raposo Tavares e Fernão Dias Paes. As paredes estão forradas com notáveis painéis de Wasth Rodrigues. Nos corredores, velhos canhões de várias épocas e nas vitrinas armas antigas e muitos outros objetos históricos. Descrevendo a maravilhosa escadaria, afirma o escritor Alonso E. Tauney que ela é, pela riqueza e harmonia de arquitetura, uma das mais belas coisas do Brasil, senão da América do Sul.

Honra, onde avista o famoso quadro de Pedro Américo, "Independência ou Morte!". Em baixo, vê nos corredores alguns móveis antigos, ladeiras, cadeirinhas e outras peças curiosas, uma das quais pertenceu à marquesa de Santos. Vêm, depois, as inúmeras salas de coleções de objetos e documentos históricos: salas consagradas às Mengões, à cartografia colonial e documentos antigos do passado da cidade de São Paulo, ao Mobilário Antigo Brasileiro, à arte religiosa brasileira, a Santos Dumont, a Bartolomeu de Gusmão e a outras coisas. Como se vê, é esta apenas uma ligeira referência ao copioso material histórico existente no Museu. — E além de coleções históricas, há mais coisas para ver? — indagará o leitor. A resposta é infelizmente negativa. — E as coleções de zoologia, botânica, minerais? — ; perguntará novamente o curioso. "Foram removidos", é a resposta. Isto tem uma história, que merece ser contada.



A esquerda : Lance esquerdo da escadaria, uma das escadarias mais belas da América do Sul. A direita : Na galeria do oeste — a "serpentina", "pau de uva", liteiras e cadeirinhas do uso da Marquesa de Santos.

o dr. Ihering. "Obedecendo às tendências de seu espírito de especialista" — escreve o sr. Afonso de E. Taunay — "entendeu o dr. Ihering criar um instituto para assim

dizer exclusivamente consagrado ao estudo da ciência que já, aliás, lhe valera elevado renome de zoólogo".

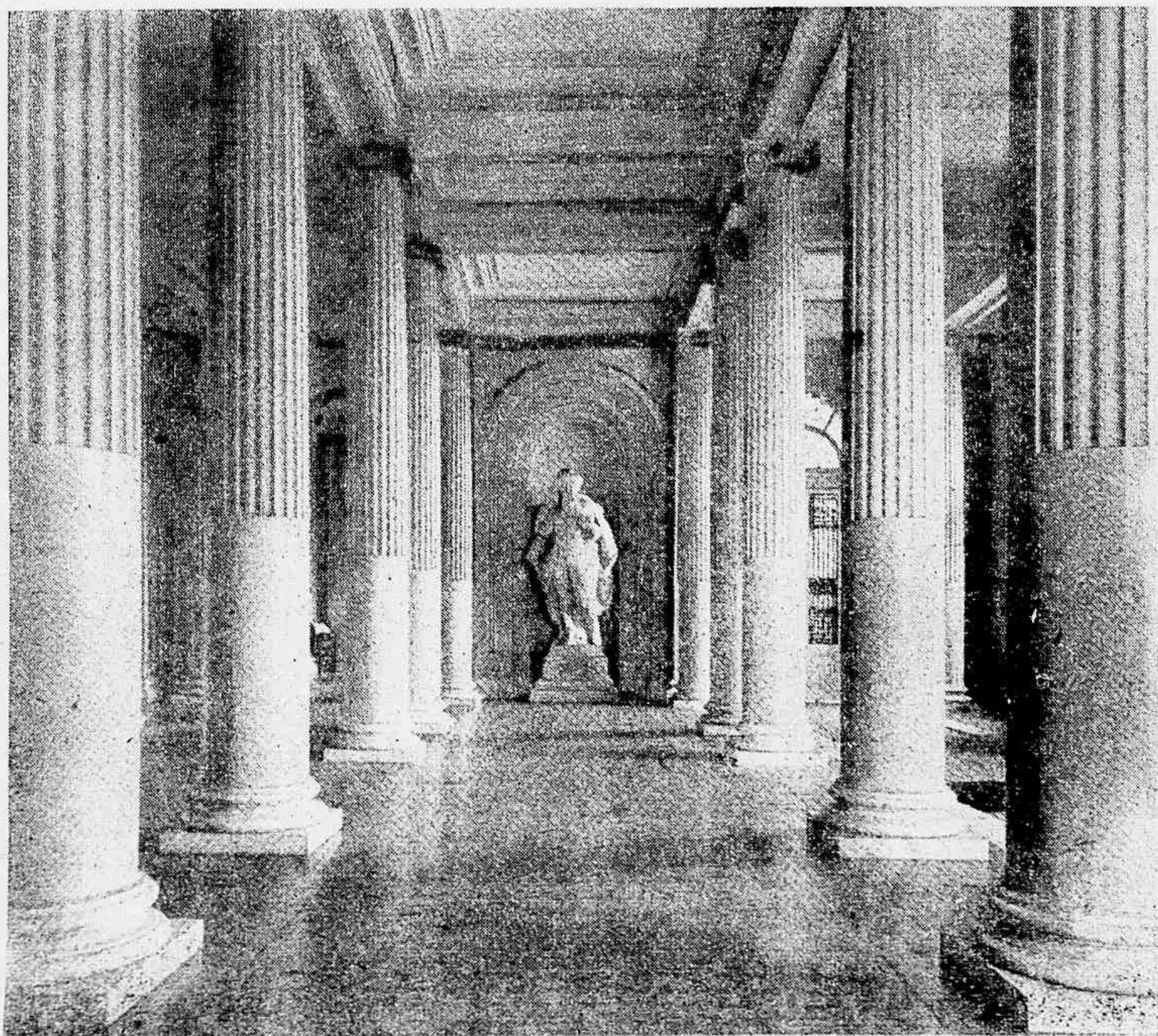
Foi o primeiro erro que se cometeu com relação a ad-

ministração, entregando o Museu aos cuidados de um naturalista e não de um museólogo. Vejamos, por exemplo, o primeiro artigo do regulamento instituído pelo dr. Ihering : — "O Museu Paulista tem por fim estudar a história natural da América do Sul e em particular do Brasil, cujas produções naturais deverá coligir, classificando-as pelos métodos mais aceitos nos museus científicos modernos e conservando-as, quanto possível, explicativas, ao alcance dos entendidos e do público".

Na terceiro artigo desse mesmo regulamento, o dr. Ihering também deixa uma lasquinha à História Pátria : "Além das coleções de ciências naturais : zoologia, botânica mineralogia, etc., haverá no Museu uma seção destinada à História Nacional e especialmente dedicada a coleccionar e arquivar documentos relativos ao período de nossa independência política".

Decorridos quase cinquenta anos, o Museu Paulista, em 1940, encerrava, além da já rica coleção histórica, a maior coleção zoológica da América do Sul, instalada em doze grandes salas, compreendendo cerca de 16.000 aves, 4.000 mamíferos, 3.000 peixes, 2.000 anfíbios e outros reptéis 120.000 insetos, 17.000 moluscos, etc., etc.

Naquele ano, porém, achava-se à testa da direção do Museu não mais um naturalista, mas um historiador, —



Estátua de Fernão Dias Pais, no Peristilo.

Isto ocupa uma sala inteira. E' a "maquette" reconstrutora de S. Paulo em 1840. Na sala vizinha, mais uma — de 1600...



dos maiores da literatura brasileira contemporânea — que, também como especialista, tentou transformar o Museu apenas em museu histórico. As coleções de zoologia foram removidas para um prédio que dista a uns 300 metros do Museu; os ossos de uma baleia, cujo esqueleto devia ser armado em pavilhão especial ou numa grande sala, jazem num porão desse prédio, isto é, o Departamento de Zoologia, criado em 1939; também foram removidas as coleções de minerais, pedras, botânica e a belíssima sala de etnografia também foi esvaziada. Leiam e pasmem: os minerais e as pedras, que muita gente gostava de ver horas a fio, foram removidas para o Instituto Geográfico e Zoológico, instalado no edifício do antigo DEIP, e não sendo franqueado ao público aos domingos e feriados... O que sobrou no Museu foi apenas isto: móveis antigos, cofres, armas, vestírios e uniformes antigos, a "maquette" do projeto completo para o edifício do Museu, que ocupa uma sala inteira e mais duas "maquettes" reconstrutoras de São Paulo de 1600 e 1841, as quais entopem duas salas e que mais se parecem com presépios. Vem, depois, um sem número de quadros a óleo que se esparramam pelas paredes, forrando-as de alto a baixo.

Oh! estes quadros... São um verdadeiro atentado contra a arte pictórica. Um museu, afinal de contas, tem uma função pedagógica cultural, onde a gente vai para ver e aprender alguma coisa, às vezes para consultar, como quem vai a uma biblioteca. Porisso, o museu não usa truques, nem falsificações, nem tapeações. Entretanto, o Museu do Ipiranga, principalmente condescendo com esses quadros a óleo, errou muito, pois as pessoas de boa fé podem supor que eles sejam documentos idôneos e, todavia, foram pintados até por amadores, dando largas à mais fantástica das fantasias...

Os jornais costumam publicar, mensalmente, o número de pessoas que visitam o Museu. Geralmente são alguns milhares. Numa cidade como São Paulo, quase sem teatros e sem divertimentos além do cinema, o Museu é um passatempo gratuito, preferido. Das zonas proletárias da vizinhança, rapazes e moças correm para lá. Mas não aprendem nada, porque tudo ali é anti-pedagógico e só pode servir mesmo como divertimento, a começar pelas duas "maquettes" das quais falamos acima. Como podem tão delirantes fantasias encontrar-se num Museu?

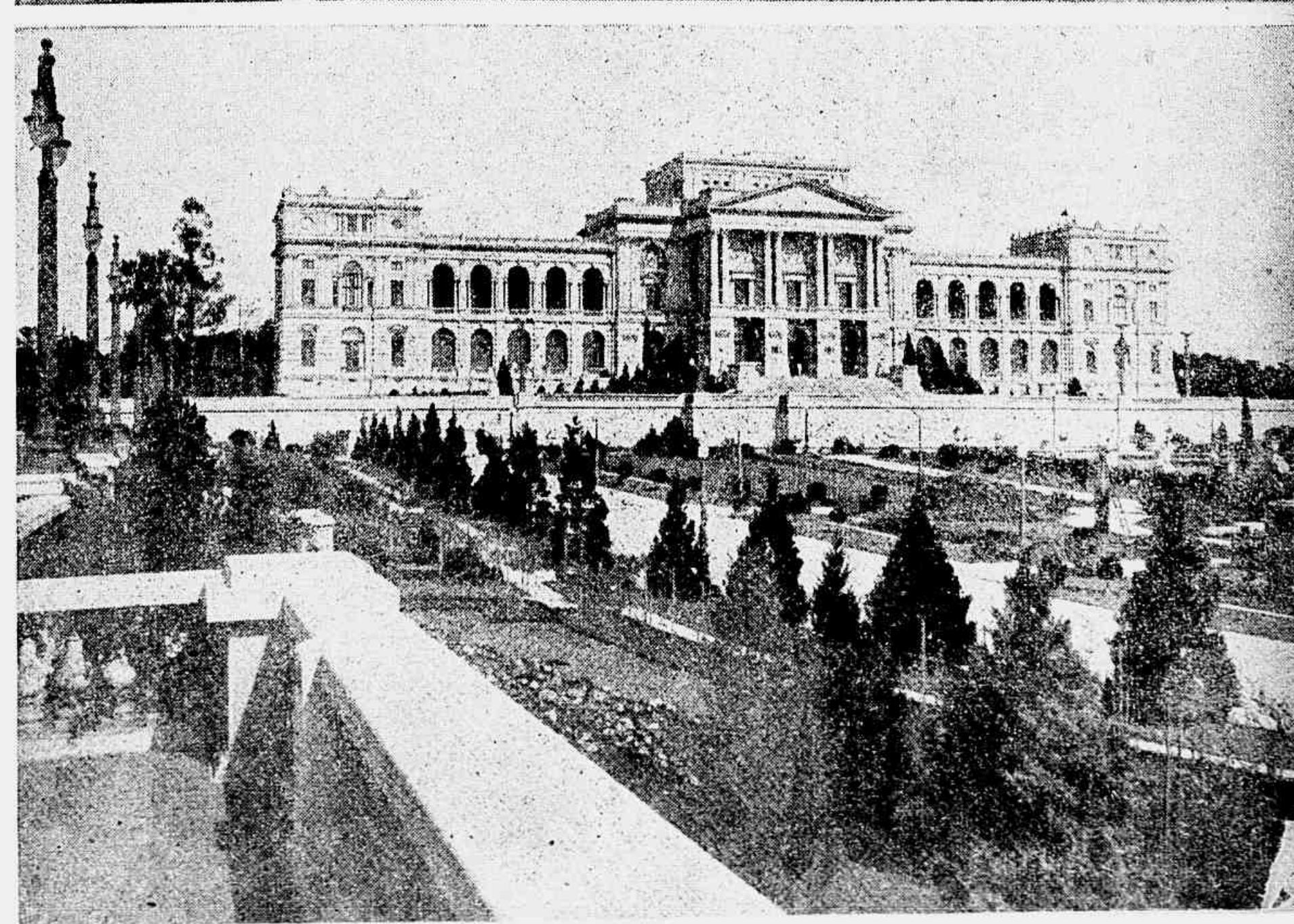
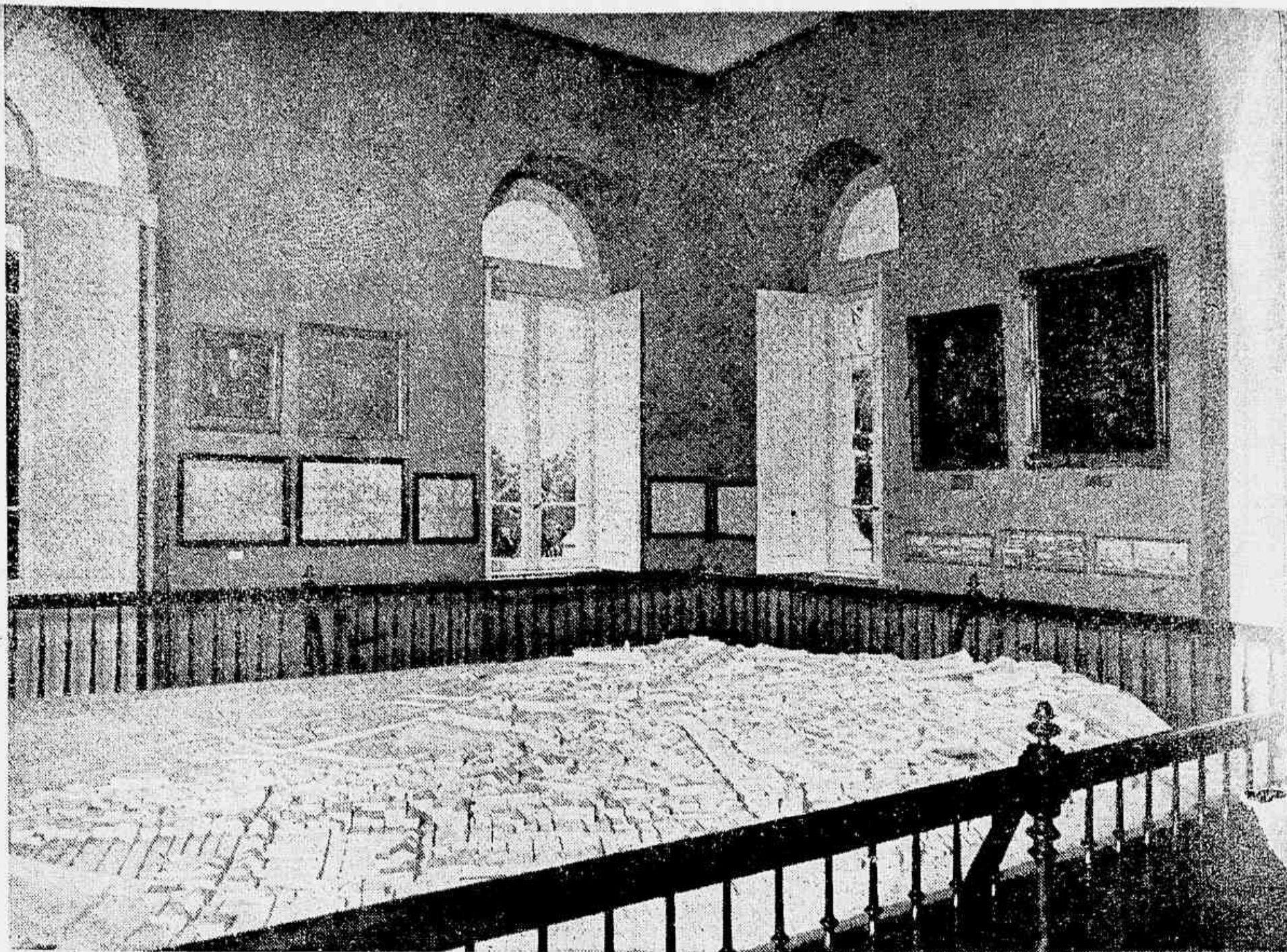
Longe de nós a intenção de duvidar da boa vontade dos últimos dois diretores do Museu Paulista que, como bons historiadores que são, queriam transformar o nosso museu em apenas um Museu Histórico. Infelizmente, porém, é tão pobre a nossa coleção histórica que, com a remoção da coleção zoológica e várias outras, ficou o Museu do Ipiranga semi-vazio. Resultado: aos domingos e feriados, a frequência do Departamento de Zoologia é tão grande que o Museu, com toda sua coleção histórica, permanece em quase eclipse total.

Em 1936, disse Armando de Salles Oliveira, então governador de São Paulo, referindo-se ao Museu Paulista: — "O nosso Museu precisa de uma reforma correspondente à altura de seu acervo. Dotado de verbas exíguas, não dispõe de pessoal suficiente para cuidar do copioso material que já possui".

Agora, que São Paulo vai ter novo governo, estamos na véspera de grandes reformas que nos foram prometidas e esperamos que essas reformas sejam realizadas, mais cedo ou mais tarde. Nessas reformas, também deve ser incluída a do Museu Paulista, se é que se pretende fazer daquilo um Museu e não uma casa de belchior.



Ao alto: Sala consagrada a Santos Dumont, atualmente não franqueada ao público. A esquerda: O edifício do Museu Paulista e o maravilhoso Parque do Ipiranga.





Tobias Barreto, o adversário de Castro Alves na polémica que, em 1866, abalou a cidade de Recife, dividida em dois partidos, entre dois poetas e duas atrizes.

O "SUPLEMENTO" E O SR. TOBIAS BARRETO

SAIU a "Luz" a lume. Todos esperavam-na ansiosos, porque vozes bastante indignas já a haviam prognosticando assás baixa para descer à individualidades insignificantes, assás má para morder à fila, nomes que o não mereciam...

A expectativa foi iludida... Em vez do pasquim, veio o jornal; em vez do ladrão, veio a palavra. Moços que se levantaram a pugnar num terreno puramente literário, não desceram ao puguilão de alconce jornalístico, e saltaram suas idéias, como bandos de aves, que se alteiam para o espaço fitando o azul do infinito e sem baixar a vista ao pantano imundo da calúnia.

Deu-lhes a resposta. Quiseram que baixassemos até eles.

Não descemos, nem desceremos.

O 2º número da "Revista Ilustrada" veio ao corpo do jornal confessar que os haviamos desarmado com a nossa publicação. Sentimos prazer porque em meio de todas as lutas o público tem-nos visto arcar com todas as forças para desviar todo o lodo odioso da face de quem quer que seja e sustentar as questões de arte com toda a nobreza e cavalheirismo. Assim dizia o corpo do jornal: "Por amor à verdade e como tradição fiel de nossas impressões não podemos deixar de confessar que a leitura desse novo campeão da imprensa causou-nos uma completa surpresa agradável para nós e muito honrosa para seus redatores.

Batemos palmas de aplausos, quando o vimos tão diferente do que se nos tinha anunciado...

Lidar-nos-emos a recomendar a sua leitura aos nossos assinantes...

Mas imaginai que numa folha adida sob o título de "Suplemento" a redação desmentiu-se e arroja-se à face do público, com uma dualidade de face incrível, mentindo a seu pensamento íntimo, mentindo à sua idéia revelada.

Confrontai: "Apareceu finalmente a "Luz". A pretensão, a vaidade fofa estampada na face deste jornal não foram desmentidas, nem ao menos modificadas pelas importantes pegs do seu conteúdo".

E agora que lestes este ventríloquio, dizai-me se merece crédito semelhante juízo?... Onde redação alguma se incumbiu de desacreditar as suas sentenças?

Mas é ser coerente, porque os que hoje nos atiram pedras, são os mesmos que, ontem, nos atiravam flores.

Umaz e outras nada valem: e prestam apenas para mostrar ao público o caráter de tais homens.

O "Suplemento" encheu de pismo a muita gente e merecia-o. Este artigo assinado com ares de mestre de escola ou de feitor de engenho, apresentou-se empavado e ridicularmente pretencioso.

Todos perguntavam quem era esse homem, que errava dogmáticamente, criticava a vaidade alheia, impando de orgulho todo, e sem saber sequer, já a significação de uma palavra, já a significação de uma frase, recuava ao tom magistral de um sábio a fatuidade de um ignorante?...

CASTRO ALVES, POLEMISTA

A DISCUSSÃO COM TOBIAS BARRETO — RIVALIDADE DE POETAS DE MISTURA COM RIVALIDADES DE ATRIZES.

UM dos episódios mais singulares da vida de Castro Alves, — o genial poeta dos escravos, cujo centenário o Brasil agora comemora comovidamente, — foi a sua polémica com Tobias Barreto, o ilustre crítico, professor e pensador. Ainda que mais velho oito anos do que Castro Alves, Tobias Barreto era ainda, por essa época, um jovem impetuoso, — e além do mais apaixonado por uma atriz, Adelaide do Amaral, rival de Eugênia Câmara, a musa de Castro Alves. Cada qual queria elevar mais alto a sua eleita, travando verdadeiros duelos oratórios e poéticos, — e para fazê-lo não podia deixar de amesquinhar a musa do outro. Tobias Barreto, poeta medíocre, como os versos de "Dias e noites" nos demonstram, tinha apesar disso uma grande veleidade e se julgava, nesse terreno, superior ao próprio Castro Alves. A rivalidade, a princípio surda, velada, traduzida em indiretas e alusões anônimas, acabou vindo para as colunas dos jornais, numa polémica que teve grande repercussão. A título de curiosidade, transcrevemos nesta página um revide de Castro Alves a Tobias Barreto, no jornal "A Luz" (do partido de Eugênia Câmara e adverso a Adelaide do Amaral):

Nós que nos rimos do escrito, desejamos também rir do escritor, mas como, se o anônimo lá estava, como a dizer que era cousa nenhuma?...

Alguém nos disse ser o senhor Tobias Barreto de Menezes. Não o acreditamos, e até afirmamos o contrário, porque dentre todos os nomes que por acaso nos viessem à mente, este seria de certo o último.

Expliquemo-nos.

De há muito relações de amizade nos ligavam, relações corroboradas por provas públicas e particulares, com as quais o senhor Barreto sempre contou em épocas menos propícias, quando a "Semana", a "Ilustração" e a "Palmatória" o arrastavam ao pelourinho do ridículo, e o apontavam à face de todos como um ser irrisório.

Como, pois, o amigo de ontem iria se escapar no anônimo para tão traiçoeiramente nos ofender? Como o companheiro de letras de há pouco trocaria elogios por demais lisongeiros pela crítica mordaz e viperina?

Parecia-nos isso incrível; nosso espírito recua sempre que temos de acreditar em atos menos dignos; pelo que dirigimos ao senhor Barreto a seguinte carta, que obtive a resposta abaixo:

Ilmo. senhor Tobias Barreto de Menezes.

Peço a V.S. tenha a bondade de declarar-me ao pé desta se é o autor do artigo da "Revista Ilustrada", incluso no Suplemento, como fez-me o obséquio de mandar-me dizer vocalmente.

Se tiver essa bondade ficar-lhe-á mais obrigado etc, que é

De V.S.
Atento e criado
CASTRO ALVES.

Justamente, senhor Castro Alves. Sou eu mesmo. Quer responder? É um favor.

Peço-lhe que me encarre sob todos os pontos de vista, afim de que depois não me chamem de generoso. — Sim, Sr. Considere-me como homem, como escritor na prosa e no verso, como cidadão e até como filho... Dê-me por todas as faces... Assim espero. E para facilitar e abreviar mais a sua resposta, mandar-lhe-ei levar alguns versos meus, que um amigo tem reunidos; pedindo-lhe o favor de que me mande alguns dos seus, ao menos os que tem aqui publicado.

De V. S. atento e criado
TOBIAS BARRETO DE MENEZES.

Ai damos à apreciação dos homens de bem esses documentos. Veja-se como a uma carta delicada, responde-se com tirada grosseira. Notem-se as expressões, as reticências, as alusões ferinas, a calúnia que transparece, a injúria que se promete não esquecer.

E uma vez por todas digamo-lo: o sr. Barreto — que não quer depois ser chamado de pouco generoso — deve ser coerente; já nos insultou, deve continuar. Não desceremos para lutar nesse terreno; nele pode contar com o triunfo, porque não nos encontrará como competidor.

Entremos agora na apreciação da crítica do sr. Barreto.

Depois de uma tirada supinamente "original" e "sediciosa" sobre plágios em geral, começa a analisar parcialmente a introdução da "Luz".

Principia a análise do distinto crítico sobre as primeiras palavras da introdução.

"E" sempre solene o momento em que se pega da pena, alguém nos fita lá de cima, alguém nos olha cá em baixo — Deus e a consciência".

A estas palavras responde S.S. que concorda na solenidade do momento, mas que a razão que demos para isso — Deus e a consciência — é que não foi convenientemente expressa, prestando-se ao ridículo, de que S.S. não se ocupa.

Qual será esse ridículo? Que ambiguidade haverá nesse período? foi o que perguntamos a nós mesmos, quando lemos estas linhas.

Por ventura o olhar da consciência fito sobre o moço, que começa a lutar, o olhar de Deus fito sobre o espírito que principia a obrar não tornam solenes essas horas de trabalho e de trabalho tão difícil? Sim! Deus, que amaldiçoa o escritor que passa pelo trilho da imprensa a sacudir o lodo da calúnia sobre as reputações mais puras; a consciência

que azorraga o pasquineiro que tudo insulta, eis as duas testemunhas que se inclinam na mesa do estudo, e que punem severamente a infâmia da pena, como aplaudem a honradez da palavra escrita.

Mas falemos franco, o Sr. Tobias não quis criticar essas idéias... não; fez um lindo jogo de palavras. Descobriu um ridículo, cujo achado seria de certo muito apreciado na tarimba e na taverna entre os espirituosos descobridores de pulhas... entre os mesmos, que tanto apreciam os seus célebres versos:

Pernambuco erica a coma,
Agacha-se um pouco e toma... etc.

Mas não gastemos palavras. Façamos como S.S., que não se ocupa do ridículo. — Diz o distinto escritor que é uma banalidade, um desenxabido lugar comum a queixa contra o mundo, que esmaga as aspirações do gênio.

(Continua na pág. 52)

Castro Alves e Eugênia Câmara, segundo uma interpretação do pintor Santa Rosa, para o livro "A.B.C. de Castro Alves", uma das mais brilhantes biografias do grande poeta bahiano, de autoria de Jorge Amado. Afranio Peixoto e Pedro Calmon, ambos bahianos, também figuraram entre os biógrafos do autor de "A Cachoeira de Paulo Afonso".



Catherine Gaskin, AUTORA DE UM "BEST- SELLER" AOS 17 ANOS

A pequena e frágil colegial que bateu um "record" de vendas na Austrália —
Do anonimato à glória literária.

GRANDE êxito coroou o talento da jovem Catherine Gaskin, de apenas 17 anos de idade, quando sua primeira novela intitulada "Este Outro Eden", publicada recentemente em Sidney, na Austrália, pela editora William Collins (Overseas) Ltda., esgotou rapidamente a primeira edição. A jovem escritora tem agora uma segunda novela em preparo. Juntamente com Eleonor Dark, de mais idade e mais amadurecida, autora de "The Timeless Land" e outras obras, Catherine agora desfruta a honra de ser uma das duas únicas mulheres novelistas da Austrália publicadas por aquela editora.

A compreensão e penetração da autora de "Este Outro Eden" foram descritas pelos críticos como algo que se pudesse esperar mais de uma mulher de quarenta anos do que de Catherine.

Como alguns livrheiros tendem a duvidar que esse livro pudesse ter sido escrito por uma jovem de 17 anos de idade, os editores propõem-se levar os descrentes à casa de Catherine, em Coogee, subúrbio que fica na orla marítima de Sidney. Os Collins mostram-se tanto mais desejosos de fazer isso quanto eles próprios ficaram estupefactos ao descobrirem que o livro, que haviam aceito para publicação, fora escrito por uma colegial. Catherine prudentemente convencera sua mãe a apresentar a novela, sabendo que a sua própria juventude poderia prejudicar o juízo que dela fizessem os editores.

Catherine, nascida em Dundalk, no condado de Louth, não é nenhuma pequena precoce. Criada com cinco irmãos mais velhos, ela foi mimada. Uma dentadura perfeita e uma cabeleira castanha-escura, emolduram-lhe a fisionomia suave. Foi ela para a Austrália em companhia de seus pais, o senhor e a senhora James Gaskin, e seus cinco outros irmãos, três meses depois de seu nascimento em 2 de abril de 1929.

Catherine diz que deve o seu êxito ao interesse e simpatia de sua família. É ela a única escritora da família. Seu pai é um desenhista do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Nova Gales do Sul.

Foi ele anteriormente assistente de agrimensor em Dundalk, onde seu pai foi o agrimensor municipal antes dele. Diz ele que os Gaskins jamais se arrependeram de sua decisão de emigrar para a Austrália.

"Este Outro Eden" foi iniciado em 1º de janeiro de 1944, como uma resolução de Ano Novo. Catherine tinha então apenas quinze anos de idade e frequentava o Colégio do Sagrado Coração de Jesus, em Bellevue Hill, em Sidney. Levantava-se às quatro da manhã todos os dias e escrevia enquanto a casa estava quieta, até oito horas. Em seguida ia para a escola, e às tardes ia para as aulas de música no Conservatório de Sidney ou estudava piano. À noite, fazia seus trabalhos domésticos até às onze.

Nos "week-end" e feriados escrevia quase todo o dia, com intervalos apenas para os deveres domésticos e estudos de piano.

Sua mãe diz que Catherine perde a maioria de suas amiguinhas de escola pelo fato de recusar constantemente os convites que estas lhe fazem. A senhora Gaskin preocupa-se com o fato de Catherine dormir pouco, mas verificou que não podia fazer quase nada a esse respeito.

Quase todo o dia há tempo para natação, antes de Catherine prosseguir à tardinha em seu mister de escrever novelas.





E' certamente emocionante visitar uma livraria em Sidney, em seu caminho de volta para casa, e encontrar no mostruário sua vitoriosa novela "Este Outro Eden", que é o atual "Best-Seller" australiano. Muitos compradores de livros se recusam a acreditar que a novela foi escrita por uma jovem de 17 anos de idade.



Há uma opinião, entretanto, de que o trabalho árduo tenha afetado o crescimento de Catherine. E' ela pequenina e frágil fisicamente, mas é muito esbelta.

Para escrever "Este Outro Eden" ela levou exatamente um ano. Durante esse ano toda a família mantinha em segredo sua atividade literária, escondendo a máquina de escrever quando chegavam visitas. Catherine não quis falar acerca de seus livros senão depois que um editor contratara a publicação do mesmo.

O senhor Dick Price, de Sidney, atualmente gerente geral em exercício da editora de Collins, foi o primeiro homem a ler "Este Outro Eden". Ficou excitado com a leitura desde o princípio, mas sugeriu que fosse encurtado para 175.000 palavras.

Quando a mãe de Catherine disse a esta o veredicto do senhor Price, ela foi ver o editor. Diz a jovem autora que ele ficou mudo de surpresa quando a viu.

— A senhora Gaskin me havia dito que o livro tinha sido escrito pela sua filha, mas pelo seu estilo e conteúdo eu esperava ver uma jovem de pelo menos 27 anos de idade, e não aquela criança, — disse o senhor Price, mais tarde.

Catherine em seguida deixou os estudos para dedicar seu tempo à literatura, e não voltará ao colégio para concluir o ano final, pois os seus editores fizeram um contrato de exclusividade para os seus dois próximos livros. A sua segunda obra, está quase pronta para publicação. "Este Outro Eden" é a história das reações de uma jovem norte-americana à vida inglesa, de 1931 a 1941. Entretanto, a adolescente Catherine nunca deixou a Austrália desde que ali chegou!

Catherine explica que, tendo apenas lido acerca dos lugares que descreve, descobriu que é melhor não mencionar os "backgrounds" e locais muito detalhadamente, mas sim concentrar os seus esforços na caracterização dos personagens.

— De qualquer forma, — diz ela — a descrição deta-

A jovem australiana Catherine Gaskin, de 17 anos de idade, residente em Coogee, Sidney, obteve notável êxito quando a sua primeira novela, "este outro Eden", foi publicada em Sidney, na Austrália, recentemente, por William Collins (Overseas) Ltda. E foi vendida toda sua primeira edição. Os críticos aplaudiram o amadurecimento e a perícia da obra, e uma segunda novela de Miss Gaskin está em preparo.

Catherine Gaskin é uma adorável jovem australiana. Entretanto, tem os olhos e a tês de seus antepassados irlandeses. Na fotografia ela aparece gozando as delícias do sol no jardim da residência de seus pais, em Coogee, Sidney.

lhada da paisagem está fora de moda na moderna técnica de escrever romances.

Nota ela um certo embaraço quando tenta escrever sobre lugares que conhece. Mas quando escreve acerca de lugares que nunca viu, sua imaginação de tipos e caracteres pôde correr livremente. Possui uma sólida base clássica, e considera Shakespeare sua principal inspiração. Acha que as modernas novelas e o cinema a auxiliam muito, juntamente com o seu material que lhe serve de base para a redação. Para averiguar os fatos que narra passa grande parte do tempo na Biblioteca de Sidney.

"Por exemplo" — disse-me ela — "minha nova novela é a história de um adolescente de gênio e sua vida entre as idades de 16 e 22 anos, se passa em Connemara, em Galway, na costa ocidental da Irlanda. Embora meus pais possam me auxiliar bastante em relação a esse local, consulto cuidadosamente os fatos na Biblioteca. Como a narração leva meu personagem até o Colégio Trindade, em Dublin, estudei o seu calendário universitário na biblioteca.

Os críticos mostram-se cuidadosos em advertir a Catherine que ela tem muito a aprender, e não parece provável que ela se deixe estragar pelo êxito obtido. Aprecia todas as palestras radiofônicas, entrevistas e reuniões literárias que se lhe deparam, mas vê tudo isso de maneira muito positiva. Ficou muito satisfeita quando o crítico de um jornal de Sidney escolheu sua novela "Este Outro Eden" como o livro da semana, dedicando-lhe mais de mil palavras.

Como exercício, Catherine nada na praia oceanica de Coogee, à curta distancia de sua casa. Como descanso dedica-se à leitura e ouve música clássica. Tem muitas oportunidades de cumprir compromissos sociais, mas confessa que aceita apenas aquele para os concertos sinfônicos e cinemas, recusando convites para danças. Acima de tudo Catherine conta com a republicação no exterior de "Este outro Eden", que está sendo agora negociado por seus editores na América e Inglaterra. Espera também viajar.

Seus parentes se acham espalhados em muitas partes do mundo, além de Dundalk, na Irlanda. A irmã de sua mãe, senhora Catherine Coleman trabalha no Departamento de Estado dos Estados Unidos, e outra tia, Irmã Maria Teresa Josefa, está no Convento das Mercês, em Bristol Road, Brighton, na Inglaterra. A grande ambição de Catherine, naturalmente, é ser uma vitoriosa novelista popular. E parece que o será, certamente. (Copyright do Serviço Australiano de Informações).



De lapis na boca, pensativamente mergulhada no trabalho, na biblioteca pública, onde obteve os detalhes precisos para o enredo de sua primeira novela, "Este Outro Eden", "Best-Seller" australiano, Catherine lê assuntos sobre a Irlanda, assunto do seu segundo livro.



Catherine Gaskin é uma adorável jovem australiana. Entretanto, tem os olhos e a tés de seus antepassados irlandeses. Na fotografia ela aparece gozando as delícias do sol no jardim da residência de seus pais, em Coogee, Sidney.

lhada da paisagem está fora de moda na moderna técnica de escrever romances.

Nota ela um certo embaraço quando tenta escrever sobre lugares que conhece. Mas quando escreve acerca de lugares que nunca viu, sua imaginação de tipos e caracteres pôde correr livremente. Possui uma sólida base clássica, e considera Shakespeare sua principal inspiração. Acha que as modernas novelas e o cinema a auxiliam muito, juntamente com o seu material que lhe serve de base para a redação. Para averiguar os fatos que narra passa grande parte do tempo na Biblioteca de Sidney.

"Por exemplo" — disse-me ela — "minha nova novela é a história de um adolescente de gênio e sua vida entre as idades de 16 e 22 anos, se passa em Connemara, em Galway, na costa ocidental da Irlanda. Embora meus pais possam me auxiliar bastante em relação a esse local, consulto cuidadosamente os fatos na Biblioteca. Como a narração leva meu personagem até o Colégio Trindade, em Dublin, estudei o seu calendário universitário na biblioteca.

Os críticos mostram-se cuidadosos em advertir a Catherine que ela tem muito a aprender, e não parece provável que ela se deixe estragar pelo êxito obtido. Aprecia todas as palestras radiofônicas, entrevistas e reuniões literárias que se lhe deparam, mas vê tudo isso de maneira muito positiva. Ficou muito satisfeita quando o crítico de um jornal de Sidney escolheu sua novela "Este Outro Eden" como o livro da semana, dedicando-lhe mais de mil palavras.

Como exercício, Catherine nada na praia oceânica de Coogee, à curta distância de sua casa. Como descanso dedica-se à leitura e ouve música clássica. Tem muitas oportunidades de cumprir compromissos sociais, mas confessa que aceita apenas aquele para os concertos sinfônicos e cinemas, recusando convites para danças. Acima de tudo Catherine conta com a republicação no exterior de "Este outro Eden", que está sendo agora negociado por seus editores na América e Inglaterra. Espera também viajar.

Seus parentes se acham espalhados em muitas partes do mundo, além de Dundalk, na Irlanda. A irmã de sua mãe, senhora Catherine Coleman trabalha no Departamento de Estado dos Estados Unidos, e outra tia, Irmã Maria Teresa Josefa, está no Convento das Mercês, em Bristol Road, Brighton, na Inglaterra. A grande ambição de Catherine, naturalmente, é ser uma vitoriosa novelista popular. E parece que o será, certamente. (Copyright do Serviço Australiano de Informações).



De lapis na boca, pensativamente mergulhada no trabalho, na biblioteca pública, onde obteve os detalhes precisos para o enredo de sua primeira novela, "Este Outro Eden", "Best-Seller" australiano, Catherine lê assuntos sobre a Irlanda, assunto do seu segundo livro.



NO CENTENARIO NATALICIO DE CASTRO ALVES

Na Bahia do século passado, e em todo o Norte, gozou grande crédito pedagógico o "Ginásio Bahiano". Dirigia-o, na cidade do Salvador, o médico Abílio Cesar Borges. Outro médico, e professor de medicina na Faculdade da Bahia, o dr. Antonio José Alves, em 1858 matriculou no "Ginásio" dois filhos, José Antonio e Antonio de Castro Alves.

Cursando internato, os Alves cedo começaram a versejar e a dar-se à caricaturas das quais vítimas quantos viviam no estreito meio colegial, professores, condiscípulos, empregados.

Uns dezoito anos antes, no Rio de Janeiro, e nele no "Colégio Pedro Segundo", Alvares de Azevedo gostando de versos, também caricaturava gente do Imperial Colégio.

Estampadas algumas primeiras poéticas dos meninos Alves, alunos do "Ginásio Bahiano", desaprova o dr. Alves tais estréias dos filhos no verso e nas travessuras de pena e lapis dos desenhos satíricos.

Em 1873, o dr. Abílio Borges dirigia no Rio de Janeiro outro colégio ao qual dera o seu nome bahiano. Ao instituto de ensino veio ter o dr. Joaquim Dias da Rocha a matricular filho de igual nome.

Declarou então o pai ao diretor:

— Meu filho verseja, nem sempre com inocência, o que pode ser pouco agradável a professores e colegas.

Ano depois dizia o diretor ao pai do seu aluno:

— Isto, que eu sabia, não tem versejado, mas caricaturado. No colégio há dois jornalinhos, um dirigido por seu filho, outro pelo aluno Arthur Barros. Os dois periódicos combatem-se sobretudo por meio de caricaturas, "criando-se dois partidos em guerra civil no meu realezinho".

Lembrado sem dúvida de Castro Alves, Abílio Borges declarou ainda ao dr. Dias da Rocha:

— A vista da luta e do seu crescer, aos redatores dos dois jornais proibi a publicação de caricaturas, autorizando a dos versos.

Mais tarde o próprio proibidor de 1874 seria vítima das caricaturas e da prosa do injusto autor de "O Atheneu".

Bem jovens, pelo amor ao verso e à caricatura irmanaram-se, em tempos colegiais, Alvares de Azevedo, Castro Alves e Dias da Rocha, cada um deles a seguir seu destino, os primeiros obtendo a glória, Dias da Rocha a merecer louvor e reputação como poeta.

Alvares de Azevedo e Castro Alves seriam acadêmicos de Direito, por motivos de saúde sem conclusão de estudos jurídicos na Faculdade de São Paulo onde Dias da Rocha se formaria.

Um tanto irmanados quando colegiais, dedicados a ensaios de poesia, a caricaturas satíricas. Alvares de Azevedo, Castro Alves e Dias da Rocha irmanar-se-iam completamente na morte desaparecendo moços os três poetas e vítimas pela mesma enfermidade pulmonar.

★

ANTONIO DE CASTRO ALVES — (1817 - 1871)



Concluídos estudos no "Ginásio Bahiano", com o irmão José Antonio, seguiu Castro Alves para o Recife a ultimar preparatórios. Feitos estes, matriculou-se Castro Alves na Faculdade de Direito pernambucana substituta da Academia de Olinda criada em 1827.

Castro Alves seguiu curso no Recife até o 3º ano, transferindo-se então para a Faculdade de São Paulo. Passou então pelo Rio de Janeiro com certo assinalar, o moço acadêmico já de fama como poeta, não sem ruidosas contendas no Recife com o seu condiscípulo e rival literário Tobias Barreto.

A capital do Império, em 1868, recebeu Castro Alves a amigo.

Banquete, concorrida leitura pública de versos, apresentação na imprensa por José de Alencar e Machado de Assis, serviram de credenciais a Castro Alves para demandar Pauliceia onde em massa de corações o recebeu a mocidade acadêmica, por ela o recém-vindo logo estimado e admirado.

Era Castro Alves tão comunicativo e sociável quanto o pai, o dr. Antonio José Alves, retraído e pouco mundano.

Em carta de 9 de fevereiro de 1856, dizia o dr. Alves a Fernandes da Cunha, amigo do coração: "Amanhã lhe pedirei outra vez que me desculpe estar em falta que não tem outro motivo senão um poder imperioso que me afasta de reuniões mesmo daquelas que me interessam muito o coração como as que V. toma parte".

Tal confessava o pai, o filho ao contrário a obedecer "ao imperioso dever" de respirar largo as auras da vida no meio da agitação e do ruído e no enleio da enganosa fascinação mundana.

Como em Pernambuco, Castro Alves, em São Paulo, por demais poeta, pareceu as vezes de que era acadêmico de Direito e tinha professores que quando examinavam pediam contas de aplicação.

No Recife como em São Paulo o amor de Castro Alves por uma mulher de teatro transformou em drama a vida juvenil do poeta. Afinal acidentado numa caçada, enfermo, desnudado, acabou nutrido veemente o desejo supremo dos que sentem fugir a existência fora do lugar de berço, o desejo de ir morrer na sua terra.

No regresso definitivo à Bahia, Castro Alves teve dias de esperança no recobro de alguma saúde, dias de amargura nos quais pegando de suas dores íntimas, de suas saudades, lhes arrancava versos em adeus ao mundo, versos tanto de último éstro quanto de derradeiro alento.

A 15 de junho de 1871 o bem fadado para malogrado Castro Alves escreveu seus últimos versos, intitulados "Gesso e Bronze", justo as substancias a utilizar de futuro nos bustos e estatuas de quem em 1871 contava suas horas de existência.

Expirava Castro Alves na tarde de 6 de julho de 1871 aos vinte e quatro anos de sua idade, cercado de família do seu sangue e da família afim do coração ou a dos bons e fiéis amigos.

Qua fatalidade meu pai — dissera Alvares de Azevedo moribundo, voltando-se para o progenitor retendo pranto. O último olhar de Castro Alves esse não encontrou o do pai, morto havia cinco anos, ao qual portanto poupadas as despedidas do filho, já de marca na vida nacional.

Recordações de Castro Alves? Vão seguir-se algumas.

Ao sair Castro Alves do "Ginásio Bahiano" nele entrava um menino cearense, Raimundo Bizarria. Castro Alves partira para Pernambuco a estudos de preparatórios. Começara o seu destino inconstante, de "passaro viajor", como depois qualificaram aquele destino.

Bizarria encontrou no "Ginásio Bahiano" memória viva de Castro Alves, a repetição de seus ditos, a mostra de seus desenhos colegiais caricaturando mestre e colegas.

Mais tarde, também a ultimar estudos secundários, Bizarria teve ensejo de encontrar-se com Castro Alves pela primeira e última vez.

Deu-se o encontro em quarto de hotel no qual se hospedava dileto amigo de Castro, o 5º anista de Direito, Plínio Augusto Xavier de Lima, poeta como o seu amigo.

No correr de conversa disse Castro Alves a Bizarria:

— Fui muito amigo dos seus patricios, os cearenses, no Recife, acrescentando, — estiveram sempre a meu lado.

Em certo ponto da palestra tratou Castro Alves de poesia e de poetas, aconselhando Bizarria:

— Nunca se deixe levar pela linguagem dos poetas. A poesia é uma ave do céu, tocando a terra adquire garras de pantera. O poeta é as vezes um corcel sem freios... Já leu aquela parte do "Gaúcho", de seu patricio (Alencar) intitulada "Hupa"? Pois é aquilo mesmo a carreira do poeta.

No fim da conversa Castro Alves retirou-se apoiado no braço de um amigo.

Na própria Bahia ficou Raimundo Bizarria para ser na cidade do Salvador jornalista no "Diário de Notícias", professor na "Escola Normal" e no "Ginásio da Bahia".

Folheando um dia velho canhenho nele encontrou Bizarria uma nota remontando a 1871, época do seu encontro com Castro Alves. A nota fixado o que ouvira do poeta, ao publicar o apontamento intimo Bizarria dedicando a Augusto Guimarães, cunhado e amigo de Castro Alves.

Recordou-lhe Bizarria que dias depois do encontro, recebera do seu visitado um exemplar das "Espumas Flutuantes", com dedicatória sem menção de nome, mas parecendo destinado a uma senhora.

Atestou Bizarria:

"Logo após as "Sombras", no exemplar a mim oferecido achavam-se estes versos:

"Vejo-te ainda, ó flôr de minha infancia
Bordando a tela azul dos meus desejos
E sinto em minhas faces pallegadas
O calor inextinto de teus beijos.

"Seguia-se outra estrofe, mas inutilizada por vigorosos traços de pena, que só permitiam distinguir-se algumas palavras assim dispostas:

..... voam
..... eras
..... primaveras

Declarou Bizarria nunca ter visto entre versos de Castro Alves a estrofe lançada no exemplar das "Espumas Flutuantes", outra estrofe nervosamente apagada em versos de seguimento.

Tudo era do punho de Castro Alves. Atestou-o um amigo do poeta, um senhor Dutra, de Curralinho, por sinal presente ao encontro de Castro Alves e Bizarria no quarto de Plínio de Lima, quarto do qual se retirara o poeta apoiado no braço do mesmo sr. Dutra.

Disse este a Bizarria atribuir ele a descuido a remessa do exemplar das "Espumas Flutuantes", destinado a uma senhora.

No livro ficara além da estrofe completa outra inutilizada por vigorosos traços de pena consentindo somente a vista de duas palavras e de um resto de palavra indicando rima, tudo em lacuna de para sempre.

E S C R A G N O L L E D O R I A

NÃO sabemos se em vida Castro Alves teve apóstolos incondicionais.

E' possível que não. O gênio constitui por si mesmo algo de provocação aos contemporâneos. Raros, ou melhor, nenhum deles, alcança dos compatriotas o aplauso geral, fervente, entusiasta.

Se o velho Victor Hugo, para referir apenas o grande permanente, sofreu a incompreensão e o despeito de irreverentes, inclusive de certa feita o do próprio Musset, não estranha que Castro Alves haja deixado de conquistar, em sua época, a universalidade dos louros a que fez jus.

Ao notar, temeroso, a existência de relativo silêncio de alguns em torno do poeta, evidentemente não formulamos suposição gratuita. Um de seus devotos mais autorizados, senão mesmo o mais autorizado, Agripino Grieco, fala-nos de invejosos do renome do vate. Ninguém ignora que Tobias Barreto foi um desses invejosos, talvez o mais encarniçado.

Mas, sempre ou quase sempre, a morte é a clareira da glorificação. E glorificado ele foi pelos irmãos na lira que vieram enaltecê-lo em sucessão impressionante.

Seja assim a reunião de uma dúzia de discípulos do pai de Homero que, ajoelhados, prestaram tributo ante o Panteon simbólico que é a obra do nosso máximo cantor:

"E que alma grande!... ao lado do cativo
Ele inclinava a fronte compassivo

E chorava também:

Depois... colhendo estrelas no seu pranto
De cada estrela rebentada um canto
Que perdia-se além..."

Eis os versos de Castro Rebelo Junior, que encontramos no "Correio Pernambucano", de 30 de setembro de 1871.

Notemos, de passagem, que esse jornal, não publicou uma só linha na ocasião do falecimento do poeta.

Alfredo de Carvalho descontou, mais tarde, nos magníficos artigos "Castro Alves no Recife", no "Jornal do Recife", de 18 e 19 de maio de 1903 — o esquecimento do "Correio".

Mas, se é verdade que essa folha, em que aliás Silvio Romero escreveu com o nome de Silvio da Silveira Ramos, incidu naquela terrível negligência, é também verdade acolheu ainda os versos de Victoriano Palhares:

"Mas, quem foi Castro Alves? Um poeta?
Não, não: ele foi mais, foi profeta

Da nova geração.

Da inspiração cedendo ao desafio

Em seus lábios a estrofe era de fogo

A poesia um clarão".

Leitor amigo, admira com o rabisca-
dor destas notas os versos de Cipriano de
Miranda:

Autógrafo reproduzindo o final de um dos poemas de Castro Alves.

*Quando Ella se altiou das brumas da Alemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrela da manhã;
Ocuparmo de um fugaz correo nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Das cimas do Peru... as grimpas do Indostão!!*

S. Salvador 14 de Jan

1870

Castro Alves

"Quem não conhece as Espumas
Que esse Camões escreveu,
Mostrando a posteridade
A prova do gênio seu?
Que lida a bela epopéia,
Mais sublime que a Odisseia
Que o velho Homero cantou,
Naquela fronte brilhante
Havia sonhos de Dante
Idéias do deus Hugô!"

Vamos, agora, ao mineiro Augusto de Lima:

"Dos imortais seguiste a eterna esteira
Entre as aves do mar, aves errantes,
Vagando nas "Espumas Flutuantes",
Nas espumas da grande cachoeira".

São frequentes as alusões a Hugo nos
cementários de Castro Alves. Castro Re-
belo, também as menciona:

"Na firme propaganda evangelizadora,
No intuito social do grande sonho humano,
Ardia-lhe a cabeça audaz e precursora,
Tinha alucinações de um cérebro hugoano

E olha, gigante! exulta, apóstolo das
massas!
Das trevas do sepulcro as amplidões da
história
Vai-te arrojando imensa aluvião das
praças,
Onde a alma da Bahia extravasou de
glória".

Seja aqui também lembrado o poeta
norte-riograndense Lins de Albuquerque:

"O que resta de ti mais que a memória
Que a pátria em seu regaço guarda aflita?
Um túmulo escondido entre os mais tú-
mulos

Que ela, mãe toda amor, vela contrita...
Uma lápide à sombra do arvoredor,
Em que os ventos das frígidas noites
Vão perfumados murmurar queixumes
Tristes endexas em canções magoadas".

Carlos Ferreira foi encantador e justo:

"Não o perturbem, não! No esquife
enorme

Onde da glória o sono e gênio dorme
Debruça-se a amplidão!
Prosta-se o sol de espanto ao ver o morto,
E além nas margens do sidério porto,
Ele assomou vulcão!

Quando expiraste, um anjo peregrino
Baixou à terra, e teu clarão divino
Repercutiu além...

Do teu vulto radiante à majestade
A deusa turva — a deusa eternidade
Sorriu-se e disse — vem!"

Luis Guimarães Filho quis vê-lo nos
braços de Morfeu, plácido e tranqüilo:

"Dorme, porém, feliz e sossegado:
O mundo ainda é o mundo grangrenado,
E a dor que te matou também nos mata:



Castro Alves, o genial poeta das "Espumas Flutuantes", cujo centenário o Brasil está comemorando comovidamente.

O CULTO A CASTRO ALVES NA LIRA DOS NOSSOS POETAS

Por UBALDO SOARES * Especial para REVISTA DA SEMANA

A morte, sim, é o sono imaculado:
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lágrimas de prata!..."

O estro do baiano Pacheco de Miranda
Filho assim se exprimiu:

"Tinha na maga voz a inspiração potente
Inundada de luz das grandes emoções;
No olhar altivo, audaz, rútilo e incan-
descendente
O fogo abrazador das másculas paixões!

Porém se desfilia a nota gemedora,
Como em doce expansão su'alma sonha-
dora
Vibrava-lhe da lira às cordas soluçantes!

Como era belo vê-lo, em seu batel de
mágoas
Do mar de seu amor nas procelosas águas
Flitando tristemente as Espumas Flu-
tuantes!"

O pernambucano Zeferino Galvão,
preocupado com os grandes do século,
disse de Castro Alves:

"Grande vate! Contemplando
teu gênio soberbo, imenso,
transformo o triste alaúde
em uma nuvem de incenso

Caminheiro do progresso,
Aluno do velho Hugô!
Ficaste sempre na mente
Do povo que te fitou..."

A corôa de louros está quase completa.
Mais uma vergôntea: a do paulista Vi-
truvio Marcondes:

"E ai há de viver triunfalmente
O insano e ardente vate dos Escravos,
Já que a justiça véra se consente

Para um mundo de estrelas cintilantes,
Bastam seus versos refletindo bravos,
Num vasto mar de Espumas Flutuantes!"

A palma final aqui está, nestes versos
de Costa e Silva:

"Tu que sabias animar com o verso
Da escravidão o ríspido pampelro,
Mereces que teu nome seja inscrito
No coração de cada brasileiro".

E assim aconteceu. Qual de nós desco-
nhece a força desse poeta, seus impetos,
suas inspirações generosas, sua tonalida-
de, sua cor, sua vibração? Ele não foi
apenas um homem, — disse-o com pro-
priedade Agripino Grieco — mas uma
convulsão da natureza



Um apenas, perdido no

Conto de J. HERCULANO PIRES



Ilustração de ARMANDO PACHECO

CARLOS MAZONI terminou de datilografar a carta, fechou-a no envelope e levantou-se para sair. Estava um tanto nervoso, oprimido pela lembrança das últimas ocorrências, e pelo cansaço da viagem que tivera de fazer, em circunstâncias tão dolorosas e inesperadas. Fazia um magnífico dia de sol. Pela janela podia-se avistar um céu muito azul, com pequenos flocos de nuvens. Como de costume, chamou a mulher, que estava costurando na sala próxima, para lhe dar um beijo de despedida. Angelina veio com a costura nas mãos, despreocupada. Carlos beijou-lhe a testa, e ia saindo, quando a criança acordou, gritando no quarto. Parecia assustada com alguma coisa.

— Coitadinha da minha filha! Que teria acontecido para acordar assim, tão assustadinha?!

Angelina correu para o berço e deteve Carlos com uma ordem imperiosa. Voltou de lá com a pequerrucha nos braços, para que ele lhe desse, também, um beijo de despedida. Depois, quando quis sair, ela o puxou de novo pelo paletó.

— Vem cá! Aquele não valeu...

Carlos olhou bem fundo nos olhos da mulher. Não haveria uma sombra qualquer, uma nuvem desconhecida, na luz daquele olhar que ele tão bem conhecia? Por que tanta insistência na despedida, quando ele ia tão perto, somente até o correio, e dali a pouco estaria de volta?

— Estás triste, hoje?

— Um pouco...

— Por que?

— Ora... Depois de tudo o que aconteceu...

Carlos beijou-a e saiu. O dia estava realmente belo e feliz. Um dia alegre, cheio de sol, capaz de infundir alegria no mais triste dos homens. As ruas regorgitavam de gente. E tudo parecia tão simples, tão natural e tão puro, que Carlos em breve se esqueceu das suas amarguras, começando mesmo a assoviar, baixinho, um samba qualquer. De repente, aquilo lhe pareceu uma heresia. Parou de assoviar e mergulhou-se de novo nas recordações do dia anterior. Mas já estava, nesse momento, enfrente ao correio. Entrou, despachou a carta, e ia se retirando, quando encontrou-se na porta com dois velhos amigos.

Aquele encontro era providencial, pois Carlos Mazoni conhecia pouca gente na cidade, onde se encontrava apenas há um ano e pouco, e nunca estivera mais necessitado de bons companheiros e boas palestras do que naquele momento. Umberto Navarro era um velho amigo de infância, e Roberto Nogueira um antigo conhecido da capital. Abraçaram-

se com grande prazer, mas não propriamente com alegria, pois ambos sabiam de tudo o que lhe havia sucedido nos últimos dias. Navarro, porém, era um espírito alegre por natureza, um desses indivíduos que anulam a tristeza do mundo, que neutralizam as sombras do coração, derramando sobre os outros a sua própria alegria, em torrentes de palavras animadoras e pensamentos felizes. Ultimamente, sua indomável alegria o havia arrastado à conquista do céu, como se a terra fosse pequena para conter toda a sua grande euforia de viver. Navarro fizera-se aluno da Escola de Aeronáutica Civil do Aero Clube local, e diariamente se dirigia ao aeroporto, de lá partindo num irrequieto "teco-teco", para espalhar sua alegria entre as nuvens e as aves, já que os homens nem sempre se mostravam dispostos a entendê-la muito bem.

Subiram os três, em amável palestra, a Rua do Correio, até a praça, onde resolveram tomar um café. E estavam ali, saboreando o cafezinho, quando passou pela cabeça do Navarro uma dessas idéias que ele jamais gostara de perder.

— Oh! — exclamou — tive uma idéia excelente! Vamos levar o Carlos ao campo e atirá-lo um pouco para o céu? A terra está triste, cheia de mortes e luto, mas o céu é sempre redenção e alegria! Que luto poderá vencer um azul como aquele? Vamos, não há tempo a perder!

Levantou-se alegremente, jogando o chapéu para trás, num gesto habitual. Atirou uma moeda na mesa e arrastou os demais para fora. Carlos Mazoni fez um gesto de protesto, esboçou umas palavras de recusa, mas quando deu de si o automóvel já estava em sua frente, e não havia outro recurso senão aceitar o convite. Assim, quase sem querer e sem pensar, seguiu para o campo.



Carlos havia voado apenas duas ou três vezes, em rápidos giros sobre a cidade e em pequenos aviões de treinamento. Não tinha o menor receio de voar, mas também não possuía experiências do assunto. Durante a viagem, Navarro falou que o faria voar num aparelho melhor e mais possante, num avião de treinamento avançado, recentemente chegado à cidade. E agora, que já se encontravam no aeroporto, enquanto Navarro e Nogueira discutiam a propósito do voo, sentia os pensamentos da véspera assediando-lhe de novo a mente cansada.

Dentro de pouco o avião estava pronto, a roncando no gramado verde, a hélice metálica cintilando ao sol. Quase sem sentir, Carlos foi empurrado por Navarro, que lhe tirou o chapéu, colocando-lhe na cabeça um capacete apropriado. O piloto sorriu para ele, indican-

do-lhe, num gesto profissional, por onde devia subir. Depois, Navarro mesmo, sempre solícito, prendeu-lhe o cinturão em volta do corpo e gritou-lhe aos ouvidos:

— Esteja firme e não tenha medo! Sei que você vai gostar, como gostou dos outros vôos! Recomendei um "looping" ao piloto! E' o melhor remédio para os nervos! Não se assuste!

O avião roncou mais forte e partiu, correndo no campo. Súbito, ergueu-se no espaço. Houve um momento de susto, e Carlos percebeu que já estava no ar. O horizonte começou a alargar-se à sua frente. Os cafezais e a mata, que circundavam o aeroporto, rodopiaram lá em baixo, brincando de ciranda. A trepidação do aparelho parecia transmitir-lhe aos nervos cansados uma corrente de energia. Fazia-lhe bem. A terra ia-se perdendo numa confusão de coisas pequenas e baralhadas, enquanto ele mergulhava no azul, como as águias, distanciando-se da tristeza e da miséria do mundo.

Era deliciosa aquela sensação de subir cada vez mais, confundindo-se com a imensidade! Abandonou-se aos próprios pensamentos. E, para lhe mostrar que, como diz o Evangelista, "o que vem da terra é da terra", as velhas preocupações assaltaram-no de novo, lá mesmo, em plena conquista dos espaços infinitos. Lembrou-se de que a mãe lhe dissera, na carta que ainda há pouco havia respondido, esta coisa estranha: "da mãe que se despede..." Sim, ela queria dizer que se despedia da palestra epistolar, ao encerrar a carta. Mas porque só agora havia usado essa expressão, depois de tantas cartas que lhe escrevera? Lembrou-se também de que, na sua resposta, falando sobre a recente morte do irmão, dissera o seguinte: — "...amanhã poderei ir eu, ou a senhora, ou Papai. Quem sabe qual de nós? A vida tem seus mistérios, e o maior deles é a morte. Mas não nos importemos com isso. Creio que continuamos vivendo, e sei que depois de morto estarei ainda mais perto do seu coração, como Oscar está neste momento do nosso".

— Como, que queria dizer aquilo?!

Carlos Mazoni sentiu que uma estranha sensação de frio começava a lhe subir pela espinha. Olhou para fora e horrorizou-se com a altura em que já se encontravam. As casas da cidade pareciam casinhas de brinquedo. As ruas eram compridos e finos corredores de formigas, que corriam, pequeninas, de um lado para outro. Lembrou-se de Mirna, a filhinha de um ano apenas, que acordara na hora da sua saída de casa, como se especialmente para receber o beijo de despedida. Lembrou-se da impressão de uma sombra nos olhos claros de Angelina, e da sua estranha insistência por um novo beijo. Sempre a despedida! O



frio chegou-lhe às mãos, e um aperto começou a dominar-lhe o coração.

★

Carlos Mazoni sofria agora de uma crise nervosa, em pleno céu. Algumas nuvens se esgarçavam, serenas, à direita do aparelho, que roncava soberano e seguro. Mas Carlos sabia que a terra estava lá em baixo, que ele era um bicho da terra, e que, como o mano Oscar, devia um dia ser devolvido à terra... Não, seu lugar não era ali, naquelas alturas, entre nuvens tranquilas e leves, perdido no azul! Sim, o caixão de Oscar era negro, circundado de mortalha prateada. E ele se lembrou também de que o avião era de um cinza-escuro, quase negro, e as cintilações da hélice, ao sol, envolvendo-o no campo, pareciam as tiras de mortalha no esquife triste de Oscar. Oh, idéia tola, não havia dúvida, mas idéia nítida e persistente, que não queria deixá-lo em paz, naquela paz das alturas!

Oscar morrera na cama, em plena segurança da terra, cercado do carinho dos seus. Mas Geraldo, seu amigo dos tempos escolares, não havia perecido também, três dias antes do irmão, e justamente num desastre de avião? Eram essas as duas mortes que o haviam chocado, que lhe haviam abalado os nervos, e agora ali estavam, na sua frente, mesmo em plena imensidade, em pleno espaço, para lhe torturarem o pensamento. O ronco do motor e o vento que lhe soprava fortemente a cabeça não conseguiam baralhar-lhe as idéias, tirar-lhe a clareza lúgubre dessas recentes recordações.

Agora, Carlos Mazoni percebia que estava chegando o momento do "looping". O avião diminuía a intensidade do ronco e entrou numa descida que lhe esfriava o ventre. Todos os pensamentos fugiram espavoridos. Mas depois o ronco retomou a sua força, redobrou de vigor. A terra começou a desaparecer da frente do aparelho, onde surgira pouco a pouco, numa perspectiva longínqua. Um peso estranho oprimiu-lhe o cérebro. E ele pôde pensar novamente, fazendo a si mesmo esta pergunta angustiada:

(Continua na pág. 56)

Premiado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA



Em cima, Maurice Utrillo, um dos maiores, senão o maior pintor contemporâneo, em um recanto de sua casa, em Le Vésinet. Essa casa é a que pertenceu ao famoso escultor Bourdelle. Em baixo: Utrillo e sua esposa, "la bonne Lucie", durante o frugal almoço.



UM GRANDE PINTOR QUE SE CONVERTE NUM MISTICO

Utrillo vive grande parte do seu dia dentro de uma capela, que fez construir junto à sua casa — Apesar disso, continua a pintar regularmente e a ser "fan" de Maurice Chevalier — Tragédias da popularidade: condenado a pintar paisagens de cartões postais, para evitar a curiosidade impertinente das multidões

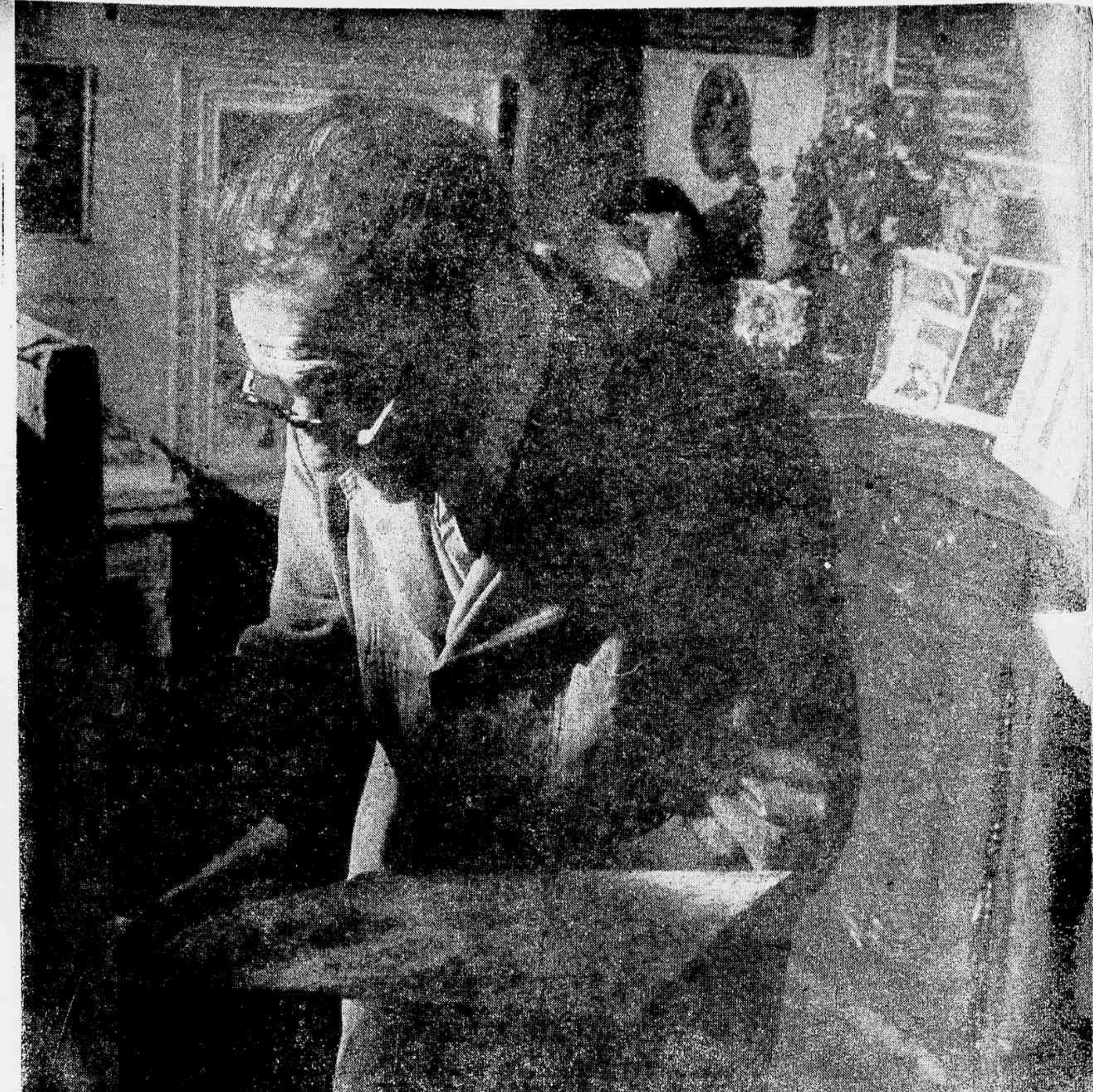
Texto e fotos de JEAN-MARIE MARCEL

Adquirido com exclusividade para o Brasil à "FRANCE PRESSE" pela REVISTA DA SEMANA.

PARIS, março — Pouca gente, no mundo, com algumas noções de arte e de cultura geral, desconhecerá o que significa, na pintura contemporânea, o nome de Utrillo. E' ele, sem dúvida alguma, um dos mestres autênticos, um dos valores indisputáveis das artes plásticas modernas. Para o mundo de hoje, ele é, talvez, uma figura tão importante como Renoir ou Cézanne para a época em que viveram, ou como Van Gogh e Gauguin, para o último quartel do século XIX. Os quadros de Utrillo, disputados pelos amadores de bom gosto do mundo inteiro, tanto podem ser encontrados hoje em dia na casa de uma "estrela" de cinema, como Merle Oberon, ou no palácio de um magnata asiático como Aga Khan, no salão de um membro da família real da Inglaterra, em Londres, como no palácio de um dos milionários do bife e da erva mate, na República Argentina. Pois é esse grande pintor que está atravessando, presentemente, um grande crise de misticismo, vivendo uma boa parte do seu dia em oração, numa capela privada, num pequeno santuário que fez construir ao lado de sua casa. Como Gauguin, que fugiu à civilização para enterrar nas ilhas do Pacífico, onde praticava vivendo primitivamente e morrendo leproso, e como Van Gogh, o que cortou a orelha direita para presentear uma mulher que queria ter uma prova decisiva do seu amor e talvez a preferisse em material sonante, Utrillo é considerado por muita gente como um "excêntrico". Mas não é essa a opinião que o grande pintor faz de si mesmo. Ele não se considera um "esquisitão", um artista com uma telha de menos. Considera-se um "crente" e sente-se feliz dentro da sua fé.

NA RESIDÊNCIA DE UTRILLO

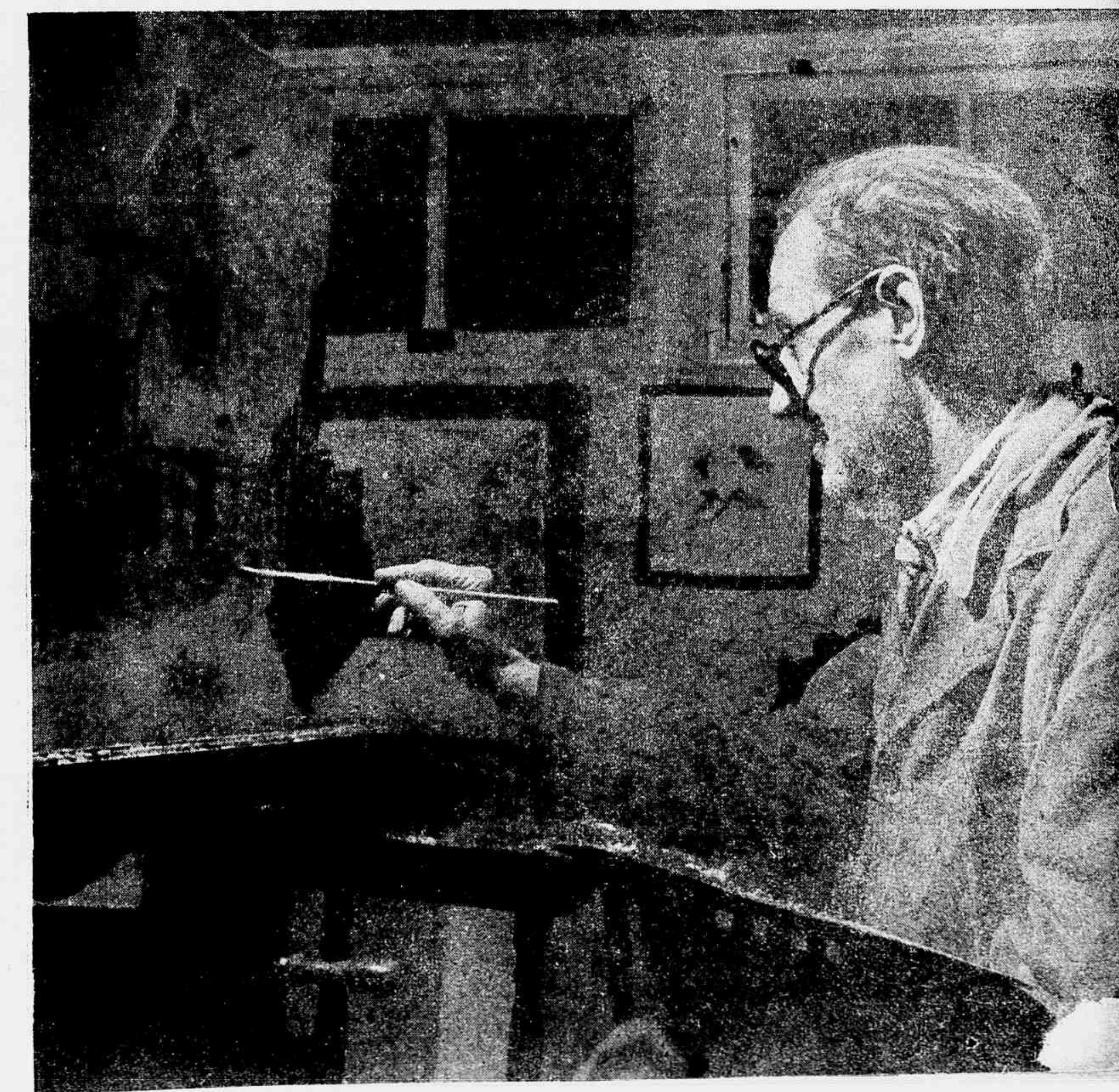
Estive com Utrillo, — ou, melhor, com o casal Utrillo, — em sua residência, em Le Vésinet, a cerca de dez quilômetros de Paris. O lugar é delicioso, cheio de jar-

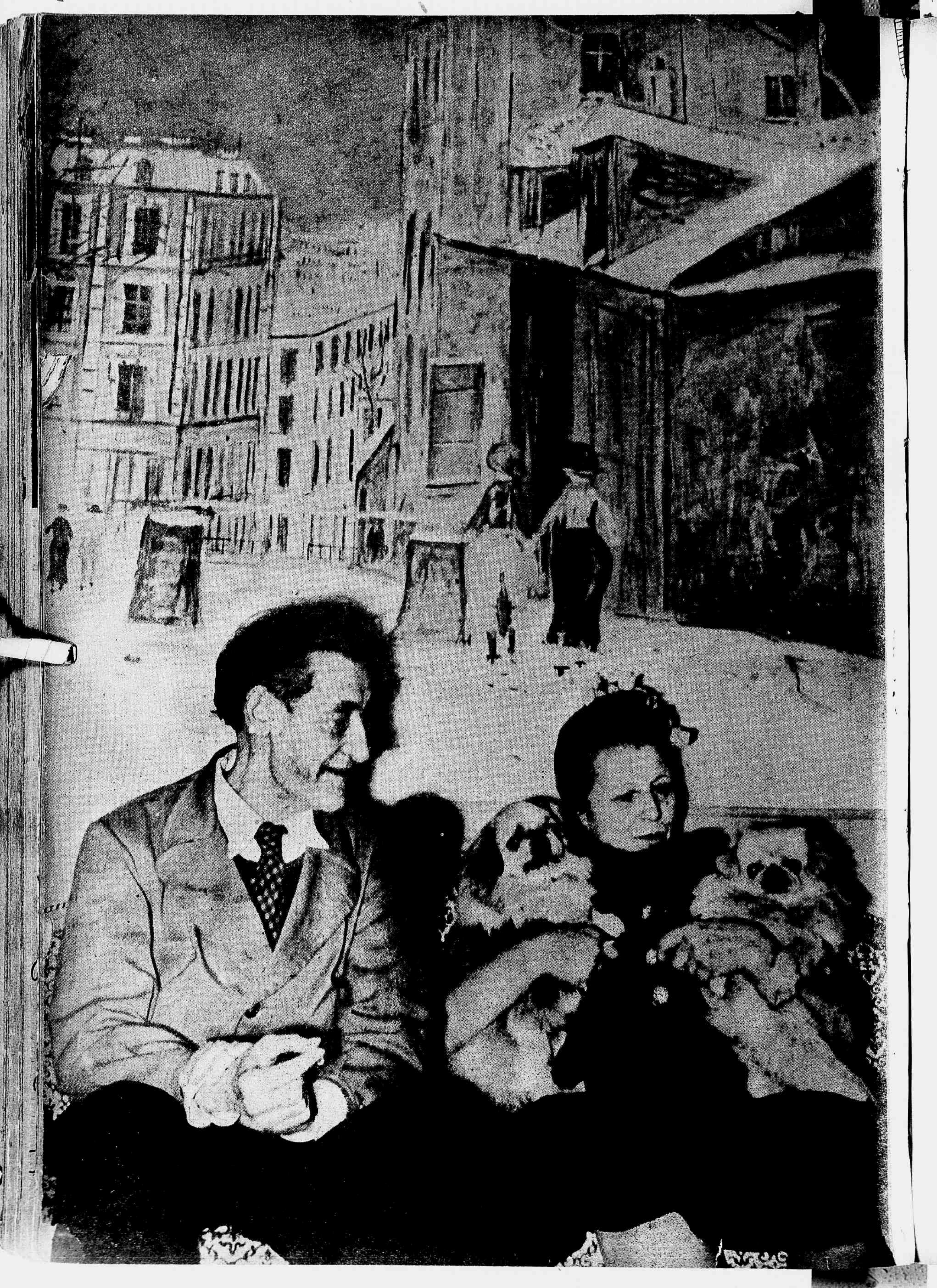


Maurice Utrillo evoca com saudade os tempos de sua juventude em Montmartre e seus velhos amigos de vida boêmia, fazendo três vezes o sinal da cruz quando fala num dos que morreram. Aqui o vemos, em dois flagrantes, pintando um quadro, extraído de um vulgaríssimo cartão postal.



Merle Oberon, a célebre atriz cinematográfica, muito se orgulha dos quadros de Utrillo que possui. Aqui está ela, ao lado de uma das telas do grande pintor francês, feita em 1925, e que orna o seu "living-room".





Utrillo, à frente de um dos seus quadros, com a esposa, "la bonne Lucie", e seus cães de estima. O famoso pintor só faz hoje duas coisas: pintar e rezar. Mas continua, apesar de tudo, a ser "fan" de Maurice Chevalier.

dins, de árvores magníficas, de casas escondidas na verdura.

Ao chegarmos no endereço anotado, encontramos uma casa de estilo bastante moderno, com o nome da propriedade escrito na frente: "La bonne Lucie". A casa seria como qualquer outra, se não fosse uma particularidade que lhe empresta um ar mais ou menos bizarro. Tem quase que paredes inteiras e mesmo parte do telhado de vidro. Tudo isso revela uma coisa, apenas: um grande, um incontido desejo de claridade. E ainda uma coisa: é que esta casa, hoje a casa de um dos maiores pintores do mundo, foi a casa de um dos maiores escultores do nosso tempo, o famoso Bourdelle, de quem Utrillo a comprou.

E' com emoção que tocamos a campainha da casa em que mora o homem que é, talvez, o maior pintor deste século.

LUCIE VALORE, UMA FIEL COMPANHEIRA

Essa emoção é muito natural. A gente sempre a experimenta quando faz o conhecimento, na idade madura, com um homem de gênio a quem nos habituamos a admirar desde a infância. Como iremos encontrá-lo? E' sua esposa quem nos recebe. Madame Lucie Valore, a fiel companheira do mestre ilustre, que envelheceu sob os seus cuidados quase-maternais, nos introduz num salão que seria banal, se dois painéis, de Utrillo, evocando um Montmartre feérico, não o decorassem.

Depois, Madame Lucie Valore, — "la bonne Lucie", — nos conduz aos altos da habitação, ao atelier claro e alegre, cheio de telas coloridas. Sim, porque ela também tem um atelier, pois seu contacto com Utrillo despertou nela também o desejo de ser pintora. E os seus trabalhos são especialmente flores, paisagens da Côte D'Azur, muito exuberantes de coloridos, e estudos de forma e volume em que toma bonecas como motivos.

— Pedem-me bonecas do mundo inteiro, — diz Lucie Valore, — por isso estou sempre a pintá-las...

UTRILLO NO SEU SANTUÁRIO

— E o mestre? — indagamos.

— Ele está lá em baixo, — diz Lucie.

E aponta em direção a um pequeno pavilhão, para o qual nos voltamos. Esse pavilhão é um bloco quadrado de cimento, encimado por um cruz. E' uma capela. Uma capela que Maurice Utrillo mandou construir especialmente para nela fazer as suas orações.

— Quando Maurice está ali até perde a noção das horas... — diz Lucie.

Nestes últimos anos, com a idade, Utrillo se tornou um fervoroso católico, uma alma pia por excelência. Todos os dias, passa horas no santuário, elevando a alma a Deus, em fervorosas preces. E não é só isso: mais tarde, no curso da nossa conversa nós o vimos persignar-se três vezes, sempre que falava no nome de alguns dos seus amigos que morrera.

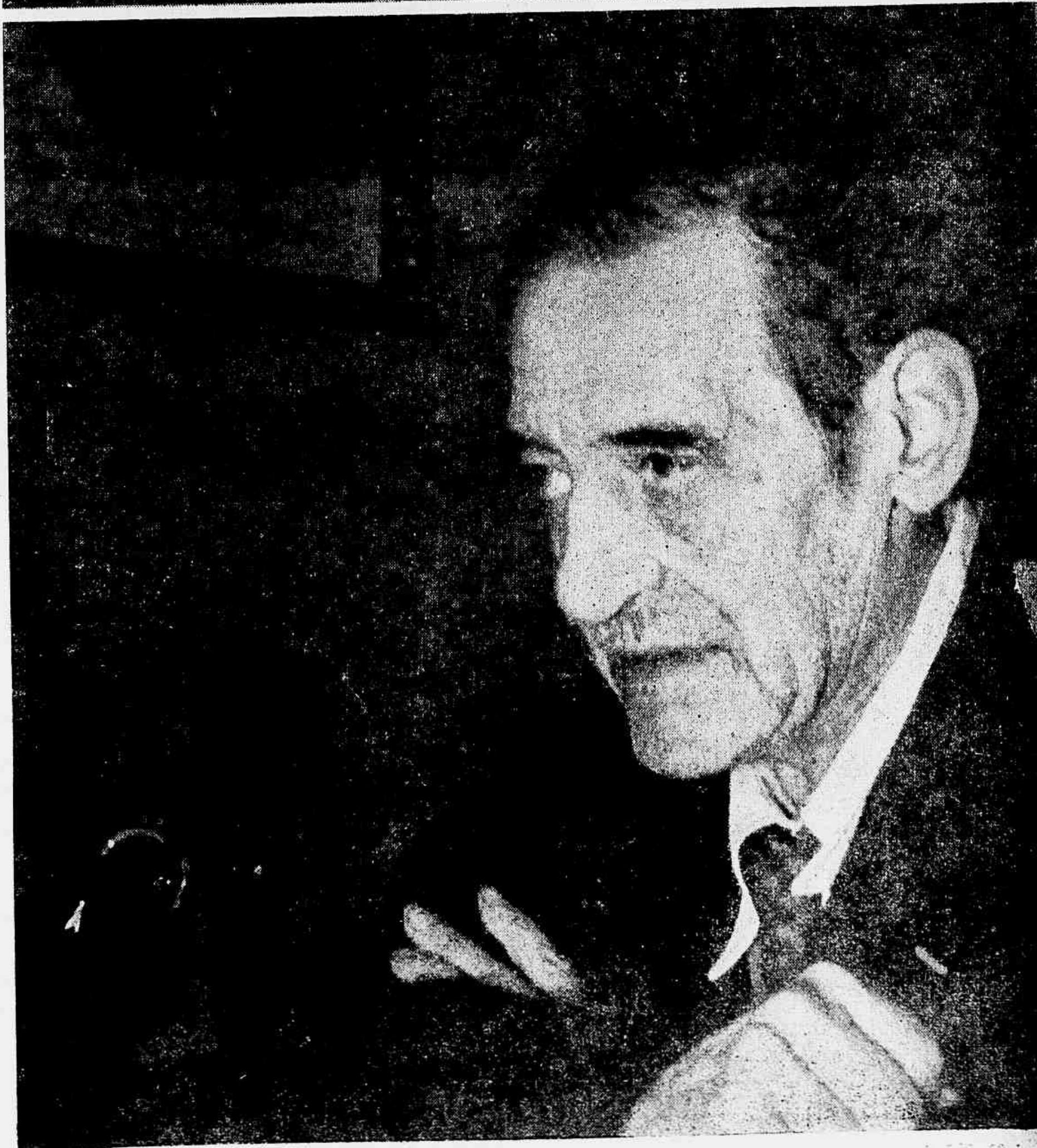
AINDA É "FAN" DE MAURICE CHEVALIER

Isolado, numa misantropia acentuada, Utrillo quase não mantém contacto com o mundo exterior. Assisto ao seu almoço, sob a vigilância cuidadosa de "la bonne Lucie", que se queixa do fastio do marido e insiste em que ele coma mais um pouco disto ou daquilo. O almoço de Utrillo não é nada matinal. Começa exatamente às 3 horas da tarde, depois que ele deixou a capela, farto de rezar.

E o faz sem mudar de roupa, sem cuidar do traje, sem dar maior atenção à minha visita.

— Esses artistas! — reclama a esposa de Utrillo. — A coisa mais difícil do mundo é fazer com que eles ponham uma gravata...

A direita, em cima: Lucie Valore, a esposa de Utrillo, é também uma pintora de certo mérito, especializando-se em flores, bonecas e paisagens da Côte D'Azur. Em baixo, Utrillo fotografado quando em oração.





A esquerda, em cima : o pequeno santuário que Maurice Utrillo fez construir ao lado de sua residência, para fazer suas orações. Ele nunca vai à igreja, pois acha que pode se dirigir a Deus do seu próprio santuário. Em baixo : a casa do pintor, que outrora pertenceu ao escultor Bourdelle tem vidros por vários lados e até no teto.

Depois do almoço, entramos no estúdio do mestre. Maurice Utrillo está terminando um novo quadro.

— Este aqui, — diz ele, — é para o meu querido amigo e xará Maurice Chevalier... E' um grande artista. Querolhe muito bem...

"AH, MONTMARTRE! AH, MES AMIS ANCIENS!"

Uma vez no estúdio, Utrillo põe os óculos e começa a trabalhar, escolhendo as cores, demoradamente, na sua paleta. Diz-me que se eu quiser fotografá-lo vá fotografá-lo, porque ele detesta posar. Depois de pintar algum tempo, ele se fatiga e passa a me mostrar seus trabalhos, uns antigos, outros novos.

— Este é um retrato de minha mãe, Suzanne Valadon, — diz ele, — pintado por ela própria. Foi dela que eu herdei o gosto pela pintura. Que grande artista! E como me queria bem, — conclui.

Utrillo evoca seu passado e seus amigos de outrora, do grupo de Montmartre.

— Ah, Montmartre! Ah, meus amigos velhos! — exclama ele. — Vivo ligado a eles, pelo pensamento e pela saudade. Olhe: aqui está um quadro de Puobolt... Era um dos meus melhores amigos, esse velho "montmartrois"...

E então faz três vezes o sinal da cruz...

TRAGÉDIAS DA POPULARIDADE

Aproximamo-nos de um cavalete, onde está esboçada uma dessas ruas pitorescas, cujas ruas seriam como outras ruas quaisquer, se não fosse a arte do pintor que as poetiza. No alto do cavalete, acima da tela, há um cartão postal pregado por um "percevejo" de metal. Lucie Valore nos explica:

— Está vendo? São as tragédias da popularidade... Não podemos mais sair para pintar. O senhor compreende... Onde é que chegemos, meu marido é identificado, pela sua figura ou pelo seu estilo de pintar... Começam a chegar os curiosos, que nos cercam de maneira impertinente, tirando-nos quase o ar, sufocando-nos, empurrando-nos, especialmente se um deles cochica: "E' Utrillo! E' Utrillo!" Às vezes, para fugirmos a essa perseguição, temos sido obrigados a pedir o auxílio da polícia, o que é muito desagradável... E, assim, meu marido, para poder continuar trabalhando, se vê obrigado a extrair o material dos seus quadros, não da natureza, mas de cartões postais, devolvendo aos aspectos que retrata com a sua experiência e a sua técnica o relevo que a fotografia mecânica suprime... Tomando como ponto de partida um vulgar cartão postal, sua faculdade criadora se exerce de tal maneira que, sobre a tela, aparece essa variedade infinita de nuances e de luminosidade, características do estilo de Utrillo.

O PINTOR NÃO VÊ MAIS NADA...

Voltando a pintar, o grande pintor não vê mais nada. Nem a esposa, nem o repórter que foi importuná-lo. Está como que num outro transe místico, entregue totalmente à sua arte, abandonado à pinutra. Evade-se do mundo real e se refugia por inteiro na sua arte. Seu olhar penetrante fixa-se apenas nos contornos do seu trabalho. E nós nos retiramos na ponta dos pés, discretamente, porque compreendemos que ele voltou aos seus, ao convívio de sua mãe, de seus velhos amigos, ao Montmartre de sua juventude, onde, mesmo sob a neve, o céu era sempre primavera. Sua vida atual não conta mais... O que importa apenas é que ele está no seu cavalete, a paleta na mão, os óculos escanchados no nariz criando coisas belas para o prazer dos nossos olhos e dos nossos corações...

A direita : o pintor Maurice Utrillo, rezando na sua capela particular. Ai permanece ele durante horas seguidas, todos os dias. Depois vai pintar. Vive em completo recolhimento, ao lado da esposa, dos seus quadros e de dois cachorros.







O ANEL

NAQUELA tarde quente de segunda-feira o movimento da casa Florêncio Capistrano, situada na cidade baixa, em Salvador, era relativamente fraco. Podiam ser duas horas. O chefe da firma, abafado pelo calor, saiu do seu gabinete particular e foi lançar um olhar aos balcões do andar térreo, onde estava a secção de retalho. Em baixo também não havia muitos fregueses; e a figura inconfundível do coronel Euzébio Carneiro logo lhe chamou a atenção. Era um homenzarrão velho, porém ainda rijo, a cara gorda e vermelha retalhada de rugas fundas. Vestia uma roupa de brim pardo e não fosse a abundância de jóias que o cobria, ninguém o diria um dos donos mais prestigiosos de fazendas de cacau do sul da Bahia, proprietário também de duas lojas respeitáveis em Itabuna e Ilhéus. Os dois ricos se abraçaram:

— Homem! Você por aqui! Quando chegou?

— Ontem pela tardinha, seu Florêncio!

Viagem danada. O diabo desse coração não me deixa viajar em avião...

— E' isso mesmo, coronel. Nós não vemos mais nada.

O outro não se conformou:

— Qual, seu Florêncio! Mesmo assim, valho meia dúzia desses frangotes almofadinhas...

O comerciante riu, concordando (o freguês tem sempre razão).

— E então? Como vão os negócios por lá?

— Assim-assim. O cacau sofreu uma quedazinha, a coisa esfriou.

— Mas isso passa. E' rebate falso.

— E'. Também acho. E por aqui? Mercadoria baixando?

O comerciante fez graça:

— Está baixando sim... para cima. Mercadoria hoje vale ouro, coronel, e todo dia sobe, sobe. Não sei aonde isto vai parar... E todo mundo que esperava queda de preço assim terminasse a guerra...

O gerente da firma se lhes juntou. E os três homens de negócio, bem dispostos apesar do calor, continuaram a palestra sobre dinheiro, tecidos, cacau, mercado. Algumas pessoas entravam, compravam ou não, saíam. Os três não lhes davam importância. Eram pequenos fregueses, competiam aos caixeiros despachá-los. Mas num dado instante entrou um homem que pela sua radlosa aparência, pelo seu aspecto importante chamava atenção. Não era alto, nem corpulento. Mas vestia irrepreensivelmente, numa elegância refinada, e, do seu rosto levemente róseo irradiava-se uma simpatia irresistível a par duma masculinidade que não chocava, uma masculinidade espiritual que seduzia até os próprios homens. Dirigiu-se ao gerente, demonstrando excelente dom de observação:

— Gostaria de ver alguns cortes de linho irlandês, por favor.

O gerente se abaixou, "pois não, pois não, é num minuto", chamou um empregado, deu-lhe ordens. Agradados por aquela fascinante presença, o coronel Euzébio e seu Florêncio o examinavam. O tecido pedido chegou. O gerente, num gesto rápido e profissional, estendeu-o sobre o balcão, enumerando as qualidades finas do linho puro. Não deu preço. A um freguês daquele não se dava preço. O elegante senhor não procurou sabê-lo

tão pouco. Decerto considera os ajustes pouco dignos à sua distinção. Estirou as compridas mãos brancas, acariciou suavemente o pano, mostrou-se satisfeito, mandou enrolar dois cortes. Mas não foi este pequeno e simples negócio que magnetizava a atenção dos dois ricos velhos. Num dos aristocráticos dedos do jovem cavalheiro fulgurava uma esplendorosa, uma deslumbradora jóia. Os dois homens de negócio estavam maravilhados. Mas a admiração do coronel Euzébio subia ao auge: era um fanático por jóias incómunas. Tinha inquietante obsessão pelos finos trabalhos de ourivesaria. Seus dedos valiam fortunas: carregavam anéis caríssimos, de garras as mais artísticas. Seus botões de punho e do colarinho, seu chantilen e a ferradura que lhe enfeitava a gravata, eram custosas obras-primas. Como o usurário sente a cupidês ao defrontar ouro puro fulgindo em montes, como o homem ardente ferve de paixão ao encontrar uma mulher formosa, o velho Euzébio Carneiro, sentiu-se tocado emocionantemente no mais íntimo do ser, setniu-se tomado de gula irrefreável pelo anel que faiscava como um sol a dois palmos dos seus olhos. E sem guardar compostura, sem manter a cortezia devida a um estranho, do alto de seu prestígio regional, como se estivesse nalgum estabelecimento de Itabuna onde todos o conheciam e respeitavam, o coronel sibi-



Conto de VASCONCELOS MAIA * Ilustr. de A. ZALUAR
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

lou, com sua rudeza agreste de fazendeiro:

— Dou trinta e cinco contos pelo anel!

O gerente e o caixeiro que o ajudava a medir o linho deixaram o tecido cair, boquiabertos. O senhor Florêncio, mais educado, mais polido que seu velho freguês achou, de si para si, muito brutal aquela oferta ríspida, como se o dono da jóia estivesse a leiloá-la. Ainda mesmo que ele tivesse demonstrado querer vendê-la, ainda que suas atitudes fossem as de um indivíduo medíocre, sem fortuna, sem ilustração, ainda assim soaria mal, ofensiva, aquele precipitado oferecimento do coronel, quanto mais se tudo nele rescendia à distinção e refinamento, a bom tom e bom dinheiro — pensou o comerciante baiano, meio indignado. Lançou um olhar de reprovação ao coronel. Agora ele teria de arcar com a sensaboria duma resposta acre, à altura da ofensa, pois o jovem não poderia deixar de estar ultrajado em seu orgulho. Contudo, constatou, feliz, que seu receio era infundado. O elegante desconhecido não retrucou com aspereza, nem surpresa, nem insultado. Olhou maciamente o coronel, semi-sorriu com civilidade e disse:

— O anel seria seu. Eu não desprezaria a sua pródiga oferta... se a jóia não fosse falsa.

— Falsa! a exclamação do cacauicultor serviu de porta-voz ao espanto de todos. Falsa? ele repetiu, perguntando.

— Sim, falsa. É uma primorosa imitação, no valor duns três mil cruzelros, de alguma jóia inecontrada, que deve ser incomparavelmente bela.

— Imitação? tornou ainda o velho, incrédulo. É' inacreditável!

Essa insistência pareceu sensibilizar o jovem senhor:

— É' também um apaixonado pelas jóias? Folgo em conhecer um cavalheiro com tal atributo, próprio só das pessoas de gosto requintado.

Ao galanteio, o coronel se entufou de vaidade:

— O senhor deixa que eu olhe a pedra por um momento?

— Pois não — aquieceu o outro. Os três espectadores eram como se não estivessem ali. Haviam-se tornado perfeitamente insignificantes para Euzébio Carneiro. O fazendeiro só tinha olhos para a jóia que o desconhecido livrava do dedo e lhe entregava. O cacauicultor recebeu-a como se pegasse uma criança mole, recém-nascida, muito querida. Uma cautela amorosa de pai extremoso aliada à sua paixão de colecionador espiritualizavam seus dedos rústicos. Tomou o anel, mirou-o, remirou-o, esmiuçou os seus detalhes, namorou-o encantado, longe de tudo e de todos.

— Falsa? Falsa? monologava, como se não acreditasse. Meteu a mão no bolso, tirou um desses jogos de lentes usados pelos ourives. Ajustou-o num olho, tornou a pesquisar o anel, estudando-o demoradamente, anatomicamente. Os três outros espectadores, ao contrário do jovem senhor que se mostrava alheio ao interesse do coronel, acompanhavam os movimentos do velho com o mais vivo interesse.

— Falso... — disse por fim Euzébio Carneiro. Mas nada aqui é falso, meu

amigo, nada, nem o ouro, nem as pedras, nem a platina. Este anel é valiosíssimo; o senhor está enganado, completamente enganado, não sabe a raridade que possui.

O outro teve à bondade de sorrir mais amplamente. Havia um brilho de ironia muito suave brincando em seus lábios:

— O anel é falso, meu caro senhor.

Então o coronel exasperou-se:

— O senhor quer brincar comigo? Pois minha oferta continua de pé. Dou-lhe trinta contos, digo, trinta e cinco contos agorinha mesmo pelo anel que o senhor diz ser falso.

Os três assistentes olhavam-no com assombro. Novamente o distinto jovem disse com voz imperturbável e suave:

— Não posso, por uma questão moral, vender-lhe por tão alto preço um anel que mal vale três mil cruzelros. Seria um autêntico roubo...

E tomou-o das mãos do fazendeiro.

— Mas que diabo, este anel não é nenhuma imitação! explodiu o coronel, vendo fugir de seus dedos aquela bellissima jóia. Mesmo que seja, minha palavra continua a mesma, não volto atrás.

Só então o irrepreensível cavalheiro mostrou-se um tanto surpreendido. Fitou, uma por uma, as testemunhas silenciosas. Seu olhar parecia indagar candidamente — "este senhor está com o juízo perfeito"? Depois teve um indiferente sacudir de ombros, desembaraçou-se pela segunda vez do anel e disse com doçura:

— Bem, se o senhor insiste, sou obrigado a ceder-lhe o anel pelo preço oferecido. Mas continuo a garantir-lhe: é falso. Não chega a valer três mil cruzelros. Mas já que o senhor teima desta forma não sei porque hei de perder tão excelente

negócio. (Sua voz tornou-se de súbito metálica e dura) Previno-lhe contudo que se o senhor arrepender-se, não devolverei, de forma alguma, a quantia. Para tanto legalizaremos a transação.

E entregou pela segunda vez o anel. O coronel recebeu-o sôfregamente, lançou-lhe um olhar de usura, envolveu-o cuidadosamente num lenço de seda, guardou-o na carteira. Seu rosto resplandecia. Fizera um negócio estupendo. A jóia valeria no mínimo cinquenta mil cruzelros, sem contar o artístico trabalho de ourivesaria. Seus lábios balbuciaram:

— Como o senhor quer o pagamento?

— A dinheiro. Hoje à tardinha terei de viajar para o Rio de Janeiro e um cheque iria roubar-me tempo em descontá-lo.

O negócio foi prontamente finalizado. O cacauicultor não dispunha da quantia no bolso. O senhor Florêncio emprestou-a embora achasse tudo muito esquisito. Mas afinal não era de sua conta, nada tinha a meter-se com a vida alheia. Euzébio não era nenhuma criança, deveria saber o que estava fazendo.

O jovem e distinto cavalheiro embolsou o dinheiro, firmou o recibo. Pediu uma folha de papel, desparafusou sua caneta tinteiro, escreveu:

"Testemunhamos que o coronel Euzébio Carneiro, da cidade de Itabuna, Bahia, por sua insistência e vontade, fez questão absoluta de comprar ao sr. Ricardo Lobo, por trinta e cinco mil cruzelros, um anel, assegurado pelo vendedor como falso".

MUSICA

A LUTA DE DARIUS MILHAUD

Cada obra é uma vitória arrancada à doença que o prende a uma poltrona — O pintor Augsburg tenta uma história em quadrinhos — O violino quebrado e a primeira ópera — Reminiscências de uma viagem ao Brasil — O grupo dos seis e a tradição da música francesa.

De ROBERTO LYRA FILHO * Especial para REVISTA DA SEMANA

DESCOMUNAL na obesidade que o prende a uma cadeira de rodas, acha-se, atualmente, nos Estados Unidos, o compositor francês Darius Milhaud. Lá, ele continua o esforço laborioso do artista, inteiramente entregue ao magistério e à criação. Preso à poltrona, que, certamente, passará à história, ele vai preparando as novas obras, acolhidas com espanto e encantamento pelo mundo. A música de Milhaud, que tem certa afinidade com a poesia do nosso patrício Augusto Frederico Schmidt, já foi censurada pela sua "prolixidade" — foi esse o termo empregado, com considerável propriedade, pelo compositor Deems Taylor, em um artigo curiosíssimo. A verdade, porém, é que, sem o peso daquelas repetições impressionantes, sem a opulência daquela linguagem musical, a obra de Milhaud perderia muito da sua serena grandeza. Assim, deixemos a censura a que nos referimos para os críticos de mentalidade antropométrica que, aliás, em nossa poesia, já denominaram ao mesmo Augusto Frederico Schmidt de vate gordo, em contraposição a Drummond de Andrade, que seria o poeta magro — isso, aplicando-se menos ao físico dos dois artistas do que às suas respectivas obras...

UMA VIDA EM QUADRINHOS...

Um pintor, bastante conhecido nas rodas de intelectuais parisienses, resolveu "escrever", certa vez, a biografia de Milhaud e, assim, como se sentisse mais à vontade pintando do que lidando com palavras e frases, fez-a em "quadrinhos", à maneira dos nossos suplementos ju-

DARIUS MILHAUD



venis, dotando as diferentes passagens, não obstante, de mais qualidades artísticas do que, geralmente, se encontra nas referidas historietas... Em que pese o desprezo dos pintores modernos pelo "assunto" de seus quadros, foi a figura pitoresca de Milhaud que atraiu o pintor à aventura.

Começando, na ordem cronológica, com os antepassados do compositor, Géa Augsburg nos apresenta, num sugestivo flagrante, o momento em que, judeus errantes, um punhado de avós remotos de Milhaud obtinham da cidade de Aix en Provence a cidadania solicitada, afim de pôr termo às suas peregrinações. Visando mostrar como a onda da raça, no caso particular de Milhaud, se fixou ao solo francês, vem logo após o primeiro aspecto as figuras dos pais do biografado, burgueses e provincianos, figuras imponentes e impassíveis. Uma legenda explica que se trata de ricos comerciantes.

4 de Setembro de 1892 é a data do nascimento de Darius. Segue-se uma série de quadros que fixam, num esquema plástico, a maneira pela qual despertou e foi se manifestando a inclinação para a música. Encanta-o a arte de um músico ambulante, desses que passam pelas cidades, descendentes dos antigos menestrais, perdida a sua grandeza de outrora, dando concertos em troca de alguns níqueis, talvez uma refeição nas sólidas mesas de carvalho, uma caneca de vinho da casa, pousada. A passagem do músico ambulante impressiona vivamente o jovem Darius. Num piano, ele tenta reproduzir as melodias simples do humilde "vendedor de música".

Aparece, então, o desejo de dominar um instrumento, submetê-lo aos seus caprichos, ensaiar nele as suas primeiras tentativas de improvisação, que, só muito mais tarde, serão registradas em papel, adquirindo a qualidade solene de partituras. De início é exclusivamente a vontade de ter um instrumento, para dar vazão aos seus arroubos, que o preocupa. E, assim, ele obtém um magnífico violino florentino, posto à sua disposição, porém, mal se iniciava nos segredos complexos daquelas cordas frágeis, dá-se um acidente e ele deixa cair o instrumento, quebrando-o.

O profundo desgosto que se lhe causa esse acontecimento, leva-o a abandonar aquele leve pedaco de madeira, e Milhaud toma, então, o piano, mais consentâneo com seu corno pesado, a que falta a flexibilidade, a agilidade exigida pelo manejo do arco. O piano é, daí por diante, cultivado com afinco, e pachorrenta perseverância, em lento mas seguro progresso, que é como uma imagem do desenvolvimento dos temas musicais em suas obras, a característica "prolixidade".

A ÓPERA E UMA VIAGEM AO BRASIL

Aos doze anos ele dá o seu primeiro concerto, na cidade de Aix. Mas o biógrafo, subitamente, abandona a descrição das vicissitudes de instrumentista do seu herói e parte em busca do início da sua carreira de compositor. Vemo-lo planejando as primeiras obras, entusiasmado pelos projetos que vai formulando, diante de um amigo arrebatado pela eloquência com que explica: Armand Lunel, escritor. Já em 1909 Milhaud completa a sua primeira ópera. É o teatro, o movimento cênico que vai atrair aquele talento pesado, que pronõe à sua capacidade criadora os desenvolvimentos heterogêneos do drama lírico, capaz de estimular a sua força controlada, que flui, nas partituras, com o calmo desdobramento de uma corrente incontrolável, rio imenso a inundar o panorama musical da França.

Dois anos após a composição de sua primeira ópera, ele entra no Conservatório de Paris. Os quadros não nos informam, mas sabemos que aprende composição com C. M. Widor e contraponto com Gédalge. E sobretudo, o que é mais importante, encontra, na agitação do Conservatório, um gênio inquieto, que se constitui em influência predominante no período de sua formação: Arthur Honegger. Uma amizade líoa, desde logo, os dois e Milhaud começa a produzir coisas que em nada satisfazem os dogmas escolares.

Sua música adquire um sabor tão peculiar, certas particularidades do seu talento se fixam com tanta propriedade que, anos depois, Erich Satié vem depor a respeito da vida de Milhaud, declarando que, naquela época, deixava-se ficar, quieto, à janela do jovem judeu, ouvindo-o executar seus improvisos.

Milhaud parte para o Brasil. O contacto com a nossa terra não o perturba. Aliás, o traço que ela deixa na sua obra, de resto muito leve, não revela, propriamente, uma tentativa de compreender o cenário grandioso, que se arma à sua frente, mas dá-nos, antes, a impressão de que Milhaud deixa-se arrebatado pela beleza e fica na posição de um turista, maravilhado porém incompreensivo. O Brasil, para ele, é o exótico, o pitoresco.

Mais importante do que a sua intimidade conosco é a oportunidade que a sua visita lhe dá para conhecer de perto a Paul Claudel, então representante do seu país, aqui, no Rio. Ligado ao poeta por uma estreita amizade, põe-se a trabalhar em sua colaboração e desta fecunda junção de talentos, surgem os coros falados "Choéphores".

Uma viagem a Nova York marca um interlúdio de aventura, porém, somente após a guerra, quando, em Paris, se prepara a agitação dos Seis, um grupo de músicos que trás o fermento da renovação para os quadros, que já parecem paralizados, da música francesa. Darius Milhaud encontra o caminho das realizações definitivas. Vai à Alemanha, onde é admirado, passa pela Rússia, onde toma conhecimento das consequências da revolução.



Hoje é sábado, portanto dia de grandes arrumações; mãos à obra pois, banho no Tóto, enceramentos, limpezas, etc... etc... E aí está Gail Russell toda satisfeita cuidando do seu "home". Sim porque as estrelas de Hollywood também gostam de mostrar suas habilidades domésticas.

SE você quer viver uma vida tranquila; se você quer cooperar para a felicidade do seu lar, não seja "temperamental"... Esqueça os seus caprichos de adolescente, satisfeitos pelos seus pais que, muitas vezes, assim agiam unicamente por não dispor de tempo suficiente (o trabalho, a vida social, etc.) para melhor analisá-los. Lembre-se de que, naquele tempo, o mundo girava ao seu redor; você se prevalecia dos seus recursos de menina esbelta, para alcançar os seus objetivos.

Seus pais procuravam, por comodismo ou não, atender a tudo quando ocorresse à sua imaginação; você pedia e, se não conseguisse logo, batia com os seus pésinhos, ameaçava deixar de comer e pronto, os seus desejos eram imediatamente atendidos.

Hoje, tudo é diferente. Você tem um mundo que não gira ao seu redor mas que deve ser girado ao redor dos

outros. Não são mais os seus caprichos e desejos que devem ser adivinhados e satisfeitos, mas os dos seus filhos e os do seu esposo. Você deve esquecer que você também tem caprichos e desejos, se de fato quer ser feliz...

E' a você que compete agora proporcionar aos seus um ambiente de conforto e tranquilidade, abdicando, não raro, de muitas coisas que você tinha por hábito fazer.

Seus filhos, seu esposo, contam com você; eles sabem que estarão sempre amparados na sua energia, na sua dignidade, na sua inteligência e compreensão; eles sabem que você encara com espírito elevado fatos mesquinhos e cotidianos, e que encontrarão sempre em você uma grande amiga.

Sei que para você atingir este ponto, deverá se sacrificar muito, terá de ceder em grande parte; dar muito da sua própria vida, esquecer a despreocupação em que vivia nos seus "bons tempos", renunciar a muitos dos seus desejos... Mas essa é a sua tarefa. Essa é a sua parte na formação de um verdadeiro lar; essa é a sua contribuição na formação de uma família e, cabe a você não fugir a essas obrigações.

NOS BASTIDORES FEMININOS





Eis alguns modelos de chapéus que Hollywood nos envia: Na página à esquerda: Que é isto? Decididamente, se você quiser usar um chapéu como este, deve ir preparada para enfrentar qualquer situação... É um bolo de noiva, com noivo e tudo o mais... A "sugestão" é de June Vincent. Nesta página ao alto: Não menos elegante é este modelo preto, de Stephanie Bachelor, da Republic, de abas bastante largas com babados franzidos sobre a copa. Em baixo, à esquerda: Com duas "carapuças" de lebre, em dois tons, é feito este originalíssimo chapéu, apresentado por Jane Frazee, da Republic. A parte escura é enfeitada com estrelas e luas douradas, de tamanhos diversos. À direita: June Vincent, da Universal, sugere este discreto e elegante chapéu de palha preto, com rosas de tafetá em diversos tons de rosa, cobrindo a copa. Vêu também cor de rosa.

CHAPÉUS

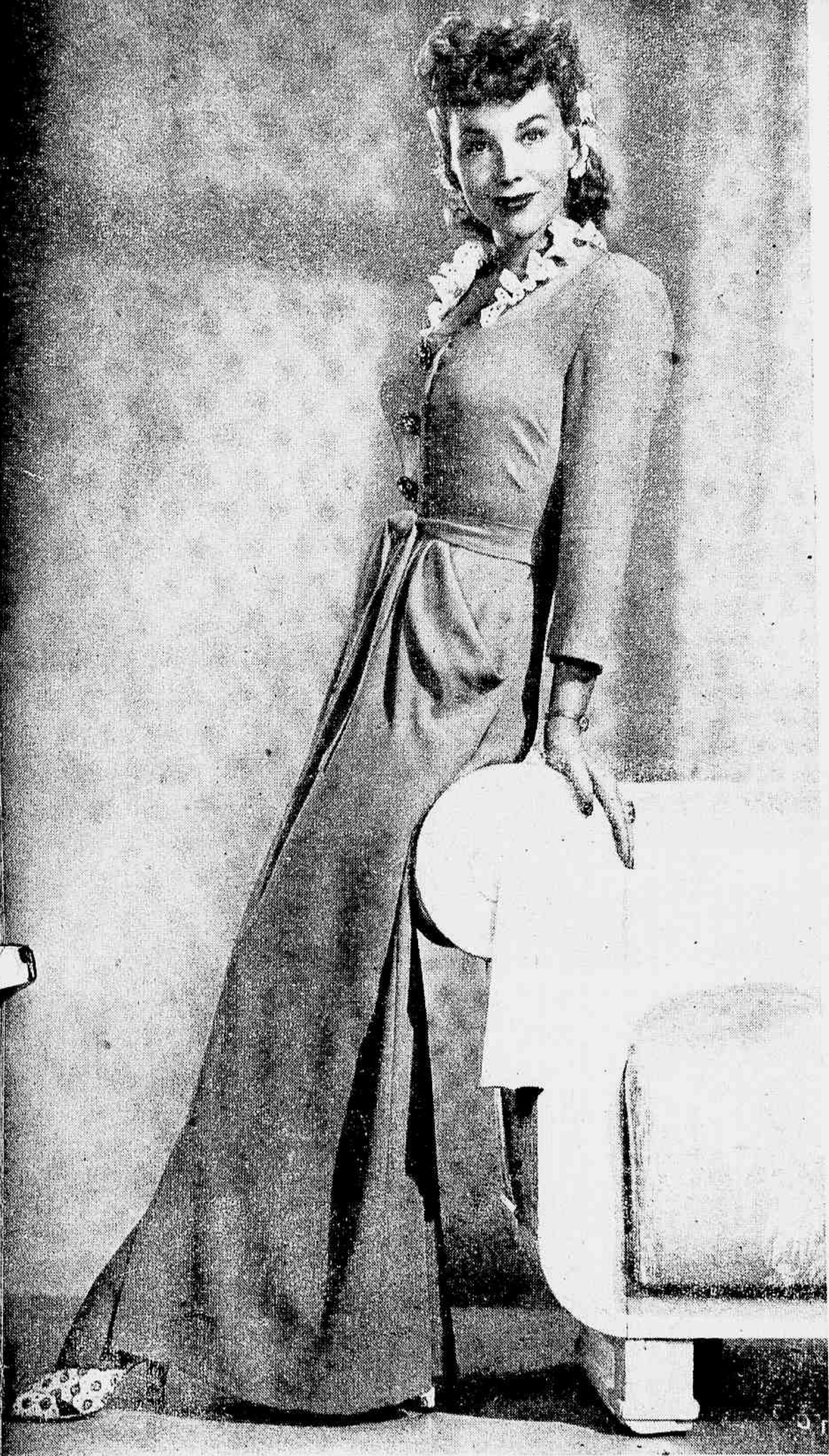


NA INTIMIDADE



seda azul, com decote redondo, bastante grande, com gola formada com bordado inglês. Dois bolsos drapeados na saia dão maior originalidade à "toilette". Ainda de Jane Frazee este modelo de duas cores. Pode ser feito em dois tons de verde ou de azul. A parte da frente, é transpassada, com franzidos sob a cintu-

ra. Agora é a encantadora Mary Jane Harker, da Warner Bros., que apresenta-nos um "robe" de cetim estampado acolchoado. Finalmente Lauren Bacall, também da Warner, sugere este interessantíssimo modelo composto de "slack" em seda preta e casaco de linho verde jade com ornatos em ouro.



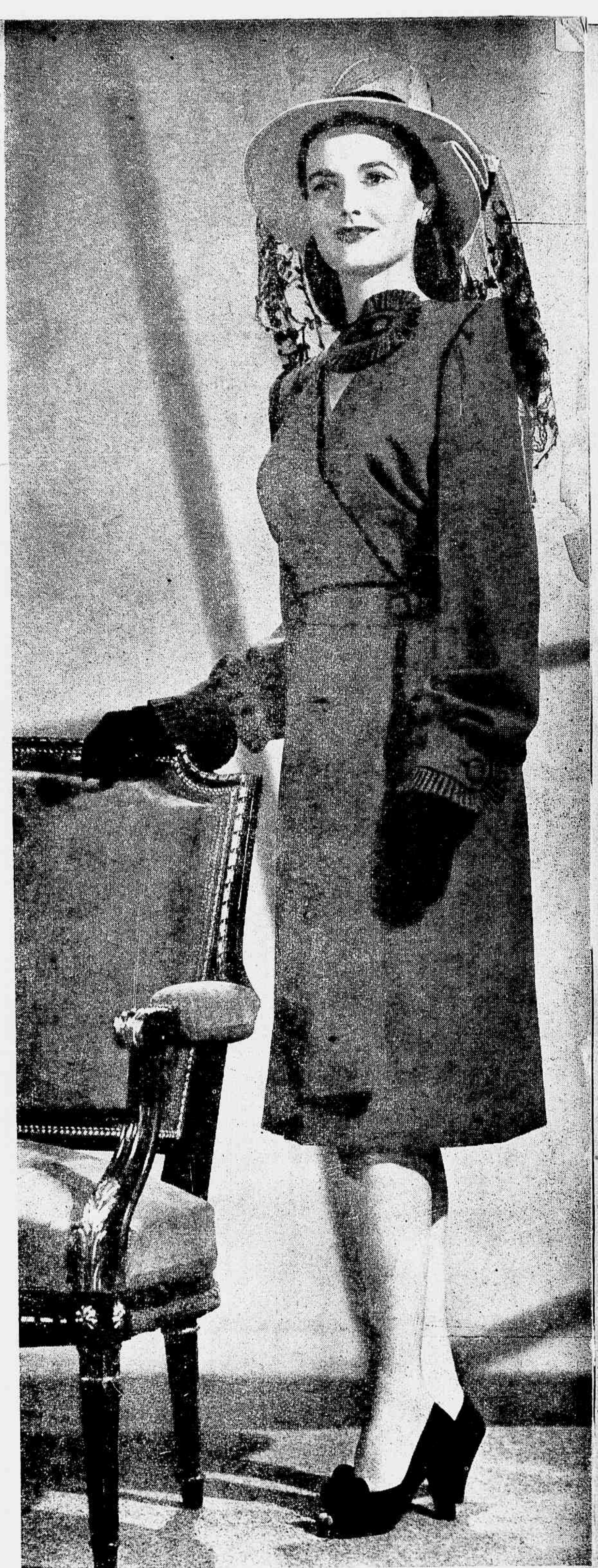
MESMO dentro do lar, e até mesmo mais ainda do que fora dele, deve a mulher procurar realçar mais a sua beleza e a sua elegância. E depois, os modelos para a intimidade oferecem tantas variações que é possível à mulher apresentar-se cada dia mais formosa e atraente. Nestas páginas, reproduzimos algumas sugestões de conhecidas figuras de Hollywood: Jane Frazee, da Republic, veste um elegantíssimo "negligée" de crepe de







Peggy Stewart, uma "estrela" bonita e elegante, do elenco da Republic, apresenta hoje às nossas leitoras alguns trajes do seu guarda-roupa particular, para meia-estação. Da esquerda para a direita: Em crepe de seda azul marinho é executado este "duas-peças" de muita originalidade. O blusão é transpassado na frente até a cintura. Daí para baixo há uma pala ervaçada que forma larga "pestana" do lado direito arrematada com três grandes botões do mesmo tecido. Saia ligeiramente "em forma". O chapéu é de "tulle" de diversas cores. "Duas-peças" de fina lã bege, com transpasse no alto, abotoando até



hoje
o. Da
peças"
baixo
n três
"tulle"
do até

parte da manga com botão do mesmo tecido. Grande chapéu de lebre com "algrettes". Elegantíssimo este modelo de seda marron com transpasse que vai da blusa até em baixo, na saia. Muito original a aplicação cercada de babado "plissado" que arremata o decote. Punhos com o mesmo efeito. Para reuniões, "cock-tails", etc., Peggy Stewart sugere este maravilhoso modelo de seda preta, constituído de sala e blusão. Manga japonesa, "três-quartos" com original bordado em linha de seda branca. O mesmo bordado é feito na pequena gola ao redor do pescoço.

PEGGY STEWAR SUGERE



UM LINDO MODELO DE WORTH, PARA A NOITE

De muita elegância é este modelo para a noite, com blusão de veludo negro drapeado na frente e com grande laço atrás, a saia de seda com largas listras de diversas cores. Modelo de Worth.

Virginia Huston, da RKO, apresenta às nossas leitoras um encantador "tailleur" em fina lã bege, com tiras de lã marron enfeitando o casaco. Este abotoa na frente com fecho invisível. Será ligeiramente "em forma".

o-
m
oa
tte







GOMEÇARAM as liquidações... As casas de moda "queimam" os modelos de verão e, dentro de poucos dias surgirão as "novidades" para a nova estação. Vocês também já devem estar se preocupando com os "tailleurs" e casacos para a próxima temporada e, é por isso que hoje apresentamos as mais recentes criações dos costureiros franceses para o outono e o inverno. Vemos nestas

páginas, da esquerda para a direita: "Tailleur" em tecido quadriculado. Gola com bastante transpasse. Modelo de Bruyère. De muita linha é este casaco de casemira cinzenta. Grupo de pregas nas costas. Criação de Madeleine Vramant. E' de Germaine Lecomte este "tailleur" inteiramente inédito.

A gola é alta, o casaco muito longo com bol-

sos muito originais. "Tailleurs" de Gaston. Vejam a nota curiosa dada pelos bolsos colocados em sentido vertical. "Manteux" de Charles Montaigne. Largas "pences" formam os bolsos. Gola de veludo. Vera Boréa apresenta este distintíssimo "tailleur", de linhas sóbrias, e próprio para as pessoas mais fortes, pois afina sobremaneira a silhueta.

OS PRIMEIROS MODELOS PARA INVERNO

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Merle Oberon

famosa estrela da UNIVERSAL PICTURES que aparece em "NIGHT IN PARADISE"

Nada mais natural! Kolynos deixa os dentes limpos e brilhantes; a boca fresca e perfumada. Um só centímetro de Kolynos dá à boca uma incomparável sensação de saúde e bem estar. As mais belas mulheres do mundo estão de acordo em que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



K-413-PH

McCann



EM PRETO E EM BRANCO



Ann Blyth e Margarite Chapman, são as duas lindas estrelas de Hollywood que oferecem às nossas leitoras estes interessantes modelos. O primeiro, para noite, é confeccionado em veludo e tafta negro, e o segundo, para sua elegância íntima é um modelo de grande simplicidade em cetim pérola.



NOVIDADE

que
Entusiasma!

Diz a bela esposa de
RANDOLPH SCOTT
o genial ator de Hollywood,
"O novo baton Tangee
GAY-RED é a sensação
de Hollywood!"

**GAY-RED...o novo tom de
êxito sensacional!**

Quando experimentar o novo tom Gay-Red dos batons Tangee compreenderá porque é o favorito das mulheres mais belas do mundo. Gay-Red possui o famoso "efeito de pétala", exclusivo de Tangee. Use baton Tangee GAY-RED e recorde... as mulheres mais lindas do mundo usam Tangee, o baton mais fino do mundo!

Em tons
primorosos
Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

O BATON
Tangee



USE TANGEE PARA SE VER...
A MAIS LINDA QUE PODE SER!





Policiário com música estrangeira

NA primeira quinta-feira deste mês, rodando o "dial" do nosso receptor para um passeio no tapete mágico das ondas curtas, detivemo-nos numa estação que estava executando a nossa "Marcha do soldado". Não tardou muito a identificarmos essa estação como a Rádio Emissora do Departamento Federal de Segurança Pública, cujo prefixo é PYZ-2 e opera na onda de 32 metros. Não sabemos se algum dos nossos leitores já teve a oportunidade de ouvi-la. É uma estação "sui-generis". Suas irradiações constam de um vasto noticiário das ocorrências policiais da véspera (daí o título destes comentários), da leitura de artigos da nova Constituição, de diversas informações sobre os processos em andamento na Justiça Eleitoral, etc., etc. Tudo no mesmo padrão do programa organizado pela Agência Nacional e entremeado com números de música. É justamente a qualidade dessa música que está merecendo um reparo de nossa parte, mormente quando o gênero escolhido é o popular. Em meia hora de irradiação, foi o programa selecionado: "Marcha do soldado", "Adios, Pampa Mia" (tango), "Pregonera" (tango), "Nosotros" (bolero), "Ouvindo-te" (canção de Vicente Celestino) e "Fasination" (valsa francesa). Como se vê, houve maioria absoluta de melodias estrangeiras num programa oficial. Como a potência da estação deve ultrapassar as nossas fronteiras, muita gente lá por fora poderá pensar que o Rio de Janeiro fica mesmo na... Argentina. E, justamente, para evitar isso é que as autoridades encarregadas do funcionamento da PYZ-2 deveriam dar preferência à nossa música popular com ou sem... pancadaria. Não é verdade que onde há samba a polícia está sempre presente? Porque, então, aliá-lo dessas irradiações?...

F. C. S.



BEGIN THE BEGUINE

Fox de Cole Porter

(Do filme da Warner "Night and Day")

When they begin the beguine,
It brings back the sound of music
so tender,
It brings back a night of tropical
splendor,

It brings back a memory ever green.
I'm with you once more under the
stars,
And down by the shore an orches-
tra's plying,
And even the palms seem to be
swaying

When they begin the beguine.
To live it again is past all endeavor,
Except when the tune clutches my
heart,

And there we are, sweating to love
forever
And promising never, never to part,
What moments divine, what rapture
serene,

Till clouds came along to disperse
the joys we had tasted.
And now when I hear people curse
the chance that was wasted,
I know but too well what they mean.
So, don't let them begin the beguine
Let the love that was once a fire
remain an ember;
Let it sleep like the dead desire
I only remember,
When they begin the beguine.
Oh yes, let them begin the beguine,
make them play.
Till the stars that were there before
return above you

Till you whisper to me once more:
"Darling, I love you!"
And we suddenly know what heaven
we're in,
When they begin the beguine,
When they begin the beguine.

QUANDO DOIS DESTINOS DIVERGEM

Letra e música de Lauro Maia

Criação de Orlando Silva

Foi árduo o meu trabalho em querer
fixar
uma amizade pura; sem mácula.
Mas, depois que dois destinos diver-
gem,

Logo, todos os castelos submergem
No oceano tão profundo desta Vida...
É difícil, bem difícil essa lida!
Só nos resta agora esperar.
Pra ver se algum dia
na estrada da vida, ao acaso,
eles vão se encontrar!...

Creio que melhor seria agora
terminarmos!...
Pode ser que encontremos a Felici-
dade,

Aquela que tanto almejavamos,
e que fugiu de nós!...

Acaso poderás dizer qual de nós o
culpado?
E qual a razão de tudo ter desmor-
ronado?

Nossa vida é agora um verdadeiro
caos,
Sombreada por incrível solidão,
e pontilhada só de pensamento
mãos...

Não sei si vale mesmo a pena assim
continuarmos

THE MESSIAH

De Charles Jennens e George F. Handel

I know that my Redeemer liveth
And that he shall stand at the latter
day upon the earth;
For now is Christ risen from the dead
The first fruits of them that sleep.
And he shall reign forever and forever.
King of kings, Lord of lords,
Hallelujah, Hallelujah, Hallelujah.

CUATRO PERSONAS

(Bolero de Rafael Hernandez)

El día que nos casemos verás que
bueno
Nuestra casita feliz un nido de
amor será

Y en esa casita linda solo estaremos
Cuatro personas, cuatro personas
nomás

Cuatro personas, cuatro personas
nomás
Tú y Yo, papá y mamá, tú y yo,
papá y mamá.

Que lindo es el carino entre tú y yo
q e dulce son los besos que me das
que sepa nuestro idilio solo Dios
tú y yo, papá y mamá, tú y yo, papá
y mamá.

Todos assinaram sobre estampilhas. Ricardo Lobo pagou os dois cortes de linho comprados, permaneceu ainda alguns minutos conversando amigavelmente sobre jóias e quando se despediu, deu o endereço do hotel mais caro da cidade.



Seriam dez horas aproximadamente do dia seguinte quando o coronel Euzébio Carneiro irrompeu, afobado, na grande loja de tecidos.

— Onde está Florêncio? Quero falar com ele! — pôde gaguejar.

— Aconteceu alguma coisa? perguntou o gerente, solícito, precedendo-o.

— Fui roubado, fui roubado! — gania o fazendeiro.

Entraram no gabinete do senhor Capistrano. O comerciante ergueu-se, espantado em ver o coronel assim, pletórico, suarento, desalinhado, num transtorno geral.

— O que foi isso, coronel, o que houve, pelo amor de Deus?

— Fui roubado, fui roubado! — repetia Euzébio aos bufos.

Caiu na poltrona que o gerente arrastou até suas pernas, tirou o lenço, esfregou-o na testa, raivosamente.

— Acalme-se, coronel, acalme-se. Se foi roubado daremos queixa à polícia; acalme-se, que diabo, não lhe roubaram a vida. Mas conte o que houve para podermos tomar as providências necessárias...

— Providências, providências — ros-nava o fazendeiro — não podemos tomar nenhuma, estou de mãos completamente atadas, ele soube fazer tudo com perfeição! Besta que fui! Ah! se eu pego agora aquele canalha! Se eu conseguir avistá-lo algum dia...

— Mas, coronel — pedia humildemente Florêncio Capistrano, — o senhor me deixa tonto, explique-se de vez. Afinal o que aconteceu?

— Ele tem nossas assinaturas — chorava o caçacultor — nós não podemos

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

agir legalmente. E o canalha deve estar no Rio de Janeiro rindo de minha estupidez, oh! o patife, todo maneloso, toda distinção, maciosinho que nem uma moça! e com o punho crispado, Euzébio Carneiro continuou a descompor a imagem graciosa do jovem cavalheiro, que bailava em sua imaginação, debicando docemente de seu ridículo.

O senhor Florêncio então começou a compreender que havia algum mistério ali. Que o coronel fora engabelado. Euzébio mais calmo puxou a carteira. Pescou o anel que comprara na tarde anterior. Agarrou-o furiosamente sem a mais leve meiguice. E atirou-o com brutalidade e desprezo sobre a escrivaninha do comerciante:

— Esta porcaria é falsa mesmo.

Já o senhor Capistrano sentia-se estalar. A confusão deixava-o atônito.

— Mas seu Euzébio, isto está fora de dúvida. O rapaz não lhe assegurou diante de todos nós que o anel era falso, que mal valia três contos de réis? Que diabo de teimosia foi a sua? Ele não lhe enganou. A culpa foi sua. Você não sabia que a jóia era falsa?

O fazendeiro deixou os braços pender. E abatido como um touro morto disse:

— Eu não entendo, não entendo, Florêncio. Eu estava no meu perfeito juízo e nunca me enganei, nunca, num exame desses. A olho nu eu poderia ter errado. Mas todo mundo viu, olhei o anel com minhas lentes. Era uma jóia valiosíssima, valia no mínimo, na pior das hipóteses, valia cinquenta contos enxutos. E sou capaz de jurar, juro por todos os santos, que o anel que eu examinei, que eu quis comprar, não é o mesmo que está aqui sob nossas vistas.

O coronel Euzébio tinha toda a razão.

Música

(Conclusão da pág. 38)

A abundância de sua produção que, num fluxo contínuo, jorra sobre o mundo, se manifesta decisivamente. Um estilo barroco, propício aos grandes temas trágicos, dá-nos concertos, óperas, "ballets". Um espírito profundamente compenetrado e, não obstante, possuído de uma capacidade juvenil e quase irresponsável de vibração, dá-nos, como resultado, a música de Milhaud, que continua em plena floração, pois não lhe morreu a chama da arte, ainda que cada vez mais se acen-tui, em seu corpo, aquela deformação tremenda, que o prende à poltro-na, chumbado à terra, como que atraído para um abismo, conseguindo libertar-se, simplesmente, pela energia de que é dotado, essa energia que, na luta contra tudo o que o arrasta para a inatividade definitiva, estabelece aquela tensão angustiante de sua obra.



Estude por Correspondência desenho mecânico e arquitetônico

GRÁTIS
CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V. S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas! MANUSEIE SUAS FICHAS

NÃO PERCA TEMPO E MANDE-NOS IMEDIATAMENTE O COUPON AO LADO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal 5058 — São Paulo

Sr. Diretor: Peco enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO
919

**Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

Castro Alves, polemista

(Continuação da pág. 22)

Perdê-nos o sr. Tobias; julgávamos que S.S. tinha monopolizado os lugares comuns, e que consentia que outrem dissesse o que S.S. disse e redisse muitas vezes não sendo seu.

Outra banalidade. — Dizer que a imprensa é um topo...

Oh! Pelletan, Hugo, Lamartine, ó vós todos que pegastes um dia da pena para abençoar o braço, que vos leva a palavra a todos os pontos da terra, riscai tudo quanto dissestes até agora sobre a filha de Gutenberg. Porque isto é ser chato, vulgar, ruim; sei que dizeis uma verdade, a que dais uma forma nova e vossa, mas isto é comum, tão comum, como um filho falar bem de seu pai. Depois, que importa? O Sr. Tobias diz que isto é uma vulgaridade... Pobre Sr. Tobias!...

Agora que apreciastes o critério de S.S. quando decide ex-cátedra, como um intérprete bonzo entre estultos brahmines, vejamo-lo quando... se digna de descer ao terreno da lógica...

Vê-de se há nada que resista a este raciocínio...

"Dizemos nós: a imprensa é um topo..."

Os sacerdotes fazem dela um altar, os carrascos um pelourinho. O Sinal e a Rocha Tarpela são gêmeos e diferem apenas em que ali tendes o algô, aqui o profeta, dali rolam relâmpagos e verdades, daqui sangue e cabeças decepadas".

Lêde agora o raciocínio do ilustre crítico:

"A idéia do altar e sacerdócio associastes e fizestes corresponder a do Sinal, assim como ao conceito de carrasco e pelourinho fizeste juntar e irmanar-se o de "rocha Tarpela". Ora, o "Sinal" e a "Rocha Tarpela" são gêmeos; logo, o altar e o pelourinho são gêmeos, o sacerdote e o carrasco são gêmeos. Não era isto de certo o que quierdes dizer e o dissestes! Oh! "quanta espécies!"

Merece isto resposta?... Não mil vezes não, seria zombar do público, duvidar um momento de que ele se tenha rido à larga desta tirada, mas respondamos sempre ao ilustre crítico.

Delxe S.S. que lhe expliquemos em primeiro lugar nossa idéia.

Dissemos na primeira linha que a imprensa era um topo, que este topo podia ser altar ou pelourinho, conforme nele estivesse um sacerdote ou um algô... (até aqui digna-se o mesmo judicioso crítico descobrir apenas banalidades). Dito isto, mostramos em como são as pessoas, que se colocam nas eminências, que fazem delas altares ou pelourinhos, porque o tronco de madeira, que serve para o santo sacrifício, também pode servir para cepo do carneiro; então dissemos que o Sinal e a rocha Tarpela eram gêmeos (isto é, que ambos eram montes), porém que "diferiam" apenas porque ali tínhamos o profeta, aqui o algô. O que corresponde a dizer que se o Sinal é venerável, não é porque seja um monte melhor do que a rocha Tarpela; mas sim porque Moisés lá estava ao passo que o algô estava na rocha Tarpela.

— Moralidade da fábula. — A imprensa, sendo como uma eminência, será chamada rocha Tarpela ou Sinal, conforme preenchida por um escritor de consciência ou por um tratante, porque é nisto apenas que difere o jornal de mérito dos pasquins.

Safa! que não me meto mais a soletrar um período inteiro destes como quem ensina a menino de escola palavra por palavra... Doutra vez satisfaço-me em escrever o "difere" com letras garrafais, para os míopes e presbitas não o engolirem.

Diz o sr. Tobias:

— "Saltemos por sobre alguns pontos do inqualificável disparate e vamos apreciar estas duas asserções:

"Da pequenês nasce a grandeza. Os átomos fazem o mundo". Temos plágio e incongruência. Lembra-nos de que o introdutor ao princípio falou em Deus, deu a entender que nele cria. Entretanto, aqui vem dizer-nos que os átomos fazem o

mundo. E' a doutrina dos atomistas, a doutrina de Demócrito, de Epicuro e de seu discípulo, o terrível, audacioso Lucrecio — ateus de subido quilate! — O' santa ignorância!"

Os átomos fazem o mundo. Sim, Sr. Tobias, da mesma sorte, que as gotas de água fazem os oceanos, que os grãos de areia fazem as pirâmides...

Onde encontrei aqui o atomismo?...

De certo eu creio nos átomos, mas nos átomos — porção mínima, elementar e indivisível, de que constam os corpos — eu creio em suma na "Teoria atomista", hoje, introduzida na ciência própria — a química.

Mas no atomismo filosófico seria irrisório.

Não sigo a teoria de Moscus de Sidon, que produziu, conforme pensa Possidônio, este sistema antes da guerra de Tróia, não me arrojo aos velhos pergaminhos indianos para neles perscrutar Kanada e Gautama, não converso com Leucippo, nem abraço Demócrito que recite os seus versos atomistas; até nos tempos modernos se quer olho para Gassendi...

Havéis de concordar que esta tirada de

pedantismo é ridícula, mas o Sr. Tobias clamou o sábio dos sábios: O' santa ignorância! e nós que recelamos o epíteto, recorremos ao Bouillet, pegamos em tudo quanto havíamos lá encontrado e atramos à cara do nosso muito erudito crítico tal qual S.S., que por não saber a significação do verbo fazer, ou por querer falar no seu "audacioso" Lucrecio pespegou nos pobres prelos com aquele trecho de supina ciência. O' santo pedantismo!

— Da pequenês nasce a grandeza... nada é absolutamente grande.

"Tudo isto é tirado de V. Hugo, que disse nos "Miseráveis". O pequeno é grande, o grande é pequeno".

Tudo isso é tirado da experiência, que nos ensina que na terra não há grandeza absoluta, tudo isso é tirado daquelas palavras do Evangelho — os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos; tudo isso é tirado de Lafontaine em sua fábula — o mosquito e o leão, — tudo isto é tirado de mil anexins populares, porque é uma dessas verdades experimentais, cujo conteúdo pertence a todos, cuja forma será de cada qual.

(Continua na pág. 55)

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA
GRANDE, BOM E BARATO!
★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da Sífilis)

TRABALHOS MANUAIS

2070

TOALHA PARA BAN- DEJA COM BARRA DE BORBOLETAS

Material necessário.

Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

2 meadas de F505 (Rosa Salmon Escuro; F507 (Azul Nattier); F508 (Azul Royal Claro).
1 meada de cada F443 (Laranja Claro); F478 (Marron Médio); F497 (Verde Grama Claro).

(Usar três fios de linha).

50 x 90 cm. de linha amarela esverdeada. 1 agulha Milward "Crewel" nº 6.

CHAVE.



o = 443 - K

— = 443

— = 478

... = 505

--- = 507

~ = 508

o = 497

o = 507

o = 508

o = 507

o = 508

o = 507

o = 508

o = 478

o = 497

o = 505

o = 507

o = 508

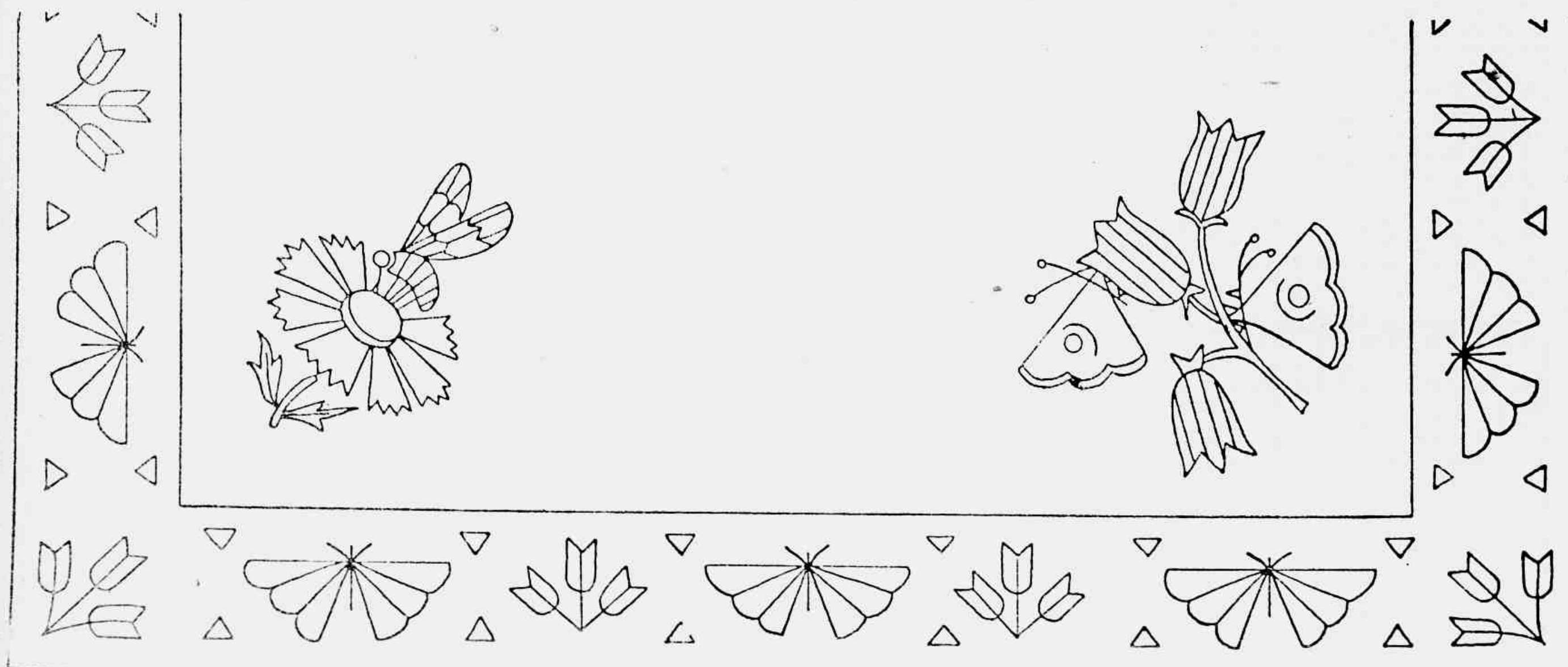
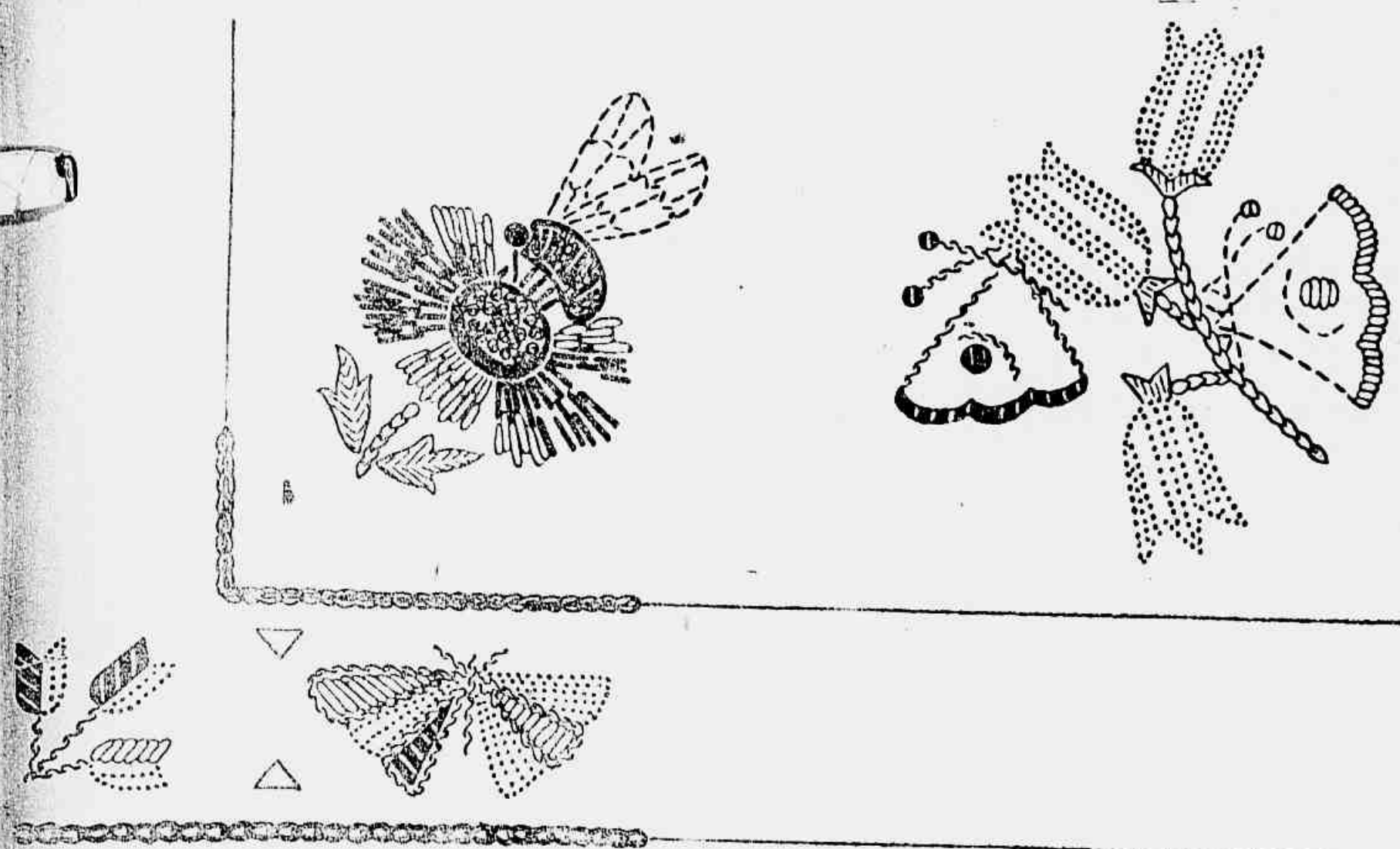
O desenho apresenta metade da toalha. Traçar a outra metade para completá-la. Seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos. As letras na chave representam os pontos usados e são como segue:

K — nozinhos franceses; C — ponto de cadeia; S — ponto cheio; U — ponto de haste; L — ponto matizado.

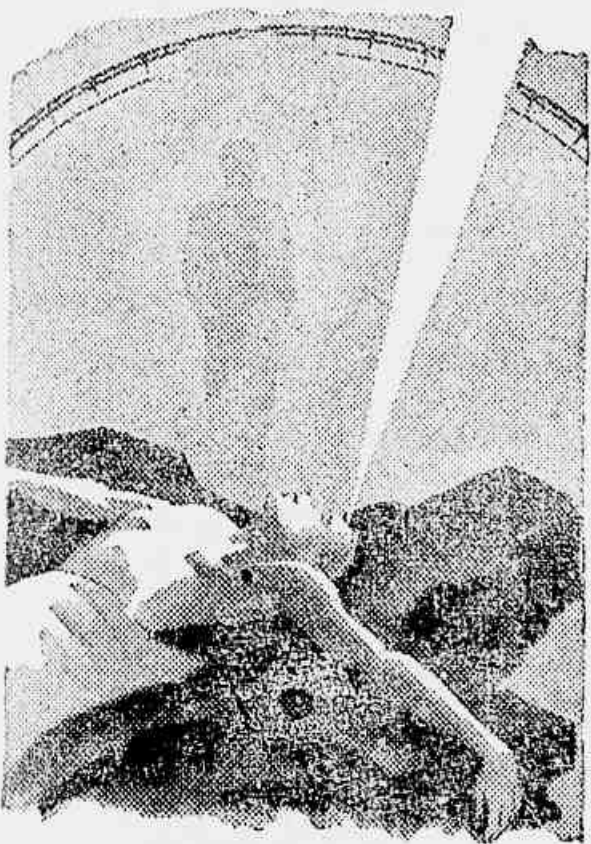
Uma vez terminado o trabalho, passar bem pelo lado do avesso virando uma bainha para esse mesmo lado e então guardar junto à carreira de ponto cadeia.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" nº 8 (nov. de 10 grms.) usando um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.



A FRAÇÃO DE UM SEGUNDO NA ETERNIDADE



Os antigos chamavam isto de MENTE CÔSMICA

O homem deve morrer para liberar a sua mente mais profunda? Podemos nós sentir *vôos momentâneos* da alma, isto é, *fundirmo-nos com o Universo* e receber um influxo de grande entendimento?

Os grilhões do corpo—suas limitações terrenas—podem ser quebrados e a mente do homem pode ser posta em harmonia com a Infinita Sabedoria pela rapidez de um segundo. Durante este breve intervalo, obtém-se conhecimento intuitivo, grande inspiração e uma nova visão da missão da nossa vida. Alguns chamam esta grande experiência de fenômeno psíquico. Mas os antigos conheciam-na e ensinavam-na como Mente Cômica—a fusão da mente do homem com a Inteligência Universal.

Este Livro Grátis Lhe Explicará

Isto não é uma doutrina religiosa, mas, a aplicação de *simples leis naturais*, que dão ao homem uma *introspecção* no grande plano Cômico. Elas tornam possível uma fonte de grande alegria, resistência e a regeneração dos poderes pessoais do homem. Escreva aos Rosicrucians, uma velha irmandade de ensino, pedindo um exemplar grátis do livro "The Mastery of Life", que lhe dirá, na reserva do seu próprio lar, como V.S. poderá iniciar-se nestes mistérios da vida conhecidos dos antigos. Endereço: Scribe N.H.B.

The Rosicrucians

SAN JOSE (AMORC) CALIF., U. S. A.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE

Ao Dr. DIVO ORCIOLI



Shirone na obrigação de agradecer, publicamente, ao Dr. Divo Orcioli, um valor da ciência brasileira no setor da cardiologia.

Indo ao seu consultório, à rua Buenos Aires 250, restabelecimento de insidiosa doença cardíaca que me levou a verdadeira peregrinação por vários especialistas de Costa Capital. Subscribo-me, sinceramente grato, a este ilustre médico parisiense. Nilo Bekim Sant'Anna. — Rua "B" nº 14 — Thomaz Coelho.

Castro Alves, polemista

(Continuação da pág. 53)

"O sol é talvez um vagalume entre os astros; o vagalume é talvez o sol de um mundo microscópico". Continua o mesmo furto de idéias; não já feito aos "Miseráveis", mas a uma bela quadra do mesmo autor, que termina:

"L'étincelle vaut la flamme
L'étoile vaut le soleil".

Que "simile!" realmente em cima falasse em sol, e... e mais não disse... V. Hugo diz que a estrela vale tanto quanto a chama, e nós não fazemos senão desenvolver a mesma idéia de grandeza relativa, dizendo que o sol que para o homem é de um tamanho desconunal, entre corpos que lhe excedam em volume será como um pirilampo, ao passo que o vagalume, que para nós é sumamente pequeno, numa escala de seres microscópicos será tão grande quanto o sol.

Realmente! Só o Sr. Barreto descobre destas! Mas vamos ao que mais importa. Vêde quantas cousas, quantos sistemas, quantas verdades astronômicas descobre S.S. nestas pobres palavras sem pretensão alguma?

"Além disto a idéia pretendeu exprimir com visos de imagem ou beleza poética, já é hoje uma das bem fundadas probabilidades da ciência respectiva. Leia os astrônomos modernos e verá que o sol é considerado obedecer a um centro desconhecido de um outro sistema planetário".

Qual será a probabilidade bem fundada de ciência respectiva? Que o sol é um vagalume entre os astros? De véras audará este pobre astro de pernas e asas, já que S.S. lhe tirou as pestanas, "a cambaleiar bêbado no espaço?" E eu que não sabia desta probabilidade da ciência respectiva? E eu, que na minha santa ignorância, não tinha lido os astrônomos modernos! Desculpe S.S. E' por isso que nos mostramos tão maravilhados diante de uma cousa tão sabida e provada por Copernico, Newton, Arago, Herschell, e mais umas três dúzias de astrônomos, que S.S. poderá ler em qualquer catálogo do Garraux.

— Admira-se de que a ciência, sendo um sacerdócio possa também ser um ofício: são cousas, que se não contrariam. O sacerdote tem um ofício, assim como o artista tem um sacerdócio.

"Nós somos como os reis magos da lenda bíblica, etc.

"E' um simile de cabelos brancos, velho, velho, que já se não pode sustentar, encerrando o seu pouco de impiedade naquela idéia de lenda, que trás a idéia de poesia, invenção ou mentira".

Quanto ao simile de cabelos brancos, vá que seja; mas a impiedade... não; não consentimos que S.S. pelo simples fato de não saber o que significam palavras tão vulgares, de nem sequer fazer, como qualquer menino de escola em idênticas circunstâncias, uma viagemzinha ao Morais para poder "traduzir" o que lê escrito na língua, que fala, não consentimos que nos lance em rosto palavras, cujo peso S.S. desconhece.

"Lenda" sempre significou vida de santo em sua acepção mais própria; vulgarmente, porém, se emprega como fato histórico conhecido pelo povo. S.S. ouviu falar em lendas poéticas, e acreditou que este nome viesse da forma e não da idéia.

Há lendas poéticas, mas nestes casos a poesia é que recebe o nome de lenda e não o contrário.

E o que será a história dos reis magos, senão uma verdadeira lenda, já porque é um fato de história santa, já porque o povo conhece-a e festeja-a entre nós no dia de Reis?

Oh! santa ignorância! E' triste ver professores, que não sabem a língua vernácula, a própria língua de seus pais...

Continua S.S. dizendo que comparar o deserto ardente com a capa do profeta Elias, é "tolice com aspirações à imagem poética", e que a capa está encaixada a golpes de martelo. Entregamos aos homens de letras esta apreciação.

Depois acrescenta que nos apropriamos "talentadamente de idéias e frases de Quinet, e dá-nos a seguinte amostra:

"O introdutor da "Luz" diz-nos que a esfinge boquiaberta, como o cão do de-

serto, ladra às caravanas errantes, e ao Ashaverus ouví-se-lhe no coro das esfinges estas dizeiras:

"Comme un chien de berger restons nous couchés pour veiller éternel à la porte du monde" e em outro lugar dizer Thebas: "Mon beau sphynx de cent contes, qu'avez vous à faire pour aboyer si haut?"

Mais aqui prova a sua má fé e a sua ignorância.

Ma fé, porque remenda dois pedacos de uma obra para com eles formar um plágio: ignorância pelas razões, que vamos expender.

O Sr. Tobias faz versar a imitação na comparação que fazemos de esfinge com o cão. E assim parece. Realmente eu disse que a esfinge é como o cão do deserto, e Edgard Quinet diz que a esfinge é como o cão do pastor.

Isto é plágio. Isto é descaradamente! diz S.S.

Não, Sr. Tobias, é que o Sr. é de uma ignorância atrevida e alvar.

Fala em "lendas" sem saber o que é lenda, fala em "átomo", sem saber o que é átomo, descobre sistemas planetários em vagalumes, e agora, como sempre, fala em esfinge sem saber o que é esfinge.

Quer que lhe prove? Veja.

Para que dois escritores dêem a um objeto atributos, que lhe pertencem e que o constituem não é necessário mais do que o conhecerem; assim se Edgard Quinet disser que um cavalo é um quadrúpede e eu o disser igualmente não plágio a Edgard Quinet.

E' o que se dá no caso vertente. O que são as esfinges senão estátuas com a cara e os seios de mulher, o "corpo de cão" (em de leão), "garras do mesmo animal", com o corpo ordinariamente na posição de um cão acocorado, que ladra na porta do lar?

Vejam Desobry e Bachelet, Dicc. da Geografia e História, e Bouillet, Dicc. de Ciências e Artes. Vejam mais qualquer ilustração francesa em Jornal de viagens, em que vejam refratadas as paisagens egípcias, e conhecer-se-á que não inventamos uma imagem, nem tão pouco o fez Edgard Quinet, porque apenas reconheceu um dos atributos do objeto de que falava.

— "Sim! mas a obscuridade é a efeminação".

Diz S.S.: ou concedemos que esta proposição é uma asneira quadrada, ou seremos levados a uma consequência pouco agradável, isso porque dizendo nós no começo do nosso artigo, que subíamos do vale da nossa obscuridade, confessamos ter subido do vale da nossa efeminação.

De feito nós subimos do vale da nossa obscuridade, sem que nunca fivessemos vivido na efeminação, porque até essa hora um apêlo bastante forte não nos havia chamado à imprensa; até então a obscuridade nos era permitida, porque a nossa pena era inútil; mas desde que o dever nos bradou que caminhássemos, ficar em repouso seria ser fraco. Viver no silêncio, quando o braço é inútil a uma causa é permitido; viver no silêncio, quando alguém nos chama é ser covarde; deslutar o que o ontem não era vergenhoso, hoje se torna indigno.

Para responder a arguições destas, nós pedimos ao público — tenha ainda a condescendência de reter a introdução da "Luz", porque quanto a quem assinou o escrito, a que damos, em atenção somente ao público, resposta, não descemos a responder no terreno lamacento, a que só descem pasquinhos assalariados.

Diz mais S.S. que na cidade de norão, licornes, que mordem, pastora de mármore, peris que cantam, grifos, montanha do Irã, oriente, palmeiras do deserto, dromedários e esfinges, são de E. Quinet.

Tem seu espírito essa doação, que faz o Sr. Barreto a Edg. Quinet; dá-lhe cidades, montanhas, e até partes do mundo, sem deixar nenhuma cousa se quer ao Constancio e ao Gauthier.

"Risum teneatis!" E' assim que conclui S.S. a análise da introdução.

Digna análise de semelhante escritor! Começa agora o Sr. Tobias a criticar o "Ezho"; a primeira observação que faz é logo um plágio:

Diz uma coisa: Quando Eva correu pela primeira vez, eu nasci!

Diz S.S.: Quem tiver lido os "Miseráveis",



a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

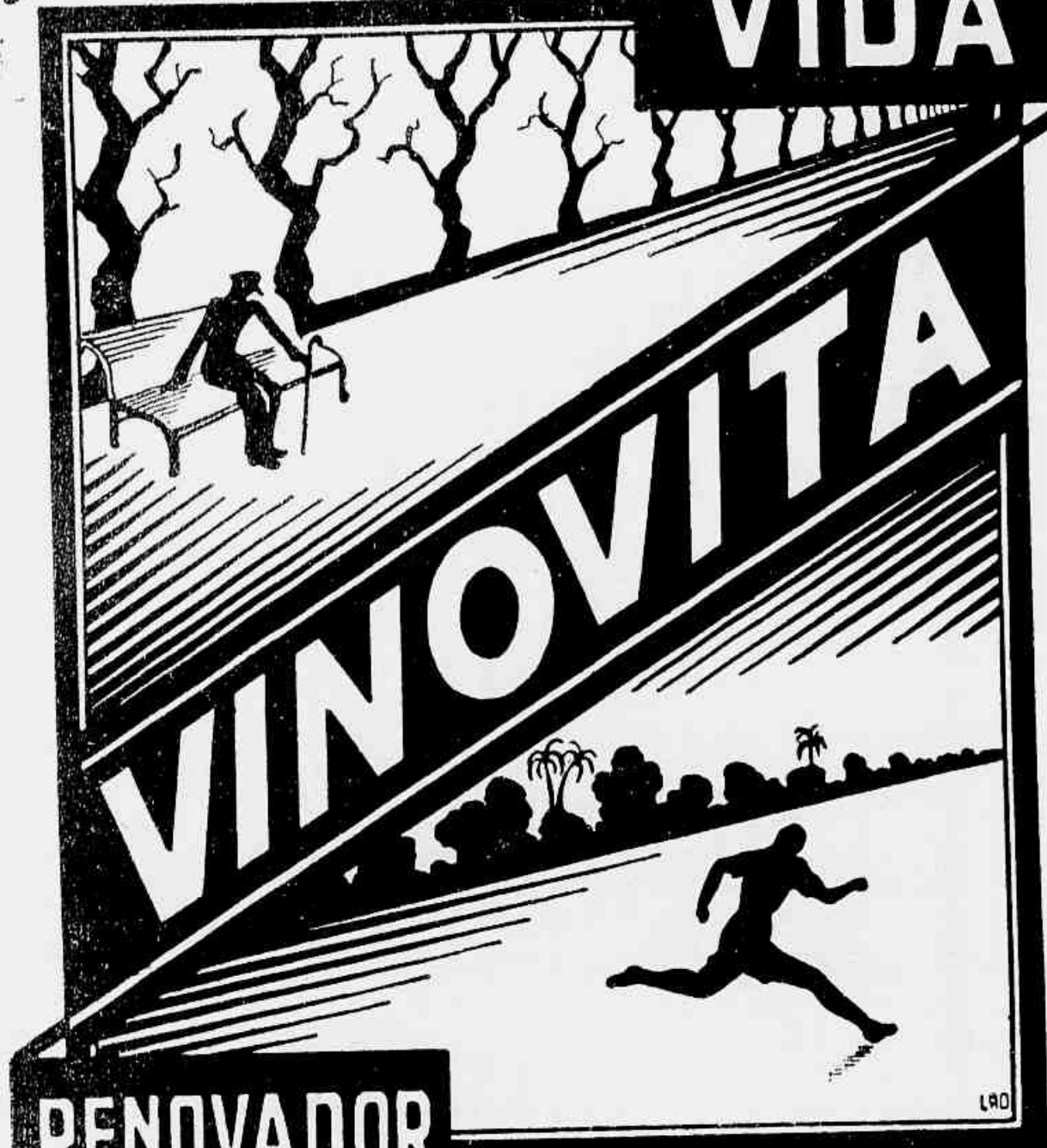
Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

Tricófero de Barry
EM USO DESDE 1801

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

veis" saberá que isto é de Victor Hugo. E vá agora o respeitável público folhear uma obra de 10 volumes, a ver se encontra lá estas oito palavras. E' o melhor meio de não ser pegado na mentira.

— "A rosa rolando da fronte dos OVIDIOS nas espáduas das CLEOPATRAS languidas..." "é uma destas tolices que não têm explicação..."

Isto não é saber português. Se empregássemos — Ovídio — no singular, e — Cleópatra —, ainda seria possível a crítica por ter a frase um sentido ambíguo; mas tendo empregado no plural,

claro está que não quisemos mais do que simbolizar em Ovídios os poetas romanos, e em Cleópatras as cortesãs de Roma.

Além disto, pôr um nome próprio, por outro comum, é uma figura que se chama antonomasia.

Lela o erudito crítico a sintaxe de Dantas (livro elementar de meninos, que aprendem o latim), página 12, onde aprenderá a explicação do período, e verá o exemplo seguinte: "Poeta por Virgílio, Filósofo por Aristóteles".

Isto é quinau, pelo qual um menino de latim chamaria a bolos o seu condiscípulo, isto é, um erro, pelo qual recomendamos ao público esse professor há 14 anos, que ignora cousas tão triviais na língua, em que quer a força ser mestre. Imaginem os que nos lêem o que dirá o bom crítico em outras matérias, em que ainda é calouro!

— "Na juventude as utopias vêm dormir no seu berço, e as fadas errantes embalam-me ao som do mistério divino das estrelas..."

Dis o crítico: E' uma variante do Ashaverus, pág. 88, onde se diz: "Le murmure des étoiles est descendu dans mons calice. Je porte un secret dans mon calice. Que les passants y viennent cueillir le mystère".

Plágios desta ordem merecem por única resposta a confrontação dos dois trechos. As utopias, que dormem no berço da rosa, ou antes da poesia (v. o "ECHO"), não tem analogia alguma com o segredo que a flor do deserto da Síria traz em seu cálice, nem tão pouco as cantigas que as fadas errantes cantam na juventude dos poetas — ao som do mistério das estrelas, que descem ao cálice de uma flor.

"A parasita tocando guitarra é idêntica às flores de Edgard Quinet, que tocam lira. A expressão — minhas irmãs — de que a flor usa, é a mesma da estrela no Ashaverus".

E' preciso não ter lido os escritos mais triviais de literatura "fácil", não ter idéias sequer dos escritos caprichosos, que neste gênero têm publicado quase todos os folhetinistas, para ignorar que estas expressões e idéias são vulgares, e se tem até tornado — lugares comuns. Enviamos para isso S.S. ao Murger, e principalmente a qualquer página da obra de — "Les fleurs animées".

— Antes que as estrelas despontem, como um bando de abelhas, em torno da colmeia da lua.

S.S. cita do "Ashaverus" as seguintes palavras: Les étoiles sont les fleurs du ciel. Poderíamos, prevalecendo-nos de um erro talvez tipográfico, furtar-nos a encerrar de frente esta crítica; mas agora, como sempre, obedecendo à nossa lealdade, diremos que no "Ashaverus" lêem-se as seguintes palavras: Les étoiles sont des abeilles qui sucent les fleurs du ciel. Esta pequena comparação, que nenhuma beleza traz ao período, e que corria ao bico da pena sem esforço e sem reminiscência de outro escritor — é tão insignificante, que nem vale a pena copiá-la. Que uma idéia fecunda, que um grande pensamento, cujo desenvolvimento encha de glória — seja plagiado com consciência, é crível; mas que alguém, que tendo escrito bastante, sem precisar de recorrer à força estranha, dê-se ao trabalho de folhear uma grande obra de E. Quinet, para extrair estas três palavras — as es-

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

treas são abelhas — é incrível, é estolidado. S.S. deve encontrar nisso uma coincidência, ou, se o não quiser, uma reminiscência. Mas, dada a hipótese que não o admita, damos-lhe licença para dizer de nós — Antonio de Castro Alves — plagiamos uma palavra de Quinet — abelha. Não nos traz glórias essa comparação, e se algumas temos, não têm sido colhidas à troca de ninharias deste gênero.

Aqui termina S.S. a sua "crítica literária". O público, que nos lê, vê que cada frase desse monumento é uma mole de asneiras. "De queda em queda tombando rola" o Sr. Tobias desde a primeira linha do "Suplemento". Cada degrau que o vimos descer pensamos que fosse último; mas S.S. tem recursos; parece que um gênio errante lhe bradava: caminha, novo Judeu errante da crítica... "literária".

Literária, sim, porque só o vimos rolar nesta queda. Entretanto S.S. continuou a descer, mas foi num terreno tão baixo, que desapareceu completamente aos nossos olhos, como aos de todo o homem de bem.

S.S. conclui dizendo que havemos de correr por "becos e vielas até nos encoarmos acuado e indecente lá... lá... lá no fojo da devassidão".

Entregamos estas palavras ao público; são um "especimen" da educação e delicadeza de um homem que se presa; de um crítico, que se diz literário. Vão talvez as expressões mais fortes, palavras mais rijas; mas somos homem, e não podemos furtar à indignação de ver um colega tornar-se um pasquinoiro, um amigo tornar-se Judas.

E' quanto basta. Provaremos no seguinte número ao público — quem é o escritor que se apresenta com sua capa de farrapos de todas as qualidades, e rechelado de inqualificáveis disparates. — CASTRO ALVES. — Recife, 22 de agosto de 1866.

Um bólido apenas, perdido no...

— Porque não saí do correio pela outra porta?

Nesse momento, porém, já nenhuma pergunta podia ter resposta. Carlos Mazoni sentiu-se atirado no espaço, lançado no azul, de ponta-cabeça, para muito longe da terra, contra toda a força da gravitação. Ele não era mais ele. Não estava em parte alguma. Era apenas um bólido, prestes a ser deslocado para um outro planeta. Nunca houvera Carlos Mazoni, nem avião, nem nada! E agora o bólido caía... Rompia céus e céus numa fúria arrasadora! Já agora, porém, não era mais nada, nem bólido mesmo! Era quédia sómente, — quédia, nada mais! Quédia! Uma quédia sem princípio, sem razão, sem essência, sem nada! Uma vertigem no éter, um colapso no vácuo!

Mas agora a quédia terminara. Ele havia pousado em alguma coisa. Não era mais um bólido longínquo, nem a vertigem de uma quédia. Sentia o sangue pulsando nas veias, como se o coração houvesse adquirido, dentro do corpo, a qualidade de onipresença que Deus possui no Universo. Havia ali, sobre os ombros, uma cabeça. Aos lados do corpo, dois

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 15 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.

ANEL "ZODIAICO"

É uma dádiva inesquecível e de duplo valor.

Registrado e garantido por Lei. Com Signo, Planeta e Pedra do mês de nascimento, de ouro maciço 18 quilates e platina com pedra fina ou brilhante desde Cr\$ 950,00. De prata com ouro de 18 quilates e pedra fina desde Cr\$ 115,00. Remetemos para o interior pelo Reembolso Postal

STANDARD CR\$ 115,00

FEDERAL CR\$ 165,00

INCA CR\$ 285,00

AMERICA CR\$ 150,00

CAPITAL CR\$ 265,00

BRASIL CR\$ 300,00

Peça o que quiser em Joias e Relógios de lei. Dirigindo-se à Organização Comercial e Fábrica de Joias "A Z T E C A"

Peçam catálogos: RUA REGENTE FELIO, 18 — Rio.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

braços doloridos, que se firmavam, nas extremidades, em sólidos pontos de apoio. Sim, era ele, novamente, Carlos Mazoni mesmo, que ali se encontrava!

O ronco do avião chegava-lhe de novo aos tímpanos, que tinham ainda um zumbido misterioso, adquirido nas paragens longínquas do espaço, durante os momentos da sua existência de bólido. Olhou para fora e viu de novo a terra. Oh, como era bela a terra! Grande terra verde, coberta de matas e cafezais, aberta para o céu, numa fartura acolhedora de ramos e folhas, como um ninho para as águias perdidas, como um pouso para os bólidos errantes de outros mundos sem limites! Terra! Como ela surgia agora, novamente, aos seus olhos, a todos os seus sentidos, crescendo a pouco e pouco, aumentando, tomando vulto, abrindo-se num grande abraço de florestas e cafezais, para recebê-lo de novo!

Viu então que o avião manobrava para o pouso. E, dali a pouco, qual um pássaro vitorioso, pousava serenamente no campo, de regresso das nuvens, do espaço, do cosmos!



— Gostou?

Carlos Mazoni olhou triunfante para Navarro.

— Muito! Sofri, mas dizem que às vezes o sofrimento é bom.

— Sentiu-se mal? perguntou o piloto, cuidadoso.

— Não. Senti-me bem, infinitamente bem!

Logo a seguir, tomaram o automóvel, de volta para a cidade. Carlos quis descer em casa. Convidou os outros a chegarem, mas eles não aceitaram. Navarro e Nogueira despediram-se com grandes abraços. E, ao entrar na sala, Angelina veio ao seu encontro, com os olhos marejados de lágrimas e um telegrama na mão, trêmula e fria:

— Veja, Carlos, estamos sem sorte! Júlia morreu hoje cedo, num desastre de avião! Pobre irmãzinha! Tão jovem, tão cheia de entusiasmo!

Angelina caiu em seus braços, numa crise de pranto. Carlos sentiu novamente o frio do avião a lhe subir pela espinha. Percebeu que era, de novo, apenas um bólido lançado na imensidade do cosmos, para um mundo qualquer, ou para mundo nenhum... E nunca mais, até hoje, contou a Angelina a sua proeza no espaço. Mas dali a pouco estava no quarto, abraçando a esposa e beijando o rostinho meigo de Mirna, com um gosto diferente, que ele nunca sentira, apesar de sempre saber que as amava demais!

Uma nova realização de...

o nosso amigo Gregg Toland, que tanto tempo passou no Brasil, é o fotógrafo.

Bobby Driscoll, o herói do filme, tem dez anos de idade, e sua companheira, Luana Patten, tem sete. Os dois posaram muito gostosamente para REVISTA DA SEMANA. Ele é um veterano da cinematografia, pois apareceu naquele maravilhoso filme da T.C.Fox, "Os Sullivans", e mais tarde na película da Universal, "Amor tempestuoso", com Don Ameche e Myrna Loy, além de outras películas. Luana, entretanto, é estrelante. Enfrentou a câmera pela primeira vez em "Canção do Sul" (Song of the South), com as "histórias de Tio Remus e do irmão

coelho"... Mas se comporta tão bem quanto qualquer ator adulto, quanto um verdadeiro veterano da tela. Quanto a Bobby Driscoll, entusiasmou tanto a Walt Disney, que ele lhe ofereceu um contrato de sete anos.

E' PROIBIDO ENGORDAR

— Sim e por vários motivos. O primeiro porque esta foi a minha inclinação desde criança. Quando o meu irmão mais velho disputava no Jockey Club Chileno eu fiz uma promessa comigo mesmo que algum dia seria o maior beldão do meu país. E felizmente isto aconteceu poucos anos mais tarde.

— E quanto aos aborrecimentos?

— São muitos, realmente. Mas acredito que as outras profissões também têm espinhos. Há também as grandes alegrias. Uma das maiores que tive foi ao vencer o Grande Prêmio do 4º Centenário da Fundação de Santiago, em 1941. Naquele tempo a dotação de 300.000 pesos fora a maior até então havida no país. O prêmio em si, entretanto, foi o que menos entusiasmo me causou. O que mais importa é que somente depois de 100 anos será corrido um outro, por ocasião do 5º Centenário, em 2041.

QUANDO SER PESADO ATRAPALHA

— E seus filhos, Ulloa, seguirão a profissão paterna? O jóquei tenta parar o choro do caçula que se assustara com a lâmpada de magnésio e, depois, responde:

— Infelizmente, não. São muito robustos e terão muito peso para montadores...

D. Luz Oliva aparta-se:

— Diga antes, felizmente. Embora eu seja entusiasta do "turf", bastam as aflições que você me tem dado, com costelas partidas, quedas e outros acidentes.

Deixamos Ulloa um pouco antes do almoço. Segundo nos disse, suas glândulas são camaradas. Por mais que coma, seu peso não se altera. Com isso fica livre não só de regimens, como também das caminhadas, dos banhos de ducha e de vapor, bem como outros sacrifícios.

A ÚLTIMA ETAPA

A vida do jóquei é uma curva que começa num ponto marcado por um cartaz onde se lê "cavalariço", chega ao zenith alguns anos depois e termina, com uma espécie de aposentadoria, que é o cargo de tratador ou "entraîneur". Quando a idade emperra os músculos, ou quando a gordura lhe tira todas as "chances", sua salvação é apenas uma: arranjar uma boa coudelaria para tratar. Houve apenas um caso — talvez único em toda a América do Sul — de um jóquei ter mudado de profissão, ou melhor de ambiente. Foi o uruguaio Domingo Suarez, que inesperadamente abandonou cavalos, coudelarias e hipódromos dedicando-se ao comércio. Há também um caso triste. O jóquei Miguel Tarteroli, depois de muitos anos de prado, quando a idade lhe pesava mais do que a gordura, teve que se retirar da pista. Não conseguiu, contudo, um único cavalo para treinar e foi obrigado a voltar à mesma profissão pela qual começara há muitos anos atrás: a de cavalariço. Existe ainda em nossas pistas um outro caso singular. E' de Pedro Costa, jóquei uruguaio que, com 54 anos de idade, ainda disputa páreos pesadíssimos, competindo às vezes com garotos, como Reduzino Filho, que poderiam ser seus netos. Mas esse uruguaio é previdente e desde já acumula as funções de jóquei e tratador. O mundo do jóquei, dentro do hipódromo, começa no ensilamento e termina na vila hípica, onde estão as coudelarias e residências dos tratadores. O tratador é como já dissemos, um jóquei aposentado. Mas nem por isso sua luta é menor. Em compensação pode ganhar muito dinheiro, pois recebe a cada vitória a mesma percentagem dos montadores, isto é, dez por cento sobre o prêmio.

COUDELARIAS MODELOS

Um dos veteranos tratadores brasileiros e campeão na sua classe de "entraîneur" quanto ao número de vitórias conquistadas anualmente pelos animais de seu "stud" é Hernani de Freitas, três vezes ganhador do Grande Prêmio Brasil, "record" que durante muitos anos, com toda a certeza, não será quebrado. Hernani de Freitas é o responsável pela coudelaria que passa por ser a maior da América do Sul, a de Lineu Paula Machado, criação do saudoso "turfman" patricio, cuja obra é levada avante, hoje em dia pelos filhos do velho Lineu. O tratador na hora em que o procuramos bancava o cirurgião-dentista dos puros-sangue, extraindo com perícia e rapidez extraordinárias os incisivos e molares dos corredores. Embora sendo um feroz corriqueiro para cavalariço, jóqueis e tratadores, impressiona aos leigos, como o reporter. A extração de cada dente demora menos de meio minuto. Basta o cavalariço prender fortemente a língua do animal, o que ele faz segurando-a bem, pela base, obrigando com isto a que o

cavalo escancarar a boca. Nesse instante o tratador com um boteão do tamanho usual, arranca um ou mais dentes sem que o cavalo dê a menor demonstração de dor ou de irritação. Terminada a operação esguicham sobre a cavidade sangrenta um desinfetante e era uma vez uma possível dor de dentes. Hernani de Freitas conversou conosco, na farmácia do "stud", enquanto preparava medicamentos para os animais doentes. A farmácia é completa: encontram-se ali injeções de vitamina C, de complexos de vitaminas, vacinas anti-infecciosas, e até penicilina. Ah! Se o governo tivesse para com a nossa gente pobre o mesmo carinho que os proprietários têm para os seus cavalos de corrida!

MAIS VALE SER TRATADOR...

Hernani de Freitas faz exceção nesse ponto de vista. Enquanto os outros "entraîneurs" lembram com saudade seu tempo de jóquei, o tratador de "Albatroz" declara que mesmo que pudesse não voltaria a correr nas pistas. Talvez influa na sua opinião o excepcional bom êxito que tem tido com as montarias treinadas. Ele nos diz:

— Comecei minha vida profissional do "turf" em 1912. Fui jóquei durante muito pouco tempo. Já em 1920 abandonava para sempre aquela profissão para me tornar tratador.

— Algum acidente?

— Não deixa de ter sido um "acidente". Engordei rapidamente. Não havia regime que vencesse a minha predisposição para a gordura. Mas não me arrependi. Pelo contrário, tenho tido tantas vitórias como tratador que não voltaria a ser jóquei, mesmo que isto fosse possível.

A uma pergunta nossa declara:

— Tenho em média cinquenta vitórias por ano, ganhando dez por cento das dotações. Além disso tenho um "record" que muito me conforta e que dificilmente será ultrapassado. Venci três vezes o Grande Prêmio Brasil, prova máxima do "turf" nacional. Duas vezes com o magnífico "Albatroz" e outra com "Six d'Avril".

Hernani de Freitas foi previdente. Com o dinheiro ganhou nesses três grandes prêmios comprou e pagou integralmente sua casa. Só o cavalo "Albatroz", segundo dados estatísticos que conseguimos, proporcionou-lhe cento e trinta mil cruzeiros de prêmios, pois o grande corredor nacional mantém o "record" de dotações levantadas com um total de um milhão e trezentos mil cruzeiros. Hernani de Freitas, apesar da aboa carreira que fez no seu ofício, não deixa herdeiros que continuem a sua obra. Seu filho, Galeno de Freitas, de vinte anos de idade, é funcionário da Caixa Econômica e pelo que sabemos, muito pouco se interessa pelas corridas.

OUTRO VETERANO

Indalécio Carneiro é atualmente o responsável por uma das mais bem organizadas coudelarias que possuímos, pertencente ao Sr. José Bastos Padilha. E' um outro ex-jóquei que perdeu a jaqueta para a inimiga número um desses profissionais: a gordura. Começou a correr em 1915 e logo depois ganhava o Grande Prêmio Derby Club de Rio de Janeiro. Sua estrela — como nos disse — começava a sorrir-lhe bem cedo. Mas aí veio a desgraça, começou a engordar. Indalécio é um paulista vigoroso e embora submetido a todos os regimens seu corpo se tornava cada vez mais forte e pesado. Fez tudo para vencer as glândulas. Chegou a passar fome. Mas de nada adiantava. Seus regimens eram tão violentos que certa vez adoeceu. Quando recuperou a saúde, embora sofrendo como ninguém, desistiu de tornar a montar e empregou-se como tratador. Ainda hoje fala com saudade dos seus anos de jóquei. Indalécio vai dando ao reporter explicações técnicas sobre o "stud":

— Todas as coudelarias da Vila Hípica pertencem ao Jockey Club Brasileiro e são alugadas aos proprietários a razão de cinquenta cruzeiros o "box". Pela nossa, que possui 21 "boxes" pagamos Cr\$ 1.050,00. Cada cavalo dá uma despesa média mensal de Cr\$ 1.300,00.

— Pode dar lucro um esporte tão caro?

Ele nos diz com segurança:

— Pode dar lucro, dependendo, entretanto, de vários fatores, tais como a classe dos animais, doenças, acidentes etc. Veja o que se deu com o cavalo "Condurú", há dois anos. Considerado como ganhador do "Clássico José Calmon", dotação de cem mil cruzeiros, adoeceu de garrotilho na manhã da corrida e tivemos que dizer adeus ao prêmio. O cavalo "Mameré", adquirido apenas por treze mil cruzeiros ganhou duzentos mil cruzeiros de prêmios. Lucro aqui no Jockey Club é incerto, tanto para os proprietários como para os jogadores, como também incerta é a nossa vida aqui dentro.

E arrematou filosóficamente:

— E' isto mesmo. Vida incerta, mas empolgante...



AJUDE-O A RECUPERAR AS FORÇAS

A menos que os pratos tenham bom sabor, o convalescente recusa o alimento de que tanto necessita. Recomenda-se "MAIZENA DURYEA" especialmente para convalescentes, pois além de alimento altamente nutritivo, dá um sabor delicioso às sopas, verduras e pudins.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



56 - TRIANGULO

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 63 — 2.º loja

CUTIS

CANSADA



E SEM VIGO

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE



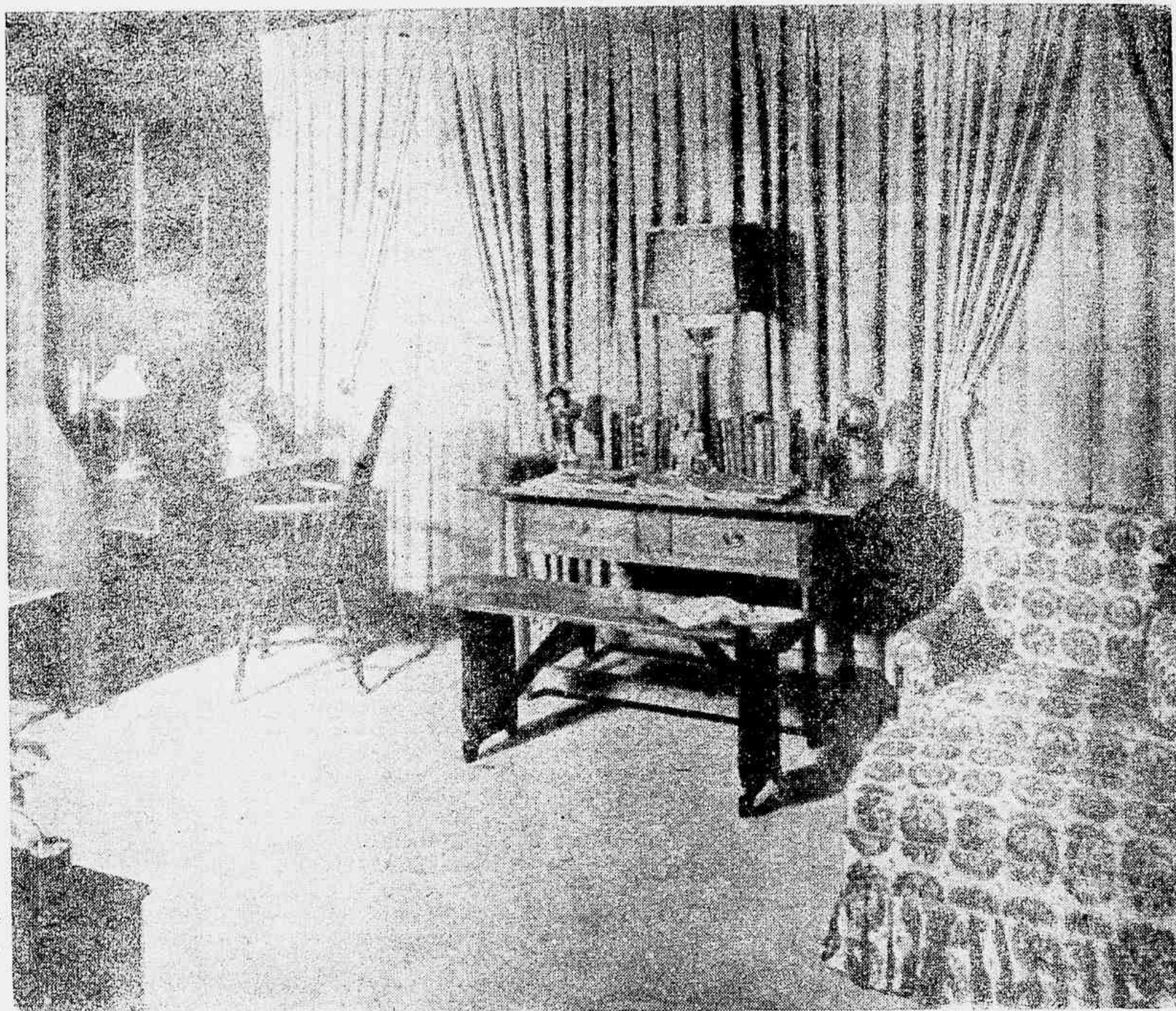
Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

A' venda em
todo o Brasil o

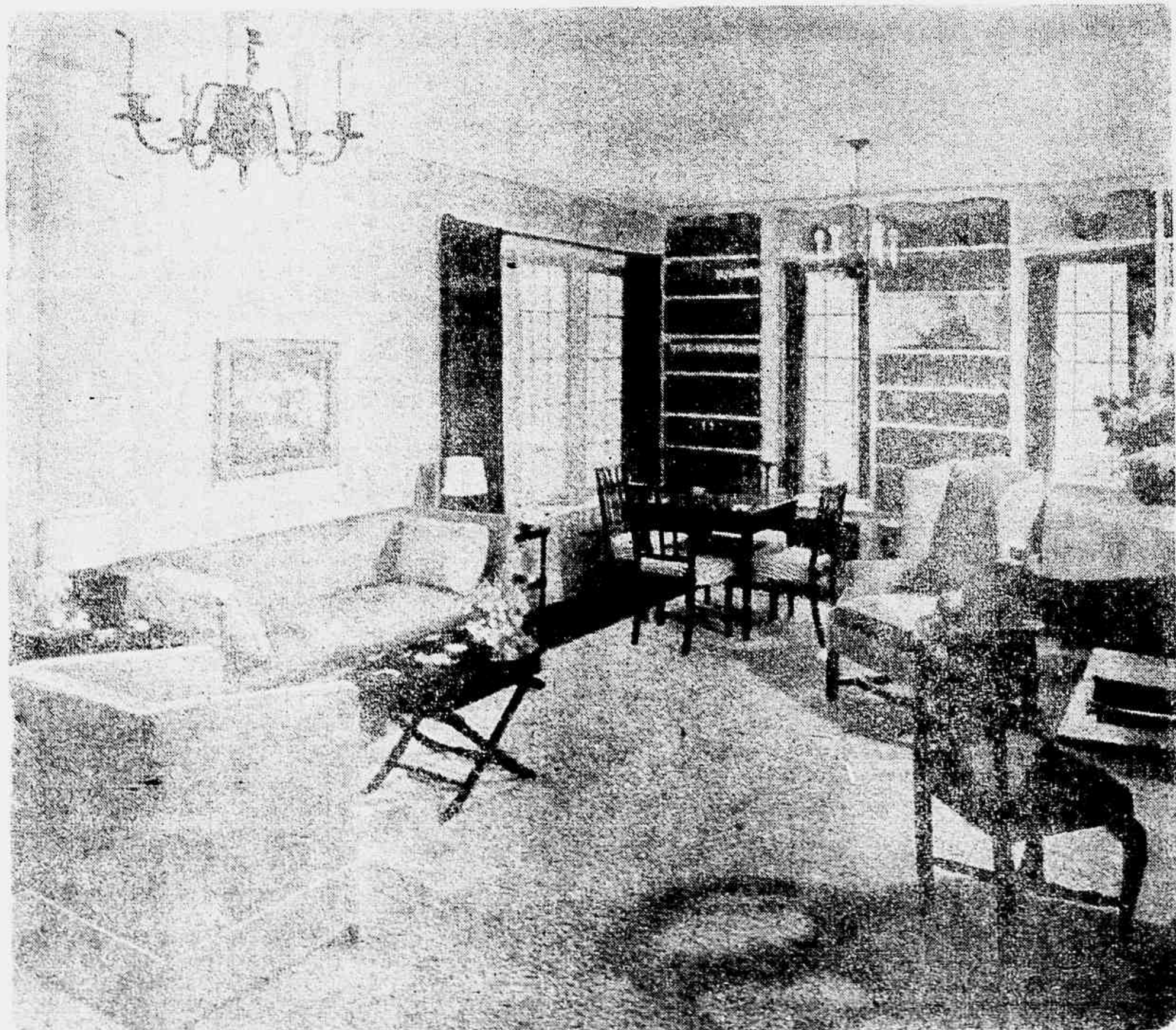
ALMANAQUE
EU SEI TUDO

para 1947



DISTINÇÃO E BOM GOSTO

Arrumar uma casa de maneira a se obter um efeito agradável à vista e ao mesmo tempo conforto, não é tão fácil assim. Há ainda alguns fatores que deve ser observados, como dimensões das peças, aproveitamento do espaço, dimensão dos móveis, cores, etc. No primeiro clichê vemos uma parte de um elegante "living". Aparede dos fundos é toda coberta de cortina verde clara, pregueada, aberta sobre as janelas, onde a cortina é de "voil" bege. Um aparador e banco rústicos são colocados de encontro a essa parede. Poltrona com descanso para os pés de linho estampado. Móveis de estilo combinando com o restante do ambiente. Mais moderno é este outro "living" com suas grandes estantes embutidas. Um canto, há um conjunto para jogos de cartas. A mesa é escura, quadrada, e as cadeiras são ferradas de pano listrado branco e verde. De linhas sobrais e distintas são os demais móveis da sala.





Reproduzimos nesta página um sugestivo modelo para a decoração do seu lar. A sala de jantar Renascença, cuja fotografia acima estampamos, é constituída de móveis de pés torneados e recurvos que dão a todas as peças um encanto próprio e original. Deverá ser confeccionada em madeira escura. O faqueiro, a cristaleira e a mesa são cobertos todos por uma camada de vidro ou cristal, que empresta um traço de modernismo ao mobiliário, sem lhe tirar entretanto as características do estilo.

SALA DE JANTAR RENASCENÇA

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Pravda



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz